

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA  
LISBOA**

**ASPECTOS DA PERSONALIDADE, IDENTIDADE  
E  
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

**CONSIDERAÇÕES À VOLTA DE UM CASO PECULIAR DE POLÍCIA**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao  
INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA**

**Sob orientação do  
PROFESSOR DOUTOR CARLOS AMARAL DIAS**

*António Alves do Rego  
Ano 2000*

ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
Centro de Documentação  
Registo: 14443  
Data: 30/10/2003  
Tel.: 21 881 17 50 • bibispa@ispa.pt

Vol. I

## Nota Prévia

No final deste trabalho que, com entusiasmo e esforço procurámos concretizar, cumpre-nos agradecer a todos quantos nos ajudaram na tarefa.

Ao Professor Doutor Carlos Amaral Dias, pelo interesse e empenhamento com que motivou e orientou este trabalho e pelo brilhantismo, vivacidade contagiante e rigor científico das suas aulas a que, desde 1994, em Coimbra, vimos assistindo "viciados";

À Professora Doutora Margarida Pedroso Lima, pela amabilidade na cedência do Instrumento utilizado neste trabalho, pela disponibilidade e encorajamento prestado para o levar a cabo;

Ao ex-Director, Superintendente-chefe Cunha Lima e ao Director actual da Escola Prática de Polícia, Superintendente-chefe Joaquim Moisés de Sousa Jesus, pela abertura com que receberam a ideia do trabalho, a autorização e apoio dado ao mesmo;

Aos Comissários António Salgueiro Serra e Pedro Moura, pela colaboração dada e disponibilidade nunca regateada;

Aos alunos do curso de formação de guardas nº 07 e curso de subchefes, 034 e 035 que proporcionaram as condições necessárias à concretização do trabalho empírico;

Aos meus colegas, Clara Pracana, Paulo Mariano, Carmo Cabral e Raquel Rego, minha filha, por nunca me terem permitido qualquer desânimo e pelo apoio dado;

À Deolinda que abnegada e entusiasticamente bateu o texto em computador,

A todos o meu muito obrigado.

Entroncamento, 28 de Julho de 2000

*António Alves do Rego*

## ÍNDICE

4 INTRODUÇÃO

### **CAPÍTULO I - PERSONALIDADE**

9 INTRODUÇÃO  
10 PERSONALIDADE  
11 PRIMEIRA TÓPICA OU ESTRUTURA DO APARELHO PSÍQUICO  
34 SECUNDA TÓPICA DE FREUD

### **CAPÍTULO II - IDENTIDADE**

44 INTRODUÇÃO  
45 ACERCA DO EU E DO SELF  
51 IDENTIDADE

### **CAPÍTULO III - FORMAÇÃO POLICIAL**

73 FORMAÇÃO POLICIAL

### **CAPÍTULO IV - INVESTIGAÇÃO**

88 PLANO DE INVESTIGAÇÃO  
89 MÉTODO E MATERIAL UTILIZADO  
94 APLICAÇÃO  
95 COTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS  
110 DISCUSSÃO  
121 BIBLIOGRAFIA

*“Toda a vida é um sonho. Ninguém sabe o que faz,  
ninguém sabe o que quer, ninguém sabe o que sabe.  
Dormimos a vida, eternas crianças do Destino.”*

Fernando Pessoa

## **TRAÇOS DE PERSONALIDADE, IDENTIDADE E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

**CONSIDERAÇÕES À VOLTA DE UM CASO PECULIAR DE POLÍCIA**

## INTRODUÇÃO

O professor Agostinho da Silva dizia que os povos oscilam entre a segurança e a liberdade. Quando têm muita segurança querem liberdade e quando têm muita liberdade querem segurança. O meio termo é sempre instável.

A Polícia de Segurança Pública, desde há muito que vem ocupando as páginas dos jornais que narram casos de intervenção policial. Lamentam uns e enaltecem outros. Do que sente ou não sente o agente policial nada se sabe. Em contraste com diversos estudos psicológicos feitos sobre os ramos das Forças Armadas, não existe uma tradição desse estudo da Polícia de Segurança Pública, no nosso país. Não é então de estranhar que seja insuficiente a compreensão da interacção da polícia com os cidadãos. Para tal incompreensão terão também contribuído algumas acções de violência, inadequada em certos casos, da sua actuação e, de uma maneira geral, a morosidade e, por vezes, a pouca clareza explicativa de tais factos. A comunicação social divulga os vários acontecimentos, como lhe compete, mas nem sempre de uma forma verdadeiramente esclarecedora, não raramente por deficiente investigação.

A Polícia de Segurança Pública é, e não pode deixar de ser, uma estrutura fundamental do país, reflectindo e moldando a organização da sociedade portuguesa num Estado democrático e de direito.

Representando uma boa parte da segurança individual e colectiva dos cidadãos, a polícia está presente na confiança que sentimos ao deambular, rua fora, ou quando na intimidade dos lares. Quando ausente, não deixa de estar presente, presença imaginária, que preenche a mente do pacato cidadão e, de modo diverso, a mente do que se marginaliza ou é marginalizado, por comportamentos anti-sociais, do larápio e do delinquente.

Tratando-se de uma força de segurança para a defesa das pessoas e dos seus bens, seria de estranhar que sobre a PSP não surgissem reparos e louvores sobre o seu desempenho, sabido que é, e é geralmente aceite, que a

população frequentemente generaliza o que é pontual ou particular, tal como particulariza o que é generalizado.

Porque lida com pessoas e a polícia é composta por pessoas, a sociedade exige de todos e de cada um dos seus profissionais um tratamento humanizado e adequado, satisfatório, firme, isto é, que faça o bastante, que cumpra e não transgrida a lei que defende.

Que pessoas são os polícias? Que personalidade têm?

Um estudo dos direitos dos cidadãos em Portugal (3. 90) refere alguns paradoxos respeitantes à segurança das pessoas e à independência dos tribunais face ao governo. Das pessoas entrevistadas, 31% disseram que a independência dos tribunais existe, mas 45% dos entrevistados, cerca de metade, não acha essa independência importante. Diz o estudo que, sem a independência dos tribunais, a polícia poderá sempre continuar a abusar, a desigualdade dos sexos pode perdurar e os julgamentos com rapidez para pouco servem. Por outro lado, que, se os cidadãos não se apercebem dos direitos que têm, é porque não existem na prática e que, se assim é, não se sentem de facto a viver num Estado de direito. Será por isso que "a agressividade da conduta policial também terá de ser entendida no quadro do bloqueamento judicial".

O estudo em referência dá uma imagem da polícia como sendo visivelmente mais agressiva devido a sentir que, se não actuar, violentamente, não conseguirá assegurar nem exercer a sua profissão. Tem uma tal actuação por falta de preparação profissional sobre os direitos, além disso, é sensível aos efeitos da classe social e do poder, é uma polícia de quem se desconfia por manifestar desinteresse pelos cidadãos.

A justiça, além de ser morosa, dizem os estudos em causa, não pune os "pequenos" delitos, os roubos, os furtos, assaltos de rua, o vandalismo, que são os mais frequentes, os que têm aumentado (referência a 1987) e que são aqueles a que a maioria dos cidadãos são mais sensíveis. E porque a justiça não pune, então a actuação policial é do estilo "antes que não te aconteça nada, levas já". A polícia, reagindo de forma "delinvente" está a agravar a insegurança dos cidadãos.

O estudo refere, de Miguel Sousa Tavares; "Uma esquadra de polícia deveria ser (por natureza) o sítio mais seguro do mundo. Se, em lugar disso, se transformar num local onde a integridade física dos cidadãos corre perigo – e tanto maior quanto mais indefesos de conhecimentos e influências – é por que obviamente se confunde o essencial".

O objectivo do presente trabalho de tese, que diz respeito à finalização do Curso de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica, 1997/99, é o de apresentar Traços de Personalidade, Identidade e Experiência Profissional – considerações à volta de um caso peculiar de Polícia, trabalho fundamentado em dados colhidos na Escola Prática de Polícia, em Torres Novas, em Junho de 1999.

Nele procuramos investigar e avaliar sinais de perturbação comportamental dos profissionais de polícia, em diversos domínios e facetas da sua personalidade, controlando variáveis como a idade, sexo, habilitações literárias e o facto de terem sido ou não militares, antes de ingressarem na PSP.

O tema do trabalho surgiu-nos ao lermos o estudo atrás referido e o que de imediato, transcrevemos: "... muitos de nós lidam consigo e com os outros de uma forma desamorosa. Apesar disso, também estes querem amor. Outros, pelo contrário, rejeitam essa necessidade e, na medida em que esta se torna fatal para o indivíduo, tais pessoas colocam a todos nós em perigo. (...) As hostes da Securitate de Nicolae Ceausescu, que procediam contra o povo romeno da mais brutal das formas, foram recrutados entre órfãos. De uma forma sistemática, aqueles que cedo foram deformados pela privação de amor e viveram o desespero mais profundo eram educados a matar." (in Falsos Deuses, Arno Gruen, 1987, pág. 13).

Embora sem dados rigorosos que sustentem o nosso parecer de que os jovens que se candidatam à PSP fazem a sua opção profissional, fundamentalmente, por razões económicas e de segurança no emprego, admitimos que outras razões assistirão à sua candidatura.

A função policial é complexa e chega mesmo a ser paradoxal. A formação dos novos agentes e subchefes, não sendo porventura a ideal, ela é

a melhor possível, dentro dos condicionalismos da formação profissional no nosso país e tem produzido melhorias substanciais, testemunhadas pela população portuguesa que já não crê que "Só Lisboa é Portugal e o resto é paisagem".

Talvez que a relativa importância deste trabalho esteja não em tratar do aspecto sociológico da actuação policial, mas em tentar reflectir o desabrigo psicológico que agentes da polícia, eventualmente, vivem e sentam, dado que sobre eles incidem os "olhares desconfiados de cidadãos".

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, abordamos a personalidade de uma forma descritiva, na perspectiva freudiana. Surge depois o segundo capítulo onde abordamos a identidade, como se forma ou cria esse sentimento, a importância que tem para o ser humano, numa perspectiva dinâmica, segundo Grinberg e Coimbra de Matos, fundamentalmente. Seguem-se alguns dados sobre a formação profissional da PSP na Escola Prática de Polícia, em Torres Novas, onde cada aluno custa ao estado cerca de dois mil contos (1850 c).

No quarto capítulo damos conta da nossa investigação e, finalmente, procedemos à discussão do trabalho. Que ele seja a gota de água que transborde para novas e conclusivas investigações futuras, já que a sociedade precisa de ter bons profissionais de polícia, homens e mulheres que se expõem para nossa defesa e segurança e que, também por isso, merecem o nosso respeito e estima; que seja uma gota de água na compreensão da relação polícia-cidadão

Algo vai mal quando cerca de 74% das vítimas de vários atentados não se queixa à polícia porque, dizem que "a polícia não poderia fazer nada" (3.90) e são 46% as pessoas que o dizem.

## **CAPÍTULO I**

# **PERSONALIDADE**

## INTRODUÇÃO

Desde sempre, o homem tentou conhecer e descrever a conduta ou desempenho do seu semelhante, baseado na observação e nas suas crenças, com critérios sempre provisórios, sempre discutíveis, razão pela qual proliferam mil e uma definições e criteriosas categorizações de personalidade, tantas quantas as perspectivas filosóficas e científicas adoptadas através dos tempos.

Neville Symington (67. 39) diz que o mundo, tal como nós está em pedaços e que a junção desses pedaços num todo coerente, constitui a ciência do significado. Sendo assim, personalidade é uma massa de pedaços que a psicanálise procura reunir. Este autor, Symington, transcreve de Teilhard de Chardin:

“Peguei na lanterna e, saindo das zonas das ocupações quotidianas e relações nas quais tudo parece claro, descendi ao meu eu mais profundo, mergulhei no fundo do abismo donde pressinto que emana o meu poder de acção. Mas à medida que me afastava das certezas convencionais que iluminam superficialmente a vida social, apercebi-me que estava a perder o contacto comigo mesmo. A cada passo da descida uma nova pessoa era descoberta em mim, de cujo nome já não estava certo, e que não mais me obedecia. E quando tive de parar a minha exploração, porque o caminho que trilhava começou a desaparecer debaixo dos meus pés, encontrei na minha frente, um abismo sem fundo.”

Sendo o nosso objectivo reflectir sobre o conceito de personalidade, por ser o alvo da presente dissertação e do trabalho de campo, visando uma melhor compreensão do comportamento dos Agentes de Polícia de Segurança Pública, procuraremos indagar, numa perspectiva dinâmica e freudiana, que força é essa que põe Agentes de Polícia de mal com os outros e de mal consigo, que força os impele às reacções que têm.

## PERSONALIDADE

A palavra “personalidade” tem a sua origem no étimo grego “Persona” que significa “máscara de teatro”.

Assim sendo, o conceito de personalidade parece estar ligado ao papel desempenhado pelo actor, num determinado contexto da vida, inclusive, perante um público, em interacção social.

A máscara é a personalidade transformada na personagem que transforma a sua fisionomia.

A pessoa que é, não é uma mascarada nem se reduz ao personagem, é uma personalidade, porque se o verdadeiro Self for mascarado, deixa de ser verdadeiro.

A personalidade é a expressividade humana, revelando a organização dinâmica do seu mundo interior. Ora, sendo o humano um ser para a morte, bio-psico-socio-cultural, mesmo que biologicamente fosse resultado de clonagem, não seria e não é igual a ninguém – não sendo igual é, contudo, semelhante – devido aos demais factores que para ele concorrem.

Deste modo, cada qual exprime sempre qualquer coisa que lhe é próprio, a sua expressividade. Expressividade, significação, acção, movimento e gesto. No movimento, que é o mesmo, são os gestos que são próprios de cada um. Então, personalidade é como que o selo pessoal da expressividade de cada qual, ou seja, é um conjunto de características atribuídas por observadores externos e pelo próprio indivíduo, o que faz com que este se reconheça, tenha uma ideia de si mesmo.

Eis o humano actor e autor no dinamismo que lhe é próprio, intra e interactivo e relacionado.

Efectivamente, tal como o padre Teilhard de Chardin o fez, cerca de cinquenta anos, após Freud o ter feito, quando saímos das zonas da positividade e superficialidade e mergulhamos no negativo freudiano que Amaral Dias\* expande, encontramos uma nova pessoa em nós (a mais velha

---

\* Reportamo-nos à obra O Negativo – ou o Retorno a Freud, de Fim do Século, Lisboa.

de nós e em nós sempre a mais presente) que não nos obedece, nos tira o sono, nos surge em sonho e, sem lógica, nos cria situações de irritação, de angústia, de confusão mental – é a nossa parte inconsciente que é regida por uma outra lógica, a lógica simétrica.

A palavra inconsciente foi usada pela primeira vez por Leibniz cujo significado foi aprofundado, cerca de cento e cinquenta anos depois, por Freud. Efectivamente Freud ao elaborar uma teoria do psiquismo humano trouxe para a psicanálise que criou, um conjunto de construtos, sem os quais seria incompreensível o funcionamento da mente humana e a sua expressão comportamental, a personalidade.

#### PRIMEIRA TÓPICA\* OU ESTRUTURA DO APARELHO PSÍQUICO

O consciente pode ser definido como uma função mental constituída pelos pensamentos, sentimentos e emoções de que, em determinado momento, um indivíduo tem conhecimento e que estão dentro da consciência. Assim, por exemplo, se o indivíduo estiver a pensar num livro e souber o seu nome, ou o autor do mesmo, isso é consciente.

O inconsciente é, então, no conceito popular do termo tudo aquilo que não está no consciente. Para Freud, porém, os elementos inconscientes são de duas espécies:

Uma primeira espécie é composta por elementos que, excedendo a capacidade do nosso foco de atenção, por representação simultânea, estão contudo disponíveis e presentes na consciência: São ou constituem, o pré-consciente. Por exemplo, o indivíduo que, sabendo o autor do livro X, está mentalmente ocupado com determinada tarefa mas, ao ser-lhe perguntado o autor do citado livro, ele di-lo correctamente.

---

\* Do grego “topos”, lugar.

A segunda espécie de elementos inconscientes é constituída por elementos que não afloram à consciência nem espontaneamente, nem por qualquer esforço da vontade. São os elementos desconhecidos, decalcados, que só a psicanálise pode ajudar a recuperar e que são fundamento das chamadas psicoses e neuroses de que adiante, ainda que de forma reduzida, falaremos.

Existe entre o sistema pré-consciente/consciente e o sistema inconsciente uma fronteira que é lugar da censura. Também se pode conceber como uma segunda censura a resistência que se verifica na passagem de elementos do pré-consciente ao estado consciente, de que são exemplos os vulgares esquecimentos, os actos falhados, os lapsos e os sonhos. O esquecimento de nomes está associado a lembranças ou a impressões mentalmente dolorosas que, por isso, são censuradas. Daqui se depreende que, não é só o nome que é afastado da consciência, mas também um conjunto de representações que a ele alude e a que está ligado.

O acto falhado, os chamados lapsos, têm idêntica fundamentação, sendo que, o lapso não é censurado, é uma fuga à censura, onde o que deveria ser reservado e guardado, rompe todo o esquema da censura: Não raro, é expressão contrária daquilo que se pretende dizer ou fazer. O acto falhado resulta pois da frustração de um querer por um "contra-querer". Como exemplo, temos um indivíduo que querendo falar com a amante, com mais ou menos frequência, marca o número do telefone da esposa. As condições e os processos que intervêm na formação dos actos falhados, encontram-se, com algumas diferenças significativas, ao nível dos sintomas neuróticos. Os actos falhados surgem em determinadas circunstâncias, são instantâneos e mais ou menos isolados. Os sistemas neuróticos também são determinados por elementos ou representações subtraídos ou excluídos da consciência, mas de uma forma mais radical, de grau mais elevado. Assim surge a noção de recalçamento. É que a tendência do psiquismo humano é a de evitar a dor e o desprazer, razão pela qual afasta da consciência certas representações.

Freud ao analisar o caso autobiográfico do presidente Schreber trouxe à psicanálise diversos construtos dos quais salientamos: o recalçamento, a

forclusão e o desmentido, para além de outros, inclusive a negação e a deformação.

Que acontece na consciência com o recalçamento? Tomemos como exemplo um livro. Várias páginas escritas, mas numa página nota-se, a determinada altura, uma palavra que desapareceu, ficando o seu lugar vazio. Isto é sinal de que, não estando lá, no lugar onde se esperava que estivesse, a palavra, por qualquer razão, foi parar a outro lado. O produto que esteve lá (a palavra) é da ordem do recalçado, do reprimido. De facto, qualquer adulto pode constatar que, grande parte da sua vida, dos seus pensamentos, emoções e desejos, durante a infância, por mais esforço que faça, não se consegue lembrar, não tem consciência deles – é como se uma cortina opaca nos impeça de ver, de ter consciência disso, esquecemos tudo – é a amnésia infantil. Por que será? Porque o que lá estava “escrito” era intolerável à consciência. A criança tinha de esquecer, porém com um efeito curioso, como no caso do livro: o que era reprimido num lado, ficava num outro, ficava no inconsciente. Contudo, o que era esquecido tinha uma relação com o inconsciente, assim, por exemplo, o sintoma neurótico na histeria (fenómeno de perturbação mental, hoje muito raro): Uma paciente pode queixar-se, por exemplo, de surdez, surdez histérica. Perante o tal sintoma, desde que medicamente não apresente alterações físicas, dignas de reparo, no aparelho auditivo, é possível pensar-se: Que coisa é que a pessoa ouviu ou esperava ouvir, que não podia ter ouvido, e que por isso não lhe permite ouvir? Ora, como o sintoma apela para qualquer coisa escondida – o que era esquecido, a palavra, que estava e que não está no lugar tinha uma relação com o inconsciente - o que está a ser escondido, está a ser mostrado, está a ser mostrado o caminho para investigação e intervenção psicológica.

O recalçamento é então um mecanismo de clivagem do sistema relacional e representacional: Dissocia um afecto e uma representação, ficando o recalçado com o lugar e função da insistência, insistência essa exercida através do sintoma, através da falha, evocando o lugar negativo e o produto recalçado que persiste.

Acontece que, quem não pode negar, não pode reprimir e, quem não pode reprimir, não pode organizar (n) o aparelho psíquico os aspectos da dupla representação.

A negação serve então para que o sistema consciente funcione. Um paciente de Freud contou-lhe certo dia, na análise, que teve um sonho – sonhei com uma mulher que se parecia com a minha mãe, mas não era a minha mãe. Claro que era sua mãe, disse Freud. É que uma negação é uma forma de afirmação, uma afirmação que opera sobre um desejo, Uma negação é uma afirmação negada porque na barreira de contacto, qual moeda de duas faces: A cara indicia a coroa – como no sonho, misturam-se consciente com inconsciente. Sonho que é uma regressão tópica, de que adiante falaremos.

Quando um indivíduo acorda de um sonho, umas vezes recorda-se do que sonhou e, outras vezes, não só não se recorda do sonho como nem se recorda de ter sonhado. Quando o indivíduo acorda, lembra-se mas não pode ser assumido o conteúdo do sonho, não pode tomar consciência dele pois seria demasiado doloroso e então defende-se pela obstrução da lembrança, negando. Uma negação é assim, uma forma de uma pessoa admitir algo mas negá-lo. A negação permite-nos, a um mesmo tempo, estarmos próximos e estarmos longe do objecto originário.

Quando não há capacidade de negar, os mecanismos que vêm ao de cima são mais complicados. Eis a forclusão, mecanismo das psicoses.

Se, o recalçamento e a negação, nos dão conta das virtuosidades e capacidade do sistema inconsciente, a forclusão é de todo o mais radical mecanismo de defesa.

Forclusão é um termo de origem francesa que é utilizado na linguagem jurídica. Diz-se que um processo que esteve em tribunal foi forcluído, quando as razões da sua feitura e apresentação ao tribunal foi tida como nula, inapropriada, sem legitimidade, de nenhum efeito e sem razão de ser, de ser tratado, pensado e/ou julgado: Processo forcluído é como se nunca tivesse existido, ao contrário do processo arquivado, por falta de prova. Do processo arquivado há sempre um registo de que o processo existe ou foi existente. Do

processo forcluído não há qualquer registo de que exista ou tenha existido. É o não existente, o nunca ter existido.

A forclusão como mecanismo mental caracteriza a mente psicótica. Para Bion, a forclusão é a intolerância radical do sujeito a uma verdade que ele não pode conter. Efectivamente, por isso, o psicótico destrói a verdade-realidade, ou seja, aquilo que é, o real nunca existiu na sua mente psicótica. A psiquiatria dirá, a respeito do discurso psicótico, que se trata de uma reconstrução delirante do passado do sujeito e, eventualmente, que a mente psicótica é irreduzível à argumentação lógica.

Entendemos por argumentação lógica, aquela que nos permite, por exemplo, dizer que a distância de A para B, é a mesma de B para A - lógica simétrica entre A e B, pontos no espaço - e que um isqueiro acende um cigarro mas, que um cigarro não acende um isqueiro - lógica assimétrica. A lógica de todos os dias das pessoas ditas normais, sem perturbações mentais graves, é uma lógica composta, simétrica e assimétrica, ou seja, é a lógica bimodal, de Matte Blanc.

De facto, a mente psicótica é irreduzível à argumentação lógica porque o psicótico utiliza a lógica, não pode haver comunicação lógica do inconsciente, a lógica simétrica, onde, se o isqueiro acende o cigarro, o cigarro acende o isqueiro. Na lógica simétrica a palavra-símbolo, não coisa, passa a palavra-coisa. Daí ser inútil intervir junto de uma mente psicótica através da positividade do seu discurso.

O que se passa na forclusão é o aspecto onnipotente da mente do indivíduo de não só anular, sem deixar rasto, um acontecimento, como também o aspecto divino/omnipotente de um deus criador e para si criar uma realidade outra, irreal, e, apropriando-se dela, fazer um mundo à sua imagem e semelhança. O psicótico é um indivíduo que não só rompe, como também destrói a verdade, destrói a realidade. Se, na relação sujeito-objecto, a realidade é aquilo que está separado do sujeito, é aquilo que é, o psicótico destruindo a verdade, verdade e realidade são uma e a mesma coisa, então destrói a realidade. Como exemplo de forclusão: Um paciente vai fazer análise e diz que seus pais (pais biológicos com quem vive desde sempre e há mais de

vinte anos) não são os seus pais e que seus pais são, nem mais nem menos, o casal Clinton. E nesta radical convicção, vai efectivamente, aos Estados Unidos da América, à Casa Branca, para falar com o presidente Clinton. Não tendo conseguido falar com o pai-Clinton, regressou mas não mudou de convicção, não transformou as suas ideias e emoções a respeito do seu drama. A onnipotência da mente deste paciente consistiu em forcluir seus verdadeiros pais e criar uns novos pais, que seus pais nunca o foram. A forclusão é, em nosso entender, "um buraco negro", abismo sem fundo do inconsciente.

O desmentido é um mecanismo de defesa onde há um conhecimento de algo implícito que não pode ser admitido. No desmentido é negada a relação ao real, real esse de que o indivíduo está a ser acusado. O indivíduo não nega o real, mas o que dizem que ele fez. Assim, por exemplo, o pedófilo desmente a diferença de gerações, nega a relação ao real e não esta, a idade da criança e a sua. "Desminto as afirmações de que..." ou seja, procedo como se não fosse verdade. Eis como, outro exemplo, no desmentido está um conhecimento que não pode ser admitido. Desminto algo que sei. O que desminto é a minha relação ao real. "Eu não estou louco, meu pai é que diz que estou louco". O indivíduo não está a negar que está louco, está a desmentir que, segundo o pai, esteja louco.

O sonho é, para Freud, uma realização alucinatória do desejo, que surge de maneira mais ou menos camuflada. Assim, a pessoa que tem sede, fome, que está sexualmente frustrada ou que tem a bexiga cheia, sonhará que está a satisfazer essas necessidades, sonhará que está a urinar, etc.. Os estímulos internos, e/ou externos e acontecimentos que estão na memória do sujeito influenciam e intervêm no sonho. De facto o sonhador, ao sonhar pode, por exemplo, incorporar no sonho os cheiros que sente. Pode sonhar que vai a uma perfumaria; o toque do despertador, pode ser anexado no sonho, transformando-o em toque de sirene dos bombeiros. Por vezes, sonha-se incorporando no sonho aspectos de uma conversa que se teve antes de adormecer.

Se no sonho da criança tudo isto se torna mais ou menos normal, no adulto, o desejo encontra-se mais ou menos escondido no sonho, porque, se

aparecesse claramente expresso, perturbaria de tal forma a pessoa que acordava. O sonho é o guardião da saúde mental, dormimos para podermos sonhar, podermos descongestionar a mente. No sonho há um conteúdo manifesto e um conteúdo latente.

Os sonhos procuram iludir a censura através de fenómenos de disfarce, tais como: transformação, condensação, deslocamento, representação de algo pelo seu oposto e, mecanismos de compulsão à repetição.

Verifica-se nos sonhos que o inconsciente não tem tempo, o passado pode surgir como futuro ou presente e vice-versa, utiliza uma lógica simétrica, o diferente pode ser transformado no igual, a mulher pode ser transformada no homem, o novo no velho, o que é transformado no seu contrário. Pela condensação, o sonhador desempenha todas as funções no sonho, é o realizador do filme/sonho, o actor, o argumentalista.

A função da censura, no sonho, é a de impedir que o desejo atinja a consciência, enquanto que este luta para se expressar. A censura contudo, força o desejo a transformar-se. Como exemplo de condensação eis que o indivíduo X tem um sonho onde lhe surge um homem que lhe parecia ser a combinação de dois homens que ele conhecia. Ao reflectir sobre o sonho lembra-se que um deles era de Lisboa e que o outro de Coimbra. Continuando a reflectir tentou encontrar relação entre ambos e chegou à conclusão de que ambos eram divorciados e o homem do sonho era o próprio sonhador que efectivamente estava a tratar do processo de divórcio. O deslocamento consiste em deslocar algo importante para algo aparentemente banal ou o inverso e é frequente, no sonho, representar algo pelo seu oposto.

Entre os chamados traumatizados de guerra é frequente terem sonhos repetidos de situações perigosas que viveram. Nestes casos, tais sonhos nada têm a ver com a realização do desejo. Em tais sonhos o que se verifica é o mecanismo da compulsão à repetição.

## ACERCA DOS INSTINTOS

À volta do conceito de Instinto muito se tem especulado porque são inúmeras as perspectivas de diversos autores sobre tal conceito. Para uns, ao desenvolvimento da inteligência corresponde a atrofia dos instintos; outros são de opinião de que os instintos têm um papel fundamental e determinante no comportamento humano; para outros ainda, as acções instintivas provêm do conhecimento herdado e citam comportamentos de animais. Ora, se um comportamento é herdado o que podemos dele dizer é que não é adaptativo porque o instinto é incapaz de se adaptar ao ambiente, em permanente mudança. Não será polémico afirmar que a inteligência humana é que tem adaptado o ambiente às suas necessidades. Para Freud, o instinto não era do conhecimento directo do indivíduo, mas inferido através do seu representante, um certo estado de ânimo. Acresce à polémica sobre o instinto as traduções da obra de Freud da palavra alemã *trieb*. Parece mais consensual que Freud utilizava *instinto* (*instinkt*) quando se referia a animais e *pulsão* (*trieb*) quando se referia a humanos. Nesta perspectiva utilizamos a palavra *pulsão* que, para Freud, é um conceito fronteiro entre o mental e o somático, ou seja, algo que une os dois aspectos do humano. De facto, qualquer acontecimento físico que ocorra no corpo tem sempre um equivalente psíquico na mente do indivíduo. A fonte ou origem da *pulsão* é localizada no processo somático e o seu alvo é reduzir a excitação corpórea, ou seja, estado emocional de desprazer, em ordem à satisfação. Mas um alvo para ser atingido é necessário um objecto que o atinja. Que objecto entra em contacto com o organismo para satisfazer a *pulsão*? Toda a actividade e não só uma determinada coisa ou condição, que intervenha entre o aparecimento do desejo e a sua satisfação é considerada objecto.

Assim Freud construiu uma teoria homeostática do psiquismo (teoria da constância – Fechner – ou princípio de Nirvana). Contudo, cedo constatou que uma tal teoria não explicava aquelas ocasiões, por exemplo, da actividade sexual, em que o prazer também está associado ao aumento de tensão, da excitação e não só na descarga.

Inicialmente Freud distinguiu estímulos ou impulsos de pulsão, sendo estímulo ou impulso um único impacto que desencadeia uma só acção e a pulsão uma fonte constante de actividades padronizadas.

Para Freud, no decurso do desenvolvimento da espécie, os estímulos externos exigiram que os organismos desenvolvessem pulsões e aqueles organismos que tivessem pulsões estariam mais aptos a sobreviver, porque isso significava que estavam equipados com uma intencionalidade semi-inata a qual se mantinha constante. Distinguiu entre estímulos ou impulsos e pulsões mas não fez distinção entre estas. As pulsões seriam quantitativamente iguais e as diferenças qualitativas eram atribuídas às quantidades de excitação de origem somática. Mais tarde (por 1905) fez uma divisão das pulsões, em função da sua origem, em virtude de diferenças qualitativas.

Posteriormente, ao falar de Eros e do instinto da Morte, diz que deve existir algum outro factor misterioso que faça a diferença, para além do aspecto quantitativo.

Na divisão das pulsões segundo a sua origem, Freud concebeu duas pulsões principais; as pulsões do Ego ou de autoconservação e as pulsões sexuais.

O conflito de interesses entre umas e outras, as exigências que cada uma delas faz, são fonte de conflito, de um permanente estado de guerra e isso é manifestado de forma muito particular na neurose obsessiva e na histeria: O indivíduo é a preocupação principal e a sexualidade é uma das suas necessidades; por outro lado, o processo de geração é primário e o indivíduo é o seu apêndice temporário.

Freud concebe as pulsões no interior da personalidade e o conflito entre as principais pulsões que lutam pela dominância. As demais pulsões são consideradas secundárias ou componentes das principais.

De facto, constata-se que, nos primeiros anos de vida, de adaptação e de luta do indivíduo, a sexualidade, sendo uma necessidade, não é uma preocupação principal e o sexo é encarado como subserviente às necessidades e ambição do próprio indivíduo. Assim é tido, frequentemente, pelos adolescentes e jovens adultos. Eu se não respirar ou não comer, morro

mas se não fornicar, posso andar mais bem disposto ou mal disposto, mas não morro. Durante a crise da chamada meia-idade, parece verificar-se uma mudança ou alternância, passando o processo de geração a dominante.

“As principais componentes das pulsões são: sadismo/masochismo, voyeurismo/exibicionismo, amor/ódio e a relação do ódio com as pulsões do Ego”. Constata-se que, de facto, não pode existir um sádico se não houver um masoquista, um “faz” o outro, por vezes dentro do próprio indivíduo.

O sadismo é o prazer de infligir dor, de exercer violência sobre outra pessoa. Numa primeira teoria, Freud considera o sadismo como primário e o masochismo como resultante da inversão da pulsão, onde a pessoa ainda tira da situação um prazer sádico pela identificação com a pessoa que tortura. Assim sendo, o masochismo é um sadismo direccionado para um objecto particular.

O sentimento de pena ou de piedade por um objecto é uma formação reactiva (reversão para o oposto, como defesa) contra o sadismo de tal forma que o indivíduo não experimenta conscientemente a pulsão primária. O sentimento de pena ou de piedade contém um julgamento final, é sádico embora o indivíduo não tenha disso consciência.

O sentimento de pena ou de piedade, por exemplo, “dar esmola ao pobre”, é confirmativo do estado de dificuldade económica, do estado de pobreza existente. A dádiva mostra, pelo seu lado negativo, não só um julgamento final, como também que nada pode ser feito, que a situação é inalterável. Assim sendo, não é de esperar que o pobre se desenvolva e busque outro nível de crescimento, face às dificuldades económicas. A pena é cruel, destruidora e, quando ronda o amor, torna-o inseguro.

## ACERCA DA SEXUALIDADE

“Na experiência e na teoria psicanalítica, “a sexualidade” não designa apenas as actividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de actividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer na satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.) e que se encontram a título de componentes na forma dita normal do amor sexual “ (45. 619).

O aleitamento é para o bebé uma ocasião de apaziguamento da sua necessidade de alimento, de contacto físico e afectivo com a mãe. O prazer físico da mucosa bucal do bebé é uma experiência voluptuosa que ele conhece desde tenra idade. Nessa ocasião, com a satisfação dessas necessidades ligadas ao prazer oral, a criança recebe as mensagens afectuosas do seio, como fonte de satisfação e também de privação ou sofrimento, de amor e de raiva, conforme ela é pronta ou tarda no alívio da fome.

A primeira experiência de satisfação deixa um rasto mnésico o qual, quando a tensão (necessidade) renasce, evocando um acontecimento passado, tem carácter alucinatório ou seja, a evocação mnésica do facto passado, para o bebé, é percepção do acontecimento presente. É assim a representação da pulsão. O carácter compulsional, entre a lembrança e percepção, entre o objecto imaginário e o objecto real, só será esclarecido com o confronto do princípio do prazer e princípio da realidade.

Quando mais tarde o bebé adquire o controle voluntário da musculatura e começa a andar, a defecção vai associar-se a um prazer, independentemente da satisfação da necessidade que representa. A sede do prazer é a mucosa anal e, a sua excitação advém da acumulação e pressão das fezes. É a fase anal em que a criança começa a dispor de um controle interno, em que pode retardar ou expulsar as fezes e de um controle externo (a mãe).

Se, por lado, a restrição lhe provoca ou pode provocar algum sofrimento, também lhe dá prazer, tornando-se a defecção o centro da relação bebé-mãe. É um prazer auto-erótico, tal como, na fase oral, o é chupar o

pulgar. Esta nova relação surge como renovação do vínculo com a mãe, vínculo esse abalado pelo desmame. É nesta fase que a criança vai fazer a aprendizagem da higiene, é nesta fase que lhe vai ser pedido que faça certas coisas que ela pode aceitar ou não e a criança pode conformar-se ou não pondo em perigo a sua relação. Frequentemente a criança é recompensada com sinais de satisfação e elogios que confirmam e reforçam o amor materno, podendo a criança contrariar os adultos que a rodeiam, vingar-se da mãe, etc.. As fezes podem ter um valor positivo se são objecto da expectativa materna, se "presente" feito para a mãe e, têm valor negativo e agressivo, quando desagradam à mãe.

É neste período de tempo que a criança começa a tomar conhecimento com as exigências e limitações da vida em sociedade e onde a moral de fazer o bem é iniciada, é a chamada moral esfínteriana de submissão ao desejo da mãe, como meio de manter intacto o seu amor.

A fase oral e anal permitem à criança experiências de aquisição, de conservação e de rejeição do meio envolvente. As experiências posteriores jamais perderão a marca das suas origens, pelos menos, ao nível do inconsciente.

Assim, a avidez e a dependência têm carácter oral e, a ordem, a teimosia e a parcimónia têm carácter anal.

A actividade na fase oral é incorporar e, na fase anal, é reter e defecar. Cada uma das fases, pela matriz que inscreve, não só influencia como também define um modelo relacional com os objectos externos, sendo transponível para outras actividades.

O carácter sexual destas fases, o prazer experimentado pela criança nas regiões oral e anal, reencontra-se, na sexualidade do adulto, como jogo ou condimento mais ou menos importante nos preliminares e na cópula (carícias localizadas, beijos, etc.). Por outro lado, tem um papel importante nas primeiras concepções da criança, relativamente à vida sexual dos adultos e á procriação, para além de se constatar, em certas práticas, por vezes para atingir o orgasmo, na sodomização, por exemplo. Finalmente, o neurótico, quando em análise, descobre o significado sexual dos seus sintomas e é conduzido, a

partir daí a remontar às actividades infantis orais e anais por continuidade. Foi porque constatou que, de uma representação a outra, de um modo de satisfação a outro, de uma região do corpo a outra a mesma espécie de interesse de natureza sexual que Freud criou o conceito de libido\* para corresponder ao aspecto psíquico das pulsões sexuais. A libido é a expressão psíquica de toda a forma de desejo, tensão que nasce ao nível somático.

### ACERCA DA CRISE EDIPIANA

Por volta dos três anos de idade, a zona genital propriamente dita, começa a tornar-se zona erógena, correspondendo à fase fálica. Não é que a referida zona, antes dos três anos, não seja local de excitações agradáveis: por vezes, bebés de peito têm erecções mas, nessa altura, as experiências vividas ao nível oral e anal, lançam para segundo plano as emoções genitais. O clitóris e o pénis equivalem-se e são sede de excitações e sensações agradáveis. É a idade onde a curiosidade relativamente ao papel do pai e da mãe na procriação aparece. O pai assume grande importância, grande significado. Até então, a relação da criança com o meio era feita, fundamentalmente, através da mãe: A criança depende material e efectivamente da mãe e estabelece com ela um vínculo. Na medida em que for amada pela mãe, as suas necessidades são satisfeitas e, para ser amada, a criança precisa de conformar-se com as suas exigências e desejos.

A sua maior angústia é que o vínculo possa ser destruído, destruído pela agressividade e raiva dos momentos de frustração. A forma de obstar a tal perigo é interiorizar e fazer suas as exigências e os desejos da mãe, de tal modo que se tornem parte de si mesma. É a primeira identificação que, no rapaz, se perdurar, podem perturbar o acesso á realidade. Contudo, nunca se resolve completamente. O pai surge aqui como um terceiro, comprometendo a relação dual e exclusiva com a mãe. Isto, é para a criança causa de sofrimento,

---

\* Do latim : vontade, desejo.

mas também de libertação, na medida em que, deste modo, escapa ao aniquilamento da relação com o mundo. A criança libidinalmente radicada na relação com a mãe, constata agora que a vida libidinal da mãe não está centrada nela. Neste momento a libido da criança orienta-se para a zona genital e isso também faz com que se lhe torne evidente que não é o único objecto de amor da mãe e que, sob pena de a perder, não a pode submeter ao seu próprio desejo porque ela ama também o pai.

O pénis é para o rapaz polo de excitação e de sensações libidinais, o que é frequentemente observável, pois as tentativas de masturbação não são secretas mas exibidas voluntariamente. Como tais manifestações são dirigidas, de uma forma mais ou menos provocadora e sedutora, à mãe e são reprimidas pelos pais, estas repressões confirmam à criança a ideia de que deve renunciar à mãe, como objecto libidinal. No entanto, a excitação e masturbação perduram mas agora clandestinamente, dando origem a receios de castigo e de privação do pénis, órgão que é valorizado e, nessa medida, culpado. O facto da mulher não ter pénis, confirma o receio infundado do castigo, com a perda do pénis.

O medo da castração é um dado universal, já que nenhum rapaz lhe escapa.

Qualquer dos pais pode servir de ameaça do perigo de castração na fantasia do rapaz, mas este teme sobretudo o pai porque é a ele que se opõe, na ambivalência de ser a ele que admira e ama e, por outro lado, para com ele tem sentimentos de hostilidade e desejos de que morra, por ser seu rival.

O rapaz só pode sair da crise edipiana, o que acontece por volta dos cinco, seis anos e da angústia que ela provoca, se renunciar à mãe para salvar o pénis. Assim acontecendo, interioriza a interdição paterna, como interiorizara antes as ordens e proibições da mãe.

A este conjunto de interdições interiorizadas deu Freud o nome de Superego. Daí ser o Superego o herdeiro do complexo de Édipo. Agora o rapaz, já sem culpabilidade, poderá identificar-se e rivalizar com o pai.

A mãe é, tanto para o rapaz como para a rapariga, o primeiro objecto libidinal. A rapariga, porque não tem pénis, pode lamentar-se apenas desse facto. O rapaz, esse deve pois desligar-se da mãe e, no caso do

desenvolvimento normal, os seus desejos incidirão em sujeitos do sexo feminino, como sua mãe. (Quantas esposas não são como que réplicas, mais ou menos disfarçadas, de suas sogras?). Também a rapariga deve desligar-se da mãe, mas precisa de orientar o seu interesse libidinal para um indivíduo do sexo diferente, acontecendo que esse indivíduo é o pai. A rapariga, verificando que não tem pénis, comparando-se com o rapaz, ressentindo-se inferiorizada e, por isso, desenvolve o sentimento de inveja, inveja do pénis, a qual se revela de muitas formas, entre as quais, a de ingenuamente alimentar a esperança de vir a ter pénis como o rapaz, mais a mais tem um clitóris que lhe dá prazer na masturbação e que também por isso lhe suporta uma tal ilusão. Esta ilusão pode-se prolongar para além da infância, ignorada da consciência. Contudo, na idade adulta, há casos em que a feminilidade encobre a identificação masculina e vice-versa. Se a ilusão subsistir, marginal e subterraneamente, isso não impedirá que o ressentimento se dirija à mãe, acrescentado de agravos anteriores, como o desmame, a educação esfínteriana, etc.

Evidente que a mãe não lhe deu nem poderá dar pénis porque não tem, nem tão pouco lhe poderá dar um filho. Mas a rapariga descobre em si as potencialidades de ter um filho e, em virtude desse facto, a inveja do pénis esbate-se e volta-se para o pai na esperança de receber um filho dele. Assim e agora a situação edípica é simétrica da do rapaz: o pai é o objecto libidinal e a mãe é a rival.

A personagem do pai surge com traços completamente diferentes aos olhos do rapaz e aos olhos da rapariga. Para o rapaz, o pai é o que se opõe ao desejo incestuoso e quem impõe a lei, que não pode ser transgredida; para a rapariga, o pai é quem pode satisfazer ou não, o desejo incestuoso, é quem se deixa adular e seduzir. Aqui a mãe, embora tenha o mesmo papel de interdição que o pai teve para com o filho, ela não pode actuar com a ameaça de castração, uma vez que a rapariga não tem o que castrar. Por outro lado, culturalmente, a lei e a autoridade aparecem ligadas à imagem paterna, lei e autoridade a que a mãe está submetida.

A liquidação do complexo de Édipo parece ser mais lenta na rapariga do que no rapaz, ou seja, a renúncia libidinal ao pai não tem, para a rapariga, a

mesma urgência que a angústia de castração dá ao rapaz, pela renúncia à mãe.

Apaziguada a crise edipiana, se não mesmo resolvida, surge um período de tempo no qual os interesses e preocupações sexuais deixam de existir: É o período de latência, período de latência esse caracterizado pelo recalçamento das fantasias sexuais pré-edipianas e edipianas, donde, a amnésia infantil. É um período de amnésia que afecta os três ou quatro primeiros anos da infância e não é uma incapacidade ou inferioridade no desenvolvimento da criança, porque é um período de aquisições e não de paragem desenvolvimental. É uma época de recalçamento generalizado: no rapaz, a perspectiva de perder o pénis e, na rapariga, o facto de nunca o ter tido, são intoleráveis e constituem uma angústia ligada ao fantasma do período edipiano. São as fantasias originárias ligadas à sedução, à cena primitiva e ao medo de castração, que constituem esse período de experiências narcísicas intoleráveis e, por isso recalçadas, esquecidas. Os sentimentos agressivos e desejos de morte, para com aquele dos pais que é rival, arrastam consigo, não só o medo de punição, mas também o de destruição, de quem é, a um só tempo, objecto de amor ou de afecto e tudo isso é recalçado, esquecido.

A crise edipiana não pode ser separada da vida emocional anterior da criança, nem das inúmeras experiências de separação por que passou com a concomitante faceta de se instalar, ou poder instalar uma angústia de perda: Perda do meio uterino, perda do seio em sucessivas mamadas, perda definitiva do desmame, perda dos "presentes" à mãe, no período anal. Estas experiências vão servir de apoio e modelo ao fantasma de castração, ou seja, às excitações e efeitos relacionados com a perda do pénis. O Édipo é assim um fenómeno complexo e central ou nuclear das neuroses. Superar o Édipo e a angústia de castração é sinal de desenvolvimento e de adultez sem as dificuldades e tormentos das manifestações neuróticas.

A angústia de castração não é a angústia de ser abandonado nem de abandonar, de ser destruído ou de destruir uma relação e seus efeitos, confinada ao mundo mãe-bebé. A angústia de castração é a angústia de ser destruído o instrumento de desejo sexual, o falo, na medida em que o desejo

sexual entra em choque com uma terceira pessoa, poderosa, perante a impotência infantil.

Ultrapassado com êxito o Édipo e a angústia de castração, o indivíduo toma lugar no mundo social e humano e os seus desejos obedecem à lei da proibição do incesto, de acordo com a cultura em que vive. Significa isto que, ultrapassado o Édipo e a angústia de castração, a relação do indivíduo com os seus pais é, então dessexualizada, e sem o sentimento de culpa por afectos e ternura.

A perspectiva biológica do Édipo, não é confirmada em virtude dos níveis de testosterona serem muito baixos, quando a criança nasce e, apesar disso, diminuírem ainda mais nos primeiros três ou quatro meses de idade, para se verificar, por volta dos onze, doze anos, níveis capazes de influenciar hormonal e sexualmente o adolescente. Significa isto que, o período de latência, mesmo biologicamente, é explicado pela redução constatada nos níveis de testosterona. Para a psicanálise a compreensão do período latência baseia-se na modificação da distribuição da energia libidinal, quer quanto aos seus objectos, quer quanto aos seus fins, na relação com a resolução do conflito edipiano. Após o Édipo, todas as manifestações abertamente sexuais ameaçam reavivar as angústias ainda próximas do Édipo a que se quer escapar e, por isso, devem ser abandonadas. Contudo, não tendo deixado de existir, nem tendo diminuído a energia libidinal, para onde a canalizar? Para a competição escolar e desportiva e, se aí encontrar satisfação e dificuldades ultrapassáveis, a criança evoluirá no sentimento enriquecedor e de criatividade. Mas, se sobre as novas actividades recai culpabilidade sexual, resultará então uma perturbação mais ou menos grave, na vida escolar e extra escolar da criança, por vezes, condutas delinquentes, roubos, etc. pois desempenham também formas de escoamento da energia da pulsão sexual. Está na valorização social, de forma positiva ou negativa, a leitura deste fenómeno como sendo ou não sublimação.

Com o surgimento da adolescência, a calma relativa do período de latência termina e dá-se a completa maturação dos órgãos genitais: Os interesses sexuais reactivam-se e a excitabilidade da zona genital levam, sobretudo no rapaz, à descoberta da masturbação. Com a adolescência o

indivíduo retoma as coisas no ponto em que as tinha deixado: os conflitos da situação edipiana são reavivados. As dificuldades específicas da puberdade e da adolescência devem ser compreendidas à luz desta nova situação da vivência do Édipo. O aumento da energia pulsional leva o indivíduo a procurar um objecto sexual e, se por um lado, ele continua de algum modo ligado ao objecto edipiano, por outro, quer fugir dele pelas angústias e proibições que para si comporta. Acresce ainda o facto de que, as relações sexuais entre adolescentes, em certos meios ainda são mal toleradas, o que revolta o adolescente. O adolescente cercado de tais condições escolhe a alternativa de, ou reforçar a proibição, ou então nega e/ou conflitualiza a relação familiar para se sentir independente e responsivo e considerar-se autónomo. Tais atitudes revestem tanta mais intensidade, quanto maior for a severidade familiar ou a angústia de castração sentida por ele. Deste modo, o adolescente mostra opiniões, gostos, hábitos e ambições contrários aos da sua família como se quisesse ostensivamente romper a afectividade com os pais, de quem, efectiva e geralmente, sente necessidade. Esta fase, a adolescência, consubstancia uma tal crise de ruptura que leva o adolescente a optar por um estilo de vida e actividade profissional opostas às aspirações paternas. Se assim acontece, por vezes, o sentimento de culpa é gerador de inferioridade e de insucesso na realização na sua vida e o problema da droga pode surgir.

Por outro lado, se a revolta pela independência, permite ao adolescente orientar os seus interesses sexuais para fora do meio e influência familiar sem que a ruptura se verifique, não é necessária a hostilização para pôr em causa a sua ligação edipiana. A troca de sentimentos afectuosos e hostis entre si e família não se revestem de perigo.

A passagem pela adolescência, mesmo tendo um desfecho favorável, contém sempre dificuldades e obstáculos. Cada etapa no desenvolvimento da sexualidade surge como solução equilibradora entre as funções sexuais e outras forças, de uma forma dialéctica. Contudo, há um momento conflitivo crucial do desenvolvimento, a partir do qual o desfecho é a amnésia infantil, como consequência de recalçamento generalizado. Quando assim acontece, com o recalçamento termina a crise, resolve-se a crise e isso permite-nos

evidenciar os diversos elementos ou forças do conflito, quer respeitante à sua presença, quer no respeitante à sua localização ou ponto de vista tópico.

Sem deixarmos esquecer por um momento que, tudo o que respeita à mente humana, diz respeito à simbolização, como capacidade de simbolizar o modo como somos evoluídos, diz respeito à relação intra e interpessoal, à representação mental e não a uma qualquer positividade, a noção de recalçamento, para definir o conflito, implica uma representação espacial que é o lugar onde as forças opostas se vão defrontar.

Como tivemos já ocasião de referir e agora expomos em síntese, um elemento ou força recalçada é uma força que foi impedida de passar do lugar A para o lugar B ou que, tendo passado ao lugar B, foi devolvida a A.

Tomados substantivamente, não entendidos de modo realista, os termos inconsciente, pré-consciente e consciente, correspondem a zonas distintas do modelo espacial que figuramos no aparelho psíquico. Assim, "geograficamente", de um lado temos o pré-consciente e o consciente e, do outro lado, o inconsciente com a censura por separação. Cada um dos lados é organizado por um conjunto de representações ou seja, é organizado em sistemas que diferem não só no conteúdo mas também no funcionamento.

O sistema pré-consciente/consciente, sentindo como ameaça a intrusão dos conteúdos do sistema inconsciente, os quais são para ele um perigo, uma ameaça de que pode pôr em perigo a sua existência, organiza-se numa atitude defensiva. Porque a ameaça ou perigo se reveste ou traduz numa angústia que o indivíduo sofre, se o recalçamento não for desencadeado, este funcionamento mental afigura-se-nos como algo mais do que uma noção abstracta, visto que é vivenciada como pondo em causa a própria existência, o próprio Ego.

Nesta personalização assim vivenciada, a noção de Ego (Eu) pode ser descrita tal como uma pessoa, pois representa a pessoa como tal, quer como imagem, quer como instância para defender os seus interesses.

Aludimos já ao conflito com a sexualidade que surge no rapaz no final da crise edipiana, onde o Ego o procura defender através da angústia de castração, perigo que poria em causa a sua integridade física. O Ego reage ao

perigo de pela angústia e, para lhe escapar, recalca os desejos incestuosos do rapaz, expulsando-os da consciência, assim como todas as representações a que os desejos estão ligados. Aqui, a angústia é tomada como sinal de alarme, para que a defesa possa eliminar a causa. Tal como num pesadelo, as imagens pouco reais nos angustiam, também aqui, a angústia gerada pelos nossos fantasmas são para nós como perigos reais.

Não é o des pudor moral do incesto, por exemplo, que provoca o recalçamento do desejo edipiano, mas o medo da castração. Nesta perspectiva, o recalçamento nada tem a ver com a moral, mas tão só com a segurança, a preservação narcísica da integridade corporal.

#### PRINCÍPIO DE PRAZER, PRINCÍPIO DA REALIDADE

Não será polémico afirmar que a actividade psíquica do humano tem por objectivo ou meta a procura do prazer e o evitamento da dor, a eliminação das tensões desagradáveis. Resulta daí que, o que é desagradável ou as representações associadas a experiências desagradáveis, têm tendência a serem expulsas da consciência. Deste modo, a separação do sistema consciente do sistema inconsciente é uma consequência necessária e imediata do princípio do prazer, como objectivo final.

A adaptação do homem ao mundo – homem que estabelece objectivos de vida com as mais diversas aspirações de realização psico-sócio-culturais – exige dele capacidade para tolerar tensões desagradáveis antes de obter a satisfação. Se tal não acontece, por actuação precipitada, a satisfação esperada ser-lhe-á negada.

É a necessidade de tolerar o desprazer que caracteriza o princípio da realidade.

O princípio do prazer é, de certo modo, oposto ao princípio da realidade, mas este, não põe aquele em xeque, bem pelo contrário, ajuda-o a

vencer, levando em linha de conta a resistência que a realidade levanta à satisfação dos desejos. O homem necessita encarar os obstáculos a ultrapassar, as dificuldades a vencer. Deve contudo renunciar ao princípio do prazer ao nível dos meios, das vias e dos tempos de acesso.

O princípio da realidade afirma-se tanto mais rapidamente e com mais força, quanto mais a satisfação que pretende atingir corresponda a uma necessidade vital.

É preferível enfrentar, na realidade ou em pensamento, determinados perigos ou dissabores, a abstermo-nos quando, dessa omissão, o dissabor é maior mas, é evidente que, uma satisfação ilusória, também não anula a fome, a sede, a necessidade de respirar.

Ligado às necessidades de conservação da vida, o princípio da realidade, é uma necessidade, alheia ao recalçamento e à substituição da satisfação de necessidades imaginárias, pelas reais.

Quando estão em causa desejos de natureza sexual, não existe urgência vital, razão pela qual a sexualidade se apresenta como rebelde ao princípio da realidade e sujeita ao princípio do prazer e permaneça estreitamente ligada à vida fantasmática e imaginária.

Daí que, por exemplo, as punições imaginárias, como a castração, tenham força. Se as pulsões sexuais fossem tão necessárias à conservação da vida, como o são a fome e a sede, a sua força cedo se teria perdido. Eis porque as pulsões sexuais têm uma relação privilegiada com o recalçamento.

#### PROCESSO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO

A noção de recalçamento exige ser compreendida em relação ao princípio do prazer, ao princípio da realidade, à luz do processo primário e do processo secundário.

Como já referimos, o recalçamento leva-nos à separação do sistema pré-consciente/consciente do sistema inconsciente. Ao nível do sistema pré-consciente/consciente domina o pensamento lógico, o raciocínio exacto, a lógica bimodal. Estes são processos secundários que evoluíram do modo de funcionamento mais arcaico e de forma paralela ao princípio da realidade.

À medida que a energia psíquica renuncia a investir, alucinatoriamente, e procura uma experiência nova equivalente, é necessário que a actividade imaginária consciente seja adequada às leis das relações dos fenómenos externos e respectiva sucessão.

As relações entre as representações inconscientes não obedecem às mesmas regras: são indiferentes à lógica e à coerência, ignoram o princípio da não-contradição. Os processos mentais regidos pelo princípio do prazer são processos primários, não obedecem à mesma regra: usam uma lógica simétrica, dão um carácter absurdo aos sonhos onde as personagens deste podem estar num e noutro lugar ao mesmo tempo, podem representar várias pessoas num mesmo lugar e tempo.

O deslocamento consiste no "facto de a acentuação, o interesse e a intensidade de uma representação, ser susceptível de se soltar dela para passarem a outras representações, originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa. Este fenómeno, particularmente visível na análise do sonho, encontra-se na formação dos sintomas psiconeuróticos e, de um modo geral, em todas as formações do inconsciente." (45.162).

A condensação é "uma representação única, representa por si só várias cadeias associativas, em cuja intercepção se encontra. Do ponto de vista económico é então investida das energias que, ligadas a estas diferentes cadeias, se adicionam nela. Vemos operar a condensação no sintoma e, de um modo geral, nas diversas formações do inconsciente. Foi no sonho que melhor foi posta em evidência." (45. 129).

A livre circulação de energia num organismo permite que, quer o deslocamento, quer a condensação, sejam orientadas na procura do prazer ou evitamento da dor e, tal facto, caracteriza o processo primário.

Na medida em que o Ego se sobrepõe ao sistema pré-consciente/consciente, ele é o lugar do processo secundário, é então o "executivo" das relações com o mundo externo: recebe mensagens dos sistemas perceptivos e controla as respostas motrizes através das quais as pessoas actuam, no mundo externo, em função dos seus desejos.

O comportamento adequado é o escolhido entre a recepção das mensagens e a resposta motriz, através das experiências mentais imaginárias, de forma que sejam equivalentes a experiências reais.

#### ACERCA DO EGO

O Ego parece desenvolver-se por estar em contacto com o meio exterior. Será então uma parte do aparelho psíquico que se foi diferenciando no decurso da filogénese, organizando-se em função da necessidade de adaptação e auto-conservação. Mas se assim foi acontecendo como se podem compreender que outras operações permaneçam nele inconscientes? Para Lacan e Freud o Ego aparece como resultado do processo de identificação a outrem e constitui os atributos e a função de uma pessoa, representa os interesses da pessoa total e é o objecto de amor.

Uma parte da libido é dirigida para os objectos exteriores ficando a outra parte no Ego. Esta divisão da libido varia na sua proporcionalidade conforme o momento e as circunstâncias. Inicialmente a libido é fixada na própria pessoa, ou seja, sobre o Ego: libido narcísica, pessoa narcísica, porque é investida sobre a própria pessoa e é a partir deste "reservatório da libido" que é dirigida para objectos. Se a libido lançada sobre o objecto, o vem a abandonar, pode retornar à sua origem, à pessoa para novos investimentos – este fenómeno esclarece o luto. Diz-se que há um narcisismo primário, quando toda a libido está concentrada na própria pessoa e, narcisismo secundário ao retorno da libido à pessoa que anteriormente o investia em objectos exteriores.

Enquanto objecto de amor, o Ego, será formado ao entrar em acção o narcisismo secundário, ou seja, com o retorno da libido que foi investida no objecto do Ego. É a partir deste momento que Lacan formula a “fase do espelho”.

## SEGUNDA TÓPICA DE FREUD

Na primeira tópica o Ego aparece assimilado ao sistema pré-consciente/consciente e o conflito, Ego/recalcado, equivale ao conflito sistema pré-consciente/inconsciente. O problema terapêutico é o levantamento do recalcado, é da ordem da satisfação. Há uma causalidade na primeira tópica.

Poder-se-á perguntar o porquê da Segunda tópica (Id, Ego e Superego). Efectivamente, no conflito psíquico, algumas operações são atribuídas ao Ego não consciente, como é o caso dos mecanismos de defesa, com que o Ego procura contrariar as pulsões. Ora, estes mecanismos são inconscientes, veja-se o recalçamento, por exemplo, mas, como pertencem ao Ego, não coincidem com o sistema pré-consciente/consciente. Por outro lado, não é possível coincidir o inconsciente com o recalcado, visto que uma parte do Ego, pré-consciente, é inconsciente. Assim sendo, a primeira tópica deixou de ser utilizada para definir o conflito psíquico. Acresce salientar que Freud ao passar da primeira para a segunda tópica começou a atribuir uma cada vez maior importância à identificação como processo de formação da personalidade.

A instância que na primeira tópica representava o interdito e o repressivo, nomeadamente a censura, vai tornar-se no Superego na segunda tópica. O superego, separando o pré-consciente do inconsciente veicula porém uma ideia de controle, de apreciação e de condenação, implicando isso que tais funções sejam exercidas por uma parte da pessoa, diferente daquela parte que sofre o controle. É o caso do luto patológico e da melancolia em que, uma

parte do Ego se separa da outra e, se volta contra esta para, a um só tempo, lhe propor um modelo (ideal do Ego) e lhe controlar as opções e a julgar.

Há uma relação muito estreita entre o ideal do Ego e o narcisismo já que, a imagem do ideal do Ego comporta as qualidades que permitem ao sujeito, a estima e o amor de si próprio.

O amor de si próprio .... tais qualidades ou condições terão correspondido, nos primeiros tempos de vida, quando a criança é para si mesma o ideal e nem pode ser outra coisa, uma vez que ainda não interiorizou qualquer advertência de seus pais, é um pouco como o delírio das grandezas no adulto.

Mas quando a criança passa a interiorizar as interdições e advertências críticas parentais e do meio, o amor de si, não pode perdurar porque, para poder gostar de si própria, a criança tem de se submeter às condições que lhe são necessárias para ser amada por seus pais. É a identificação. A criança agora gosta de si, da mesma maneira e pelas mesmas razões que os pais a amam e julga-se com os mesmos critérios com que os pais a julgam, condena-se pelas mesmas razões com que os pais a condenam.

Assim, o amor ou a condenação dependem do grau de conformidade ou não conformidade, da imagem interna decalcada pelas exigências parentais que desta forma são modelo de exigências, interdições e apreciações morais. Assim, o Superego é esta estrutura selectiva e autónoma, no interior da pessoa.

O ideal do Ego configura então a dimensão do Superego correspondente à imagem modelo a que o sujeito aspira para o seu próprio amor narcísico e amor parental. Por projecção, o ideal do Ego pode ser objectivado numa terceira pessoa exercendo nela fascínio e admiração incondicional – é o caso de certos estados de admiração por professores, chefes, de submissão auto-sugestiva hipnótica, estados amorosos, etc.. Muitos fenómenos sociais têm aqui origem e compreensão. A identificação na formação do Superego (e do ideal do Ego) não é tanto a identificação com os pais, mas sim, com a imagem do Superego destes. Este fenómeno é coevo da interdição parental dos desejos edipianos da criança.

## ACERCA DO ID E DO EGO E DO SUPEREGO

O Id é comparável ao inconsciente na primeira tópica: tem um carácter impessoal, desconhecido, não é controlável e as suas relações obedecem ao processo primário e princípio do prazer. Contudo o Id não abrange todo o inconsciente visto que, quer o Ego quer o Superego também abrangem parte do inconsciente. O Id é contudo “o grande reservatório de libido” e encontra-se mais próximo da fonte biológica das pulsões que o inconsciente da primeira tópica (nesta, era o recalcado).

O Id é uma instância donde todas as outras derivam. Tendo em vista o prazer da descarga, não tem em conta o tempo, nem o espaço, nem a causalidade física, não tem acção directa sobre o mundo exterior, mas recorre ao Ego que é parte de si próprio e que se modifica por acção exterior.

“Os investimentos objectais partem do Id, concebido como o grande reservatório da libido; são produto das pulsões sexuais, das quais o Ego procura defender-se por meio do recalçamento. De maneira mais ou menos sistemática, todo o abandono do objecto sexual se traduz por uma modificação do Ego, que, como na melancolia, se apropria do objecto por identificação” (57. 187)

O Ego “é a parte do Id que foi modificada por influencia directa do mundo exterior, por intermédio do Pc-Cs ( sistema percepção-consciência) (...) é como uma continuação da diferenciação superficial (...) o Ego é, antes de mais nada, um Ego corporal” (57. 184), que tem o seu ponto de partida no sistema de percepção e que, em primeiro lugar, é pré-consciente, reservando denominação Id para todos os outros elementos psíquicos nos quais o Ego se prolonga de um modo inconsciente. Não existe entre o Ego e o Id separação nítida, sobretudo na parte inferior deste onde tendem a confundir-se.

“ Com efeito, a investigação psicanalítica comprovou que, entre estas suas instâncias (o Ego e o Id) era imperativamente necessário ter em conta o Ego, placa giratória que participa da consciência e das percepções externas, engloba o pré-consciente e comporta uma parte inconsciente” (57. 187).

“A instância funcional do Ego consiste em que, de um modo geral, é ele que controla os acessos à motricidade. Nas suas relações com o Id, podemos compará-lo ao cavaleiro encarregado de o dominar à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro domina o cavalo com as suas próprias forças, enquanto que o Ego o faz com forças de empréstimo. Esta comparação pode ser levada um pouco mais longe. Assim o cavaleiro se não quer separar-se do cavalo, muitas vezes mais nada lhe resta, senão segui-lo até onde ele quer ir, também o Ego geralmente traduz na acção a vontade do Id, como se se tratasse da sua própria vontade” (57. 187).

O Ego não está sempre em oposição ao Id, opõe-se apenas a certos desejos, tendo em conta as exigências da realidade e só dá passagem a desejos que possam ser satisfeitos sem que daí advenham consequências penosas ou prejudiciais para a pessoa. Por outro lado, o Ego não deve gerar o descontentamento do Superego. Não deve perder o amor deste (o amor dos pais interiorizados) e a não ser punido (castigado).

“A percepção desempenha para o Ego o papel que, no Id, compete à pulsão. O Ego representa o que podemos denominar de razão e bom senso, em oposição ao Id, que tem por conteúdo as paixões” (57. 187).

Na segunda tónica, o Ego é o centro do conflito e tem de o arbitrar ponderando as exigências provenientes do Id, as da realidade e as do Superego, sendo ele mesmo, ao mesmo tempo, o representante da pessoa total.

O Ego, quando ameaçado, pode reagir de várias formas: se o perigo é real pode adoptar a solução da fuga, para se poupar ao desprazer da angústia; se se trata de um perigo interior, ou perigo pulsional, o resultado é obtido pelo recalçamento; uma outra reacção do Ego perante a ameaça do perigo é a avaliação racional desses obstáculos e dos meios adequados para os superar. Esta avaliação racional supõe que o princípio da realidade e os processos secundários sejam predominantes no Ego. Esta predominância é sempre relativa pois é mais frequente nas reacções do Ego com a realidade física do que com os objectos libidinais, exteriores (outras pessoas) ou interiorizados (ideal do Ego, Superego).

Freud caracteriza o Superego, com tendo a "propensão para se opor ao Ego; pelas suas origens permanece muito próximo do Id, representa-o junto do Ego e, desse modo, mantém-se mais afastado da consciência do que o Ego; é o memorial da fraqueza e da dependência que outrora foram próprios do Ego, e perpetua a sua dominação até mesmo sobre o Ego amadurecido." (57, 189).

A relação Ego-Superego é do domínio fantasmático, fantasmas inconscientes, daí resultando em angústia e em sentimento difuso de culpabilidade, como testemunho da tensão entre o Ego e o Superego, onde aquele teme ser castigado por este.

Na arbitragem do Ego que consiste em opor-se aos desejos do Id que representa perigos reais ou fantasmáticos, se se realizassem (o mesmo se passando com o Superego). O conflito entre o Ego e o Superego só tem lugar quando o Superego é demasiado severo e agressivo.

A propósito, Freud refere que alguns pacientes cujo estado se agravava quando o analista se arriscava a participar-lhes a evolução positiva do tratamento: "Essas pessoas não só não suportam ser elogiadas nem reconhecidas, como também (...) reagem de maneira inversa ao progresso da análise. Trata-se muito simplesmente de uma "reação terapêutica-negativa", isto é, da manifestação de um factor oposto à cura, vivida como um perigo. Além da resistência clássica, o analista confronta-se, pois, com uma "inacessibilidade narcísica", uma oposição de carácter moral, um sentimento de culpa, marcas de uma recusa a renunciar à punição representada pelo sofrimento. (...) Efeito do comportamento do ideal do Ego. O recurso à clínica de diversas formas de patologia permite distinguir os vários aspectos da relação entre o Superego e o sentimento de culpa" (57, 189).

A segunda tópica caracteriza-se por um certo antropomorfismo o que não acontece na primeira tópica, já que as relações nesta eram descritas segundo o modelo das ciências físicas. Aqui, na segunda tópica, se o Id surge como um reservatório de forças interpessoais, o Ego e o Superego, o ideal do Ego, surgem como pessoas na sua própria pessoa. Por exemplo, quantas vezes não dizemos que Fulano tem um Superego cruel? São pessoas que não

são capazes de se desculparem, de se perdoarem por algo, são pessoas demasiado rígidas, radicais, de obediência cega que, se tiverem poder, o exercem ditatorialmente.

Forças antagónicas geram conflitos. De que forças se trata, qual a natureza dessas pulsões?

Uma dessas forças são as pulsões sexuais que se fossem satisfeitas punham em perigo a pessoa, o Ego, e auto-conservação. Até 1915, Freud considerava que, as forças que asseguram a manutenção da vida/pulsões do Ego/princípio de auto-conservação, lutam em conflito/oposição com as pulsões sexuais/conservação da espécie.

Com a noção do narcisismo, as coisas mudaram: a libido emanando das pulsões sexuais é orientada em dois sentidos: é canalizada para o Ego e canalizada para objectos exteriores, podendo regressar ao Ego. O bem estar será resultante desse regresso da libido ao Ego, objecto de amor. O conflito, aqui, não está entre pulsões sexuais e pulsões, está sim na orientação que tomam. Assim Freud em "Para Além do Princípio do Prazer" contrapõe o dualismo pulsional: pulsões de vida/pulsões de morte.

Também Claude Bernard definiu a vida como conjunto de forças que se opõem à morte, o que, implicitamente, sugere que todo o ser vivo tem tendência para voltar ao estado inanimado. É este o conceito de pulsão de morte em Freud: uma pressão interna que visa a auto destruição e não um simples regresso ao estado de inércia. Assimilada à pulsão de vida, a libido "tem por função tornar inofensiva este pulsão destruidora, desembaraçando-se dela, canalizando-a em grande parte para o exterior, dirigindo-a contra os objectos do mundo exterior, desde muito cedo, com a ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura". ( 32)

Nesta perspectiva, a agressividade expulsa para o exterior uma força destruidora, dirigida contra o próprio indivíduo.

Ora esta expulsão de alcance protector opera-se sobre as pulsões de vida. Assim canalizada para o exterior, uma parte da agressividade põe-se ao serviço das pulsões de vida. Isto é verdade no respeitante à auto-conservação, pois esta só é garantida à custa das destruições do mundo exterior; igualmente

no campo sexual, a agressividade revela-se necessária à procura, à posse do objecto sexual e mesmo na realização do acto sexual.

Que razões encontrou Freud para justificar a introdução da pulsão de morte? Até ao "Para Além do Princípio do Prazer", para Freud, a actividade psíquica, visava o prazer e o evitamento do desprazer.

O princípio do prazer não era contestado pelo princípio da realidade. Aliás, este princípio da realidade implicava que o indivíduo suportasse alguma dose de desprazer com vista a um posterior prazer.

Mas Freud começa a recolher um certo número de factos que lhe parecem ser excepção a esta regra. Todos esses factos eram experiências penosas e repetitivas. Por outro lado, Freud não perde de vista que todo o sintoma, por mais penoso que seja, é a realização encoberta de um desejo. Assim sendo, as tais experiências penosas e repetidas, ou seja, o sofrimento pode constituir apenas a máscara que visa enganar ou apaziguar a instância repressiva: o que constitui desprazer para um sistema do aparelho psíquico, é prazer para um outro. Não obstante, Freud não fica satisfeito. Há que introduzir a compulsão à repetição, fenómeno que observava em certos casos clínicos, nomeadamente nas neuroses traumáticas e neuroses do destino. Nas neuroses traumáticas são os repetidos pesadelos e as repetidas recordações penosas; nas neuroses de destino é o caso da viúva que cinco vezes casa com homens que morrem de cancro. Outros casos dizem respeito à reacção terapêutica negativa em que o sofrimento se acentua no decurso do tratamento; é o caso da persistência de sentimentos de culpabilidade dos neuróticos que atrás referimos.

Tudo isto leva Freud à convicção de que o funcionamento psíquico não é só dominado pela tendência ao prazer: paralelamente a esta tendência ao prazer, e muitas vezes dissimulada por ela, existe uma tendência para a auto-destruição que está na linha da tendência da matéria viva em retornar à inanimidade.

O próprio facto da repetição está no carácter regressivo de todas as pulsões: a regressão é a repetição do estado anterior, é o retorno ao inorgânico, na regressão radical.

Assim, pulsão de vida e pulsão de morte só diferiam em grau de regressão. Toda a descarga pulsional visa reduzir no organismo uma tensão momentaneamente acrescida, para a reduzir a um nível anterior.

Deste modo, as pulsões de vida, obedecendo ao princípio da constância, tendem a restabelecer, a repetir, um nível anterior não nulo, ou seja, correspondente às tensões permanentes normais de um organismo em repouso, preservado e perpetuado na sua existência; as pulsões de morte, pelo contrário, tendem a restabelecer a ausência total da tensão própria aos corpos inanimados, obedecendo ao princípio de Nirvana.

Ainda que antagónicas, em última análise, as duas categorias de pulsões actuam, a maior parte das vezes, concertadamente, convergindo para a mesma meta. Vejamos os comportamentos sexuais onde uma certa agressividade é necessária à procura e à conquista do objecto. Contudo, um excesso de agressividade sexual faz de um amoroso um assassino sádico e, uma forte diminuição do factor agressivo, torna-o tímido ou impotente .

Na função das pulsões, surge uma paradoxalidade: um dos efeitos da pulsão de vida é mandar para o exterior, expulsar, a pulsão de morte sob a forma de agressividade, para que o Ego seja protegido. Mas a agressividade libertada para o exterior põe-se ao serviço das pulsões de vida colaborando na prossecução das suas metas.

Em certos estados patológicos constata-se não uma junção das pulsões, mas uma disjunção e assim, se no decorrer do desenvolvimento se assiste à integração crescente da agressividade na função sexual, a disjunção representa uma regressão, até à indiferenciação. Nas fases sádico-oral e sádico-anal a disjunção das pulsões atinge o máximo, ou seja, a criança vive cada pulsão separadamente e alternadamente ataca o objecto, procura destruí-lo e, porque o estima, procura protegê-lo, cuida dele.

Esta disjunção das funções caracteriza a regressão da neurose obsessiva à fase anal. Na fase genital os dois tipos de pulsões normalmente são colaborantes na prossecução da meta sexual. O Id constitui efectivamente a origem e o reservatório de todas as pulsões e, as energias específicas do

Ego e do Superego, provêm dessa mesma fonte. De resto, são elas próprias pulsões de vida e pulsões de morte misturadas.

Em síntese, a personalidade radica nas estruturas da mente, refere-se aos factores dinâmicos do comportamento do indivíduo, às suas motivações mais profundas ou menos evidentes. É um conceito criado para designar a individuação-diferenciação expressa na unicidade do homem, no seu ser uno e único. Sendo aspectos importantes da personalidade a hereditariedade, o meio e as experiências pessoais, não deixa de ser fundamental a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico, por ser ele a fonte e lugar da significação humana do mundo que somos e nos rodeia.

Sendo múltiplas e complexas as experiências pessoais dos agentes policiais, por via da exigência da sua profissão, que efeito trarão à sua personalidade? Como lidam eles consigo mesmo?

Enquanto que a personalidade se refere ao comportamento do indivíduo, visto por um observador, a identidade, de que vamos falar no próximo capítulo, refere-se ao sentimento que o indivíduo experiencia em resultado do processo individuação-diferenciação (ser uno e único).

## **CAPÍTULO II**

# **IDENTIDADE**

## INTRODUÇÃO

O conceito de identidade é, hoje e no mundo ocidental, um dos conceitos mais divulgados e, por isso, faz parte, tanto da linguagem comum como da linguagem científica.

As pessoas identificam-se social e oficialmente pelo bilhete de identidade onde consta, para além da fotografia das próprias, os dados que as individualizam. Como linguagem científica, a matemática fala da distinção entre identidade e equação, a lógica fala em identidade numérica e identidade específica, o direito, de identidade jurídica, as ciências sociais, de um modo geral, referem a identidade cultural e nacional.

A identidade\* tem então, um sentido que faz jus ao seu étimo original: O mesmo sentido, o sentido da singularização.

Na perspectiva psicológica, a identidade pessoal responde à pergunta, quem sou eu, pela diferenciação interpessoal. A visão especular ou imagoica do próprio corpo, no momento em que o sujeito se percebe, pela primeira vez, como figura separada da mãe, fundamenta a diferenciação interpessoal e levanta questões/inquietações cujas respostas dão origem à formação da identidade do Eu. Não se tratando de colagem, mas de individuação, a identidade do Eu consubstancia-se no sentimento de si mesmo, no Self. Por isso, abordaremos os conceitos de Eu e de Self, a formação da identidade pessoal e dificuldades ou transtornos por que passam as pessoas quando sujeitas a diversas mudanças e perdas, sem tempo de acomodação, têm dificuldade em se reconhecer e sentir as mesmas.

---

\* Identidade, do latim "identitate", significa "o mesmo sentido"

## ACERCA DO EU E DO SELF

O Eu revela-se em sentimentos, emoções, desejos, impulsos e fantasias de um indivíduo: É um conjunto de formações psíquicas e forças que nos permite ter a sensação de sermos quem somos – “Esse sou eu”.

O Eu é concebido como sistema psíquico ou subestrutura da personalidade, mas sistema psíquico tem funções distintas dos outros sistemas ou subestruturas, as quais foram abordadas no capítulo anterior.

Os processos psicológicos como pensar, recordar, perceber, sentir e outros, fazem parte da função organizadora e executiva do Eu. O Eu constitui-se, assim, num conjunto de processos psicológicos, responsável pelo desenvolvimento e execução de acções, cuja finalidade é a de satisfazer as exigências dos impulsos internos, ponderadas as exigências e limitações do meio que nos circunda. A sua função é a de estabelecer a inter-relação das estruturas psíquicas, a totalidade da pessoa, nas circunstâncias ambientais, de tempo e espaço. Enquanto sistema psíquico, o eu é distinto das outras subestruturas da personalidade (Id e Super Eu) , pois cabe-lhe a tarefa de ordenar a realidade, em figura e fundo, relacionando-a com os estímulos do momento e com as experiências passadas, permitindo ,deste modo, a distinção do Self, enquanto figura, do Não-Self, enquanto fundo.

Enquanto que o Eu é considerado como uma subestrutura, o Self é considerado como um conceito, conceito esse que se refere a si próprio, em contraposição ao sujeito.

O conceito de Self, de si próprio, engloba as formas pelas quais o indivíduo reage perante si próprio, se pensa, se percebe e valoriza e procura defender-se ou estruturar-se. Está relacionado com os fenómenos intrapsíquicos e com os fenómenos que dizem respeito à experiência interpessoal.

Segundo Grinberg, Jacobson concebe o Self como a totalidade do indivíduo – todo o corpo e toda a organização psíquica. A fase inicial da vida

## ACERCA DO EU E DO SELF

O Eu revela-se em sentimentos, emoções, desejos, impulsos e fantasias de um indivíduo: É um conjunto de formações psíquicas e forças que nos permite ter a sensação de sermos quem somos – “Esse sou eu”.

O Eu é concebido como sistema psíquico ou subestrutura da personalidade, mas sistema psíquico tem funções distintas dos outros sistemas ou subestruturas, as quais foram abordadas no capítulo anterior.

Os processos psicológicos como pensar, recordar, perceber, sentir e outros, fazem parte da função organizadora e executiva do Eu. O Eu constitui-se, assim, num conjunto de processos psicológicos, responsável pelo desenvolvimento e execução de ações, cuja finalidade é a de satisfazer as exigências dos impulsos internos, ponderadas as exigências e limitações do meio que nos circunda. A sua função é a de estabelecer a inter-relação das estruturas psíquicas, a totalidade da pessoa, nas circunstâncias ambientais, de tempo e espaço. Enquanto sistema psíquico, o eu é distinto das outras subestruturas da personalidade (Id e Super Eu) , pois cabe-lhe a tarefa de ordenar a realidade, em figura e fundo, relacionando-a com os estímulos do momento e com as experiências passadas, permitindo ,deste modo, a distinção do Self, enquanto figura, do Não-Self, enquanto fundo.

Enquanto que o Eu é considerado como uma subestrutura, o Self é considerado como um conceito, conceito esse que se refere a si próprio, em contraposição ao sujeito.

O conceito de Self, de si próprio, engloba as formas pelas quais o indivíduo reage perante si próprio, se pensa, se percebe e valoriza e procura defender-se ou estruturar-se. Está relacionado com os fenómenos intrapsíquicos e com os fenómenos que dizem respeito à experiência interpessoal.

Segundo Grinberg, Jacobson concebe o Self como a totalidade do indivíduo – todo o corpo e toda a organização psíquica. A fase inicial da vida

humana é uma fase de indiferenciação na qual existe um Self psicofísico primário, mas que tem em si potencialidades de desenvolvimento - forças libidinais e forças agressivas - que, ao tomarem o próprio indivíduo como objecto, dão origem ao narcisismo e masoquismo primários. Ora, se há forças que tomam o Self por objecto, forçoso é que haja um sujeito, Eu, capaz de estabelecer um vínculo entre estas forças e o Self. Assim sendo, tem de haver um Eu precoce como M. Klein concebe. Parece, pois, haver um certo paralelismo entre o Eu corporal de Freud e o conceito de Self psicofisiológico primário de Jacobson.

No início do seu desenvolvimento, o Eu começa por incorporar um conjunto de representações dos objectos que, à medida em que o indivíduo cresce, vai diferenciando o que lhe é interno do que lhe é externo e, assim, vai distinguindo o que lhe é próprio (o Self), dos objectos, criando, a partir das representações do Eu, as representações dos objectos e as representações do Self.

"Mutatis mutantis", "actualmente ao utilizar o termo narcisismo, surgem dois conjuntos opostos fundidos num só: Um refere-se ao Self (o próprio) em contraposição ao objecto; outro, refere-se ao Eu (sistema psíquico) distinguindo-o de outras estruturas da personalidade", no dizer que Grinberg atribui a Hartman (39. 30).

O masoquismo e o narcisismo secundários corresponderiam a cargas agressivas e libidinais destas representações do Self, contidas no Eu e já diferenciadas.

No início da vida, tanto as fontes que dão lugar à representação do Self, como as percepções que dão lugar às representações do objecto, confundem-se no Eu. Assim sendo, não há lugar às noções do mundo externo e mundo interno. As representações do Self no Eu têm pois duas origens: Uma, na incorporação directa das sensações, não externas, provindas da actividade funcional do organismo quer físico quer psíquico; outra, na percepção indirecta do Self como objecto do Eu. O estado primitivo da indiferenciação constitui um ponto ao qual a doença psíquica leva o indivíduo a regressar, perdendo por isso, a capacidade de distinguir a relação Self/objecto,

que o mesmo é dizer, a relação fantasia/realidade, mundo externo/mundo interno, sujeito/objecto, símbolo/objecto simbolizado.

O sentimento de identidade, o sentimento de si, depende da capacidade diferenciadora e da permanência das representações do Self no Eu, tais como: as características, as potencialidades, as funções, a aparência e a anatomia do corpo, as imagens do Eu, dos pensamentos, sentimentos, desejos e impulsos, atitudes conscientes e pré-conscientes, o ideal do Eu e Super Eu, ideias e escalas de valores, a parte do Id que comunica com o Eu.

O sentimento de identidade permite ao indivíduo saber que é ele mesmo, através das mudanças do seu corpo, ao longo do tempo e do meio social, este também e sempre em mudança, na medida em que o seu Eu contém uma clara representação do seu Self, conservando a sua unidade e autenticidade. O que evidencia o Self são inúmeras transfigurações e transformações corporais e de comportamento do indivíduo, permitindo-lhe obter uma constante na profusão de transformações, desde a infância, adolescência, até à adultícia. Também a perspectiva da vida futura se inclui na experiência do nosso Self, uma vez que este engloba todos os "Selves" passados e potenciais, ou seja, ainda não vividos.

O Eu é o receptor, o organizador, efector e agente de cada momento do Self. Na organização psicótica da mente, desenvolve-se um falso Self para proteger o verdadeiro Self até que uma situação mais favorável, ou uma regressão, induzida pela análise, permita a sua reconquista pelo Eu.

A identificação introjectiva é, para Hanna Segal, a consequência da introjecção do objecto no Eu, ficando este com algumas ou todas as suas características.

A identificação projectiva, para Melanie Klein, implica expelir substâncias perigosas (excrementos) para fora do Self e dentro da mãe/continente. Com tais excrementos, expelidos com ódio, são também projectados, na mãe, partes dissociadas do Self. A identificação projectiva é assim, para Hanna Segal, o resultado das projecções das partes do Self no objecto.

Diversos autores (Wisdom, Hartman e Jacobson) admitem duas formas de incorporação de um objecto no mundo interno de um sujeito: o objecto é incorporado na órbita ou então é incorporado no núcleo. O objecto incorporado, fazendo parte da órbita, pode ser visto pelo Self como objecto interno e assim mantém com ele relações objectais internas: é a identificação ou introjecção orbital. Se o objecto for incorporado no núcleo, fazendo deste modo parte da perspectiva do Self que não tem relações objectais com este objecto mas que, unido a ele, olha o mundo interno e externo: é a identificação ou introjecção nuclear.

Para Wisdom, identificação e a identificação projectiva dizem respeito à introjecção nuclear e o conceito de Self é utilizado no sentido ordinário do termo: umas vezes, equiparando o Self ao núcleo, outras, equiparando o núcleo à totalidade do mundo interno, noutras, inclui o corpo e noutras ainda, exclui-o. Na introjecção nuclear, o Self sente "com" o objecto, é sua representação e, na introjecção orbital, o Self sente "até" ao objecto.

Em síntese: Para uns autores, o mundo interno do Self inclui um núcleo de objectos introjectados, uma orbita na qual giram objectos orbitais e o lugar das relações objectais internas. O Self assim representado é rodeado pelo mundo externo cheio de objectos externos.

Para outros autores, o Self inclui um núcleo que é o lugar do Eu na órbita do qual se encontram os objectos internos, o Supereu, uma órbita de objectos orbitais de representações dos objectos e o Não-eu. O Self é circunscrito pelo Não-Self, que é o lugar dos objectos externos.

O Self, incluindo o Eu e o Não-eu, é a totalidade da pessoa, isto é, é a totalidade de todas as partes corporais do indivíduo, da sua estrutura psíquica com todas as suas partes, do núcleo com os objectos externos e com os objectos internos, permite opor o sujeito ao mundo dos objectos.

O Não-Self, visto que o Eu não foi considerado como sendo a totalidade da pessoa, é o lugar dos objectos e do mundo externo.

O Eu é uma estrutura psíquica, referida no anterior capítulo e que foi descrita por Freud, inclui os fantasmas inconscientes vinculados aos elementos que constituem a representação do Self no Eu.

O Não-eu está dentro do Self e, quando se expande para além do Self, transforma-se em Não-Self.

Normalmente, o conjunto de fantasias inconscientes estão vinculadas aos elementos constituintes da representação do Self no Eu mas, nos quadros psicopatológicos, toda esta situação se altera, produzindo-se variações qualitativas e quantitativas que podem ter diferentes consequências. Deste modo, aspectos do Self podem ser sentidos pelo Eu como pertencentes ao Não-Self, devido às fantasias inconscientes do Self no Eu terem perdido coesão, devido ao funcionamento patológico da identificação projectiva.

Os mecanismos de controle das partes do Self projectadas no objecto servem para manter um certo grau de integração e diferenciação do Self. Acontece porém, por vezes, que a intensidade do estímulo é tal que inibe o funcionamento desses mecanismos, de uma forma temporária ou até permanente, tendo como consequência a desorganização do estado do Self, produzindo como efeitos, a perturbação do sentimento de identidade, a sensação de estranheza, a perturbação objectal que tipifica o fenómeno da despersonalização e o regresso à utilização do controle onipotente e aos estados regressivos psicóticos e confusionais.

A inibição do funcionamento dos mecanismos de controle, pode levar a alterações que se podem traduzir na sensação de sentir, como pertencentes ao Self, factos que já não fazem parte dele. Por exemplo, na elaboração do luto pelas partes do Self perdidas, no caso do "membro fantasma" em que o membro amputado é dolorosamente sentido pelo indivíduo. Este quadro confirma que o tacto e a dor são experiências que contribuem para alcançar a diferenciação entre Self e Não-Self. Há casos em que, ao projectarem-se objectos internos maus e, muito próximos ou unidos ao Eu, partes deste são também projectadas, ou seja, a dissociação atravessa-o.

A combinação de mecanismos de defesa que se verificam em certos estados paranoides mostra como o tipo paranoide de introjecção internaliza um objecto temido e odiado, resultando desta introjecção, uma situação psíquica que repete e expande a relação entre o indivíduo e o seu perseguidor externo.

O sadismo que um indivíduo lança no objecto externo é dissolvido pelo Eu contra o objecto introjectado, ou seja, uma parte do Eu é dissociada do resto, perdendo a qualidade egoica, visto que é posta à parte da organização do Eu. Perder a qualidade egoica significa que a parte dissociada deixa de pertencer às fantasias inconscientes do Self, no Eu. Isto é tão concreto para as fantasias inconscientes quanto, por exemplo, a perda de uma parte do corpo de um lagarto é um facto, quando se vê aprisionado pela cauda. Deste modo a parte dissociada deixa de fazer parte da identidade.

## IDENTIDADE

A identidade é um sentimento que nos permite reconhecermo-nos como seres únicos e unos.

A identidade surge como resultado de um processo de assimilação mútua e bem sucedida de todas as identificações fragmentárias da infância, adolescência e adultícia de um indivíduo, ou seja, a identidade resulta da introjecção bem sucedida durante a vida do indivíduo, sendo por isso imperativo lógico haver uma introjecção precoce.

A identidade tem dois aspectos: um refere-se ao Self e o outro refere-se ao Eu.

Para Erikson a identidade depende do desenvolvimento do Eu que, inicialmente se apoia na mãe, correspondendo a um sentimento do ser na sua realidade social.

Para outros autores a formação da identidade passa pelo desenvolvimento progressivo captado pelo Self como entidade organizadora e diferenciadora, distinta do ambiente que a rodeia, que tem capacidade para se ver e ser a mesma ao longo de sucessivas mudanças, as quais são base da experiência emocional da identidade. Esta consubstancia-se no sentimento de identidade, ou seja, um indivíduo tem identidade quando todas as suas partes componentes estão suficientemente integradas na organização de um todo, de uma unidade. Assim sendo, torna-se distinto de todos os outros.

Se para M. Mahler o sentimento de identidade é determinado pelas nossas sensações corporais, sendo a imagem corporal a base dessa identidade, para Kramer é o conhecimento da pessoa que é uma entidade separada e distinta dos outros. Para outros autores a identidade é a unidade do indivíduo, ao longo do tempo, na comparação consigo próprio, o que se relaciona com a continuidade e unidade. O sentimento de identidade para Grinberg implica a noção de Self apoiada na continuidade e semelhança das fantasias inconscientes relativamente às sensações corporais, às angústias e emoções experimentadas pelo Eu, aos impulsos e afectos relativos ao mundo externo e interno, ao Super Eu, ao funcionamento dos mecanismos de defesa e

no tipo particular de identificação resultante dos processos de identificação e de projecção, ou seja, à dinâmica dos factos constitucionais, às representações herdadas, à evolução embrionária-fetal, ao trauma do nascimento e às experiências pós-natais.

A integração específica e contínua de todos os elementos citados no Self, dão a este um estado de coesão que é a base da identidade. Esta pode experimentar alterações e certas perdas, mas tudo isso acontece ao longo da evolução. Contudo, se as alterações e perdas não permitem, no tempo e por escassez deste, que o indivíduo elabore os lutos delas resultantes, criam-se quadros patológicos de graves perturbações de identidade, tais como psicoses, psicopatias, fenómenos de despersonalização, etc.

Em suma, para Grinberg, o sentimento de identidade resulta de um processo de interacção contínuo e simultâneo de três vínculos de integração: espacial, temporal e social.

É a partir da relação terapêutica, relação paciente/analista, no setting terapêutico, que Grinberg infere a configuração da identidade e como se produzem as suas perturbações, no decorrer do desenvolvimento do indivíduo e das suas relações com a sociedade. O paciente que vai para fazer análise é por que tem conflitos que o preocupam, motivos conscientes e inconscientes que o movem a isso. Assim sendo, o sentimento de identidade tem uma parte que é consciente e outra que é inconsciente, pois expressa, quer a nível pré-consciente, quer a nível consciente, fantasias inconscientes que, integradas, constituem "fantasias inconscientes do Self".

O processo analítico permite a aquisição, desenvolvimento e maturação do sentimento de identidade e coincide com o início da relação terapêutica, onde o terapeuta tem a função de continente para permitir que os "pedaços de identidade" possam ser integrados. Os pedaços de identidade constituem as fantasias inconscientes, não integradas a nível da regressão egoica, dissociadas do Eu, desvinculadas.

A função do analista é de continente, de colo, de mãe, de pele na expressão de Bick, de todas as partes do "bebé/paciente". Mahler fala da importância do contacto corporal como fonte de prazer com a mãe, no qual se

libidiniza a superfície de corpo que é o limite entre o Eu e o mundo. A mãe deve servir de barreira de contacto dos estímulos difíceis de tolerar para o indivíduo, quer eles sejam internos ou externos, dependendo dessa atitude, vivência e acção, o estabelecimento do sentimento de identidade.

Para Mahler, o analista contém o gérmen e a argamassa da identidade do paciente. E, se assim for, o paciente passará pela regressão, fenómeno que faz parte da cura: o paciente volta atrás para desfazer o falso Self e substitui-o pelo Self autêntico – é o nascer de novo, mas com outra identidade.

A situação analítica determina a frustração necessária e útil capaz de levar ao progresso. Se, a intensidade da frustração for adequada, leva o paciente a descobrir as capacidades do seu próprio Self. A frustração, quer por demasiado intensa, quer por não suficientemente intensa, retira a possibilidade de independência e dificulta o processo de diferenciação da identidade do próprio Self.

As relações objectais e os mecanismos de identificação são importantes na análise, devido às relações transferenciais a que dão lugar. De outro modo, quem suportaria as angústias persecutórias que o paciente não pode tolerar, que impedem o seu Eu de se organizar adequadamente? As relações objectais são fonte e elemento de identificação, são necessárias à identificação e servem de referência para a diferenciação. Estas funções realizam-se por identificações projectivas e introjectivas. Como dissemos, a identidade resulta do relacionamento dos vínculos de integração espacial, temporal e social.

O vínculo de integração espacial resulta da relação/integração das diferentes partes do Self entre si, incluindo o Self corporal, mantendo a coesão e permitindo a comparação e contraste com os objectos. Tende, portanto, para a diferenciação do Self/Não-Self: é a individuação.

Do vínculo de integração temporal, resulta a base do sentimento de unidade e autenticidade: é o vínculo que se estabelece entre as diferentes representações do Self através do tempo.

O vínculo de integração social é estabelecido através da relação entre aspectos do Self e aspectos do objecto, no contexto da conotação social, através de identificações projectivas e introjectivas.

Os três vínculos funcionam simultaneamente interligados. Se as partes do Self não fossem integradas, ao longo do tempo, a integração espacial não seria possível. É através da integração espacial e temporal que o indivíduo se vincula aos objectos externos (vínculo social). Também a patologia abrange todos os vínculos ao mesmo tempo, embora um possa predominar sobre os outros. Segundo Grinberg, nos quadros esquizoides, de despersonalização e estados confusionais, sobressai a patologia ao nível do vínculo espacial. Nos estados senis, de lesão cerebral e algumas formas de esquizofrenia, o domínio da perturbação vai para o vínculo temporal. Finalmente, na paranoia, psicopatias, na simbiose e "acting out", o vínculo mais afectado é o de integração social.

Com a consolidação do processo analítico, todos os vínculos vão adquirindo consistência, vão diminuindo as identificações projectivas e aumentando as identificações introjectivas: aumenta a coesão e força do Eu, permitindo uma maior capacidade de separar o mundo externo e interno, o sujeito do objecto, a fantasia da realidade e tudo o que conduz à posição depressiva.

O vínculo da integração espacial é estabelecido entre as diferentes partes do Self, incluindo o Self corporal. É um vínculo que, mantendo a sua coesão, permite a sua comparação, o contraste com os objectos e a diferenciação Self/Não-self, ou seja: a individuação.

O corpo tal como a evolução psicosexual é essencial para a consolidação do sentimento de identidade. Um indivíduo que tem a noção do seu próprio corpo, apercebe-se da sua continuidade corporal e das suas relações objectais e sociais que ocorrem no tempo.

O sentimento de identidade começa e deriva da experiência do contacto corporal satisfatório com a mãe que libidiniza a superfície corporal, o que permite o desenvolvimento perceptivo dos limites entre o Eu e o mundo.

M. Mahler distingue duas fases na formação da identidade:

Uma, a da separação-individuação, que ocorre entre os dezoito e os trinta e seis meses e que é reforçada pelas experiências de locomoção; outra, a da resolução da identidade bissexual, da fase fálica. Na primeira fase, a mãe serve de barreira aos estímulos externos e internos, altura em que a experiência é a do limite externo/interno. Na segunda fase, é a do interesse pelas zonas genitais da imagem corporal, da identificação ao progenitor do mesmo sexo e da atitude emocional de ambos os pais.

Para Bick é a pele do bebé e os seus objectos primários que são factores de coesão das partes desunidas da personalidade. A função interna da pele, que é a de conter as partes do Self, depende da introjecção de um objecto externo. Mas só quando forem introjectadas as funções de contenção é que é possível acontecer o conceito de espaço dentro do Self. Enquanto tal não acontecer, em vez do conceito de espaço, há confusão quanto à identidade. O que se vivencia como pele é o objecto que serve de continente. Ao surgir a posição depressiva, todos os conhecimentos fragmentários adquiridos pelo bebé, são por ele estruturados com um novo significado. O bebé ao mamar começa por ver que o peito pertence à mãe: é o início da relação objectal total. Relacionando o peito e a cara entre si, combinando-os, delimita-os.

O bebé que, inicialmente, temia desintegrar-se, desprender-se, partir-se, ou verter-se, na expressão de Bick, ao sentir-se integrado tanto no espaço como no tempo, não se angustia tanto por estar solto. Agora a dificuldade que tem é a de enfrentar a dependência, a mudança e a descontinuidade que é o tempo. O problema, no início, era a necessidade de estar dentro de um continente, agora, estando fora e separado, o problema é relacioná-lo, é o de estar com os outros, é o problema de assumir a dependência dos outros e a própria identidade.

Para Grinberg, o corpo, como unidade percebida, é a base do "esquema corporal". Este esquema corporal baseia-se no "Eu corporal" de Freud, mais os afectos e atitudes motoras associadas à percepção. Quando Freud sublinhou que o Eu é, em primeiro lugar e antes de tudo, um Eu corporal... não apenas um Eu superficial, mas também, e inclusivamente, a

projectação de uma superfície, estava a destacar um dos factores mais importantes que formam as fundações da identidade.

Efectivamente, um corpo exprime sempre um Eu, uma personalidade, num contexto social.

No esquema corporal, estará sempre implícito na nossa relação com os objectos e com o mundo, o que introjectamos e o que projectamos.

O vínculo de integração espacial, diz respeito ao corpo e estádios de desenvolvimento que abordámos no capítulo anterior, na perspectiva de Freud. De facto a vida, a actividade psíquica do adulto, reflecte e repete, o vivenciado na infância. As mudanças e as correlativas perdas e separações perturbam a identidade do adulto como perturbaram a criança.

O vínculo de integração temporal, diz respeito às relações entre as diferentes representações do Self através do tempo e, estabelecendo uma continuidade entre elas, fundamenta o sentimento de autenticidade.

As integrações espaciais do indivíduo que vão fazendo parte de si próprio e do objecto, estão correlacionadas com as integrações que são feitas ao longo do tempo e, assim, em diferentes momentos, vão fazendo parte de si próprio e do objecto. Significa isto que as recordações de experiências passadas vão ser agora enriquecidas com novas experiências, o passado é incorporado em novos contextos e por isso permite a aprendizagem e o reconhecimento da própria identidade, ao longo do tempo. Lembrar-se do passado e imaginar-se no futuro, faz com que a pessoa saiba quem foi e continua a ser. Na esquizofrenia, por exemplo, a aprendizagem não se faz por identificação projectiva e introjectiva, fenómenos que permitem a assimilação. Nos esquizofrénicos, a aprendizagem é feita não por assimilação, mas por imitação e o mesmo acontece no respeitante à identidade.

São múltiplas as crises ao longo da vida do humanos, crises no sentido eriksoniano e nietzschiano que, sendo dificuldades de mudança e transformação, são sobretudo oportunidades de crescimento, momentos cruciais de desenvolvimento, são crises evolutivas. O desmame, a situação edipiana, a adolescência, a adultez, a velhice e outras vicissitudes como mudanças, perdas e separações, são crises da história única, subjectiva e

pessoal de cada um. Aqui, o sentimento de identidade depende da capacidade do indivíduo se sentir, ao mesmo tempo, separado e diferente dos outros (vínculo espacial), de se sentir o mesmo, ao longo da sua história (vínculo temporal). O sentimento de identidade é resultante da diferenciação do Self/Não-self, em virtude das suas perdas e novas incorporações (a descoberta dos genitais compensando a perda do desmame, por exemplo).

Onde radica a experiência temporal? Na presença e ausência do seio e cuidados maternos, na não permanência do que ao bebé dá prazer, frustrando a sua fantasia onipotente do abastecimento inesgotável. Por um lado é o aparecimento e desaparecimento do seio que condiciona ciclos de satisfação e necessidades e o ciclo do sono/vigília. Por outro lado, são factos que contribuíram para a experiência temporal. A mãe que agora gratifica e logo frustra é a mesma, em momentos diferentes, sendo que a sua figura é percebida pelo bebé, num tempo que não é o mesmo, constituem factores de experiência temporal. A criança ao fazer a síntese, mãe que dá prazer, que satisfaz e que frustra numa só pessoa, experiencia por um lado a dor depressiva e, por outro, ela é sujeito da mãe-objecto. Entretanto, agora a criança depara não só com a mãe, mas com a mãe e com o pai que se relacionam.

A sua experiência emocional aumenta quantitativamente, ou seja, já não é ela sujeito e a mãe objecto, mas sim ela é sujeito e mais do que um objecto (mãe e pai) – relação triangular, origem do complexo de Édipo, que referimos no capítulo anterior. Ser diferenciado é ser separado, afastado pelo desmame, forçando o desenvolvimento da capacidade mental simbólica para recuperar os objectos perdidos na mente. Surgem então os jogos do faz de conta entre a perda e a recuperação. Ao pôr-se de pé e adquirir motricidade, a criança, para além de ver o mundo em nova perspectiva, pára, defeca, sente a matéria defecal desprender-se dela e perder-se, ciclicamente. O fenómeno não pode deixar de ser angustiante por ser vivido como perda de identidade, como perda de si, como perda da vida. Com a repetição da experiência, contudo, a criança aprende (com a experiência ao longo do tempo) e assim faz o luto pelas sucessivas perdas e descobre em si a capacidade de recriá-las. Adquire,

então, a necessária confiança egoica que lhe permite recriar aspectos do Self e objectos internos perdidos, assegurando-se deles, através do tempo.

A confiança adquirida pelas experiências passadas abre a expectativa de integridade futura, de se tornar cada vez mais independente e dona de si.

Por volta dos três anos de idade, a criança diferencia com clareza os objectos que são seus, dos alheios: é a idade do eu e do meu. Ultrapassada a fase do Édipo e da latência, referidas anteriormente, é obtida uma relativa estabilidade à custa do recalçamento das fantasias sexuais, dos mecanismos obsessivos e de fortes dissociações. Surge nova crise ao despertar a puberdade onde tudo é confusão e vacila o sentimento de identidade, características da instabilidade emocional típica da adolescência.

A crise da puberdade surge com o primeiro pelo púbico e com o crescimento dos seios, com o reaparecimento da masturbação, com a primeira ejaculação, etc.. Todos os problemas "adormecidos" em fases anteriores vão ser agora revividos e tudo é confuso em novas e variadas dissociações. A entidade é abalada e depende da experiência psíquica que domina em determinado momento. Em tamanha oscilação, é difícil e conflitivo assumir responsabilidade, dependendo do maior ou menor domínio das identificações projectivas e introjectivas do momento, uma vez que a noção de responsabilidade implica uma certa continuidade no tempo: encontrar uma identidade entre os momentos em que a pessoa pensou fazer algo e o momento em que esse algo é feito.

A adolescência é a fase em que se busca a assinatura própria, em que a caligrafia dos rapazes se mostra muito irregular, ora inclinada para a esquerda, ora inclinada para a direita, por vezes dentro da mesma palavra, e a das raparigas se arredonda, não fosse esta a fase em que começa a ovulação. Sendo esta uma regra geral da caligrafia, são admitidas excepções sintomáticas.

O adolescente tem de fazer luto pelo corpo infantil que perdeu, pela criança que foi e agora tem de integrar uma sexualidade madura do Self. Para resolver a crise, o adolescente, não raramente constrói teorias, assume valores éticos e intelectuais que transcendem a sua existência e que tem aspectos de

uma permanência sem fim. A dissociação do Eu dá lugar a uma maior capacidade de diferenciação: os inúmeros objectos parciais passam a constituir classes ou famílias de objectos totais, no mundo interno e, desta forma, as relações com o mundo externo tornam-se mais claramente definidas, adquirem individualização, autonomia, autenticidade.

Por fim, nova crise de identidade angustiante, que é o envelhecimento. As mudanças do meio social, económicas, políticas, a morte de familiares e amigos, as migrações, divórcios e separações são momentos em que o sentimento de identidade vacila e tudo isso obriga a constantes elaborações e reelaborações de lutos. Época em que se faz um "balanço" à vida vivida, época da eminência da perda do estatuto social e do prestígio alcançado junto com as transformações corporais e com as preocupações e medo de adoecer, da adultícia ao envelhecimento a crise é impiedosa.

Na origem destas fantasias e medos, está o problema da identidade e o terror radical da mudança. Curioso para nós é que, quando se entra na vida adulta, fase de todas as "realizações", surge a ideia da morte como traço fundamental. A morte que só existe para os outros, é uma advertência e ameaça para cuidarmos mais de nós próprios. Surgem então propósitos de termos uma vida melhor, de não nos sacrificarmos, de viajar, de tirar todo o proveito e partido do gozo que a vida pode ter. Há uma tentativa de permanecermos jovens, de correr contra o tempo, por vezes a necessidade de ceder à promiscuidade sexual, novos casamentos, a dedicar-se obsessivamente a uma actividade, etc.. Tais atitudes serão defesas maníacas se, na sequência das mesmas, se verificar deterioração no sentimento de identidade, incremento da inveja, do ódio e das tendências destrutivas. Como sobreviver à crise, como viver? Elaborando a depressão gerada pelos lutos, relativizando e adquirindo a tolerância necessária para viver cada dia com autenticidade, sentir-nos-emos viver mais plenamente, sem onipotência e com maior respeito por nós e pelos outros.

A chamada velhice constitui nova crise onde tudo o que foi dito acima se apresenta mais agravado na vida, sobretudo se se tem consciência de que se não tirou todo o partido da vida. Não raro o velho que se manifesta azedo, é um indivíduo que pela sua rigidez mental, quando novo, não viveu a vida de

uma outra forma possível. Por outro lado, a capacidade de dar e receber amor, de se identificar com os objectos amados, com a obra feita e reconhecida, permite viver a velhice como a idade da sabedoria e enfrentar a morte de forma menos persecutória.

O vínculo de integração social, referindo-se à conotação social da identidade é resultante da relação que se estabelece entre aspectos do Self e aspectos dos objectos, através dos mecanismos de identificação projectiva e introjectiva.

No início da vida a criança não diferencia a sua pessoa do mundo que a rodeia e tem tendência a recusar, a afastar e expulsar tudo o que sente como desagradável. Com o desenvolvimento da criança os mecanismos de projecção e introjecção vão-se constituir na base da qual ela cria dois mundos, o externo e o interno, carregado de objectos externos e internos. Pela vivência de perdas, separações e reencontros, a criança angustia-se e a sua angústia constitui o princípio que a leva a diferenciar o objecto de si própria. Começa assim a diferenciação do Self do Não-self, do objecto e do sujeito e os fenómenos dissociativos e de projecção.

Durante a fase esquizoparanoide, os objectos bons são confundidos, por vezes, com os objectos maus, gerando estados confusionais. Ora, ao confundir pulsões libidinais com as pulsões destrutivas, toda a personalidade corre o perigo de destruição. Na fantasia da criança, que nesta fase tem poucos recursos para expressar o seu amor ou o seu ódio, utiliza a matéria fecal, a urina e a respiração para expressar as suas emoções e desejos, ou seja, como ainda não diferencia a realidade da fantasia, os produtos como as fezes, a urina, a saliva, etc. são para ela equivalentes ao peito, ao leite ou outros, isto é, aquilo que diz respeito ao corpo representa impulsos dirigidos aos objectos.

Pela identificação, relaciona-se com os objectos confirmando, o que foi dito por Freud de que a identificação é a forma mais precoce da relação com o objecto modelo: "A identificação é conhecida em psicanálise como a manifestação mais precoce de um laço afectivo com outra pessoa e desempenha um importante papel na pré-história do complexo de Édipo...". "A

identificação é, além disso, desde o início ambivalente e pode concretizar-se tanto numa exteriorização carinhosa como num desejo de supressão. Comporta-se como uma ramificação da fase oral da libido, durante a qual o sujeito incorpora o objecto amado, comendo-o e, desta forma destruindo-o" (39.69).

Assim sendo, o primeiro desejo é incorporar o objecto, ser o objecto e o segundo momento é possuir o objecto.

"A substituição do objecto abandonado ou perdido, por identificação com ele, ou seja, a introjecção deste objecto no Eu, são factos observáveis na vida infantil" (39. 69)

Consideremos dois tipos de identificação: a identificação primária e a identificação madura. Na terminologia freudiana estas identificações correspondem respectivamente à identificação projectiva e à identificação introjectiva. Na identificação primária, a fantasia inconsciente do Self e as fantasias dos objectos correspondem à simbiose total ou relação objectal primária mãe-bebé, os objectos ou ainda não se diferenciaram ou então, através de uma regressão, voltaram a unir-se. Deste modo se compreende por que é mais fácil fazer a distinção entre dois objectos diferentes do que entre o Self e os objectos. Na identificação primária, a identificação é total, o objecto está dentro da representação do Self e vice-versa.

Na identificação madura, já não se trata de uma simbiose, mas de uma verdadeira relação de objecto com uma clara diferenciação das representações do Self e representações do objecto: é uma identificação selectiva, pois toma os aspectos parciais do objecto que são incorporados, de forma estável, na representação do Self no Eu.

A identificação introjectiva faz parte do desenvolvimento normal do indivíduo. O peito é o primeiro objecto que o bebé introjecta e projecta. A internalização do seio bom actua como um ponto focal na formação do Eu e é a pré-condição de um Eu bem integrado e estável, a partir do qual se estabelecem boas relações objectais. Por outro lado, permite projectar libido e partes boas do Self no mundo exterior, sem se esvaziar, sem se esgotar e o Eu pode reintrojectar o amor projectado ou o bom encontrado noutra fonte e,

assim, enriquecer-se e sentir-se enriquecido. Um bom objecto dá ao Eu um continente de segurança, de confiança, de riqueza e de abundância.

A identificação projectiva permite a um indivíduo colocar-se no lugar do outro e aí compreender melhor os seus sentimentos e tudo o mais que a situação evoca, pela ressonância emocional do objecto (simpatia, antipatia, hostilidade, etc.) pela relação empática que, com o objecto, é estabelecida. A identificação projectiva é a base da comunicação e da formação dos símbolos. O funcionamento da identificação projectiva tem muito a ver com o funcionamento que tiveram as identificações projectivas das primeiras relações objectais, parciais ou totais.

O desenvolvimento e estabelecimento do sentimento de identidade baseia-se nas identificações introjectivas assimiladas, mas para isso é necessário que haja predominio da identificação introjectiva sobre a identificação projectiva.

Na teoria do Super-Eu, Freud explica como a sociedade actua sobre o indivíduo: o sistema super-egoico detém certas características de todos os objectos internos.

A autonomia entre o indivíduo e a sociedade deixou, por esse facto, de se colocar porque, tanto o indivíduo como a sociedade, se encontram na natureza íntima do Eu e do Super-Eu, ou seja, a sociedade é uma entidade interna que está intimamente assimilada à estrutura do indivíduo.

O primeiro contacto com o ambiente social do bebé é com a mãe. É com a mãe que o bebé organiza a sua personalidade, ou seja, se ao nascer o bebé traz consigo determinada bagagem constitucional, é contudo na influência ambiental da mãe, do pai e outros familiares, que ele inicia e desenvolve a sua personalidade; de resto, o homem é o ser relacional que interage, pensa, cria e reflecte, tem uma inteligência reflexiva, isto é, pensa e pensa-se. No desenvolvimento normal, atravessa diversas crises e assim passa a outras. Na adolescência, questiona as alterações, as mudanças no seu corpo (integração espacial) sofridas através do tempo (integração temporal) e questiona também o seu grupo familiar e social (integração social), de uma forma confusa, o que leva, por vezes, o adolescente a questionar a família e a sociedade, em termos

de valores que defendem, em termos de dependência/autonomia, conceitos de vida e suporte emocional, de conforto e desconforto, de estabilidade, aventura e segurança. Na crise da adolescência todos os vínculos são postos em causa, pelo desequilíbrio e dissolução das relações estáveis entre os vínculos objectais e os sistemas psíquicos. São as crises confusionais da adolescência perante as quais o grupo, familiar e social, se sentem incapazes de solucionar. São crises que não raramente redundam em verdadeira despersonalização na busca desesperada de uma determinada identidade. A própria família do adolescente, não raramente, entra em crise pela incapacidade de resolver a situação. No grupo familiar a perturbação de um elemento afecta todos os elementos, afecta o grupo em si mesmo, como sistema.

Não raramente o adolescente encontra no seu grupo de pares respostas para os seus problemas.

As mudanças do meio ambiente, as mudanças sociais, são factores de perturbação no sentimento de identidade. É o caso do emigrante português que vai para a Austrália e aí organiza a sua vida, aí nascem seus filhos, etc. As saudades do torrão natal apenas são mitigadas com o cozido à portuguesa do fim de semana. Volvidos trinta ou quarenta anos, regressa á sua terra e em breve sente saudades da Austrália: sua terra natal não é a mesma, as pessoas que conhecia morreram, não conhece ninguém, ninguém o conhece. Que é feito do vínculo de integração social? Sente que não é o mesmo. Na Austrália funcionou representando papéis de "como se" australiano fosse – identificação precária ou pseudo identidade. Novamente no seu torrão natal, que identidade tem? Quem é? Já não tem referências, não conhece ninguém, não é conhecido.

As mudanças implicam perdas (luto pelo objecto) e a perda do própria Self ligada àqueles (luto pelo Self). Assim, as partes do Self perdidas ameaçam a perda de identidade.

Para Coimbra de Matos a Identidade é uma construção pessoal resultante das identificações projectiva e introjectiva porque, diz que "a percepção que temos de nós, do outro e que o outro tem de nós é indiciada

pela introjecção daquilo que necessitamos e pela projecção daquilo que desejamos” (50. 23).

O conceito de identificação reveste três aspectos: identificação como processo de reconhecimento de um objecto ou processo de auto-conhecimento, em que eu mesmo sou tomado como objecto do meu conhecimento pela clivagem num Eu vivencial e num Eu observador, e que se verifica na situação psicanalítica bem sucedida; identificação enquanto construção da identidade do Self, do sujeito, objecto de conhecimento, de uma sujeitologia e, finalmente, identificação do sentido de tornar idêntico o outro a mim ou tornar-me eu idêntico ao outro. Este é um processo que esbate diferenças e que pela aproximação identitária dos elementos forma grupos e famílias.

Pela identificação introjectiva os meus afectos são os afectos do outro, eu identifico-me com o objecto e, pela identificação projectiva é o outro quem fica com a minha emoção ou substância emocional. Colocando-me eu assim na pele do outro para o perceber, identifico o objecto comigo.

“Percebemos as coisas pelos sentidos, as pessoas pelo afecto-sensualidade. “A identidade é a possibilidade de ser diferente – em sonho, ao menos” (50. 32).

Sendo o homem um ser curioso, vive em permanente inquietação. Como ser para a morte, emparedado, vive em angústia existencial. Como ser que pensa, reflecte e cria, sabe da sua finitude e sonha a possibilidade da sua imortalidade simbólica na cultura que transmite. Pela identificação projectiva ou empática ascende a uma ética, domina a sua agressividade e violência e assim opta por proteger o mais fraco, a vítima, ou seja, produz uma moral endógena que nada tem a ver com a moral geradora dos sentimentos de culpa e que faz apelo à reparação: trata-se da empatia, solidariedade, afecto de comunhão, pelo reconhecido facto de estarmos todos no mesmo barco ante a morte. A identidade constrói-se e desconstrói-se pelos mesmos processos. Estando em permanente formação e transformação, mesmo quando se encontra relativamente estruturada, vai mudando ao ritmo do desenvolvimento diferencial.

Estando em formação, a identidade perante a indiferença ou malevolência do objecto abre a possibilidade do indivíduo se retrair e desenvolver uma pré-identificação em que o Eu lacunar e de limites mal definidos se apodera da mente do outro e vive através dela, dando origem a uma confusão de identidade.

Tal como em Freud, Coimbra de Matos parte da identidade biológica (o corpo) e da abertura do programa filogenético da espécie, que se apresenta com uma parte saturada e uma outra parte insaturada, sendo esta a que permite um "amplo leque de evoluções possíveis" de natureza mental, de organização mental. Por isso somos inteligentes, diria Amaral Dias, lembrando Sacarrão. E assim se compreende como o meio, o ambiente afectivo-humano e sócio-cultural, preenchendo aquela parte insaturada nos modela e transforma de forma única, pelas relações interpessoais que valorizamos e que nos permitem a construção da identidade. Assim sendo, parecer-nos-ia sermos uma mistura de partes dos outros. Com efeito, Matos também diz que somos, em certa medida, uma criação do sistema relacional mas acrescenta que somos sobretudo criadores activos, espontâneos e livres do nosso psiquismo e identidade peculiar que nos define e diferencia. Criadores activos, espontâneos e livres, pela identificação idiomórfica\* que, em termos simples significa: ponderado o que me vem da identificação imagoica e o que me chega do modelo, eu opto ou escolho o que quero.

Existo porque existes, porque fui reconhecido e amado. Existo porque me criei na relação com os outros. Conheço-me e reconheço-me, sei quem sou e tenho uma ideia do que valho porque, pela vivência relacional, relação de apego, de intimidade, biunívoca de amor e descoberta, penso-me em cada uma das mil circunstâncias de conforto e desconforto, de dúvida e privação, de amor e de ódio, de desejo, sonho e miragem, de frustração e medo, de prazer e dor e pelo desejo de conhecer e me reconhecer. Para Coimbra de Matos a identidade é um processo de construção pessoal imagoico ou imagético, idiomórfico e alo(xeno/alotrio)mórfico. Por ser a primeira, identificação imagoica é a mãe de todas as identificações, uma vez que a partir dela e com ela é criado o núcleo primário da identidade, a identidade psíquica básica. É a

---

\* Idio = próprio, mórfica = forma

identificação imagoica que organiza, por volta do ano e meio de vida, a identidade sexual; é uma identificação introjectiva, específica do homem a qual lida com o símbolo e significado; é substantiva, uma vez que nos marca e determina para sempre.

Se, por exemplo, sou lindo ou feio, devo essa minha convicção profunda ao facto de meus pais mo terem dito no início da minha vida, por palavras e linguagem analógica, criando em mim esse inconsciente. Daí, por exemplo, a identidade culposa ou o sentimento de inferioridade induzidos pelos pais através da identificação projectiva.

Se a identificação imagoica for ajustada e adequada à área insaturada do programa filogenético, ela permite o desenvolvimento saudável, caso contrário será patogénica, rejeitante, paranóica por falta de verdade, realidade. As fantasias inconscientes transformam-se então em fantasmas, enquanto que as fantasias conscientes nos permitem o desenvolvimento e as expectativas.

A identificação idiomórfica é uma identificação que revela a nossa dimensão narcísica, pois provém da experiência do indivíduo se ver, fazer, mostrar-se, é uma identificação que provém da aprendizagem. É uma identificação que, como termo indica, o indivíduo identifica-se à sua própria forma e constrói a sua Identidade. A identificação idiomórfica corresponde à fase genital em Freud, isto é, por volta do ano e meio aos três anos, complementando a identificação sexual de género da identificação imagoica. A criança recebe e integra os caracteres sexuais externos. Trata-se, conforme Matos, de uma identidade sexuada, estática a qual passará a ser dinâmica com a identificação alomórfica. A identificação idiomórfica mantém-se ao longo do vida, mas acentua-se na fase da adolescência. Por isso o adolescente procura os seus próprios valores, as suas próprias ideias, o resultado seleccionado proveniente da aprendizagem com o que experiencia. O adolescente faz suas escolhas, independente dos hábitos e vontade de seus pais. Na fase adolescencial e juvenil, desencadeia-se uma dissociação, um rejeitar do que foi identificação imagoica e alomórfica até então, num processo dramático para o adolescente e família, o qual chega a tocar a despersonalização. Este facto é, contudo, facilitador da identificação idiomórfica, tornando-se o jovem por isso numa identidade própria, específica e distinta. É uma identificação assertiva, de

competência e autoplástica. É que, a identificação idiomórfica permite a expressão do Self autêntico, permite a aprendizagem por ensaio e erro, a descoberta e a expressão identitária do Self autêntico.

A identificação alomórfica é a identificação ao outro, outro no sentido de modelo e ocorre entre os três e os seis anos. O modelo pode ser um objecto escolhido por ser amado ou invejado, ao qual o indivíduo procura tornar-se semelhante, introjectando para tal, os seus atributos reais ou imaginados, "vestindo-lhe a pele". É o caso, por exemplo, em que o rapaz calça os sapatos do pai ou usa o cabelo à Victor Baía e a rapariga se veste, gesticula e expressa à Tiner Turner.

Conforme Coimbra de Matos, "a identificação pode ser primária ou secundária, grosseira ou massiva, fina ou selectiva, com o objecto da relação vigente ou com o objecto da relação perdida, com o objecto externo ou com o interno, identificação ao humano, à espécie e à identidade sexual" (50. 26).

Efectivamente, a identificação alomórfica pode ser útil, e muitas vezes o é, uma vez que ela implica uma certa ruptura do imaginário do indivíduo que deseja ser como o outro idealizado. Muitos atributos pessoais da generalidade das pessoas resultam deste conhecimento identificativo e cultural. Para Coimbra de Matos é a identificação mais conhecida e a única que a psicanálise clássica e a psicopatologia dinâmica tradicional descrevem ... como se o processo de identificação se reduzisse à identificação ao modelo. Efectivamente, a identificação ao modelo não consubstancia a identificação na sua totalidade.

"A identificação-construção da identidade, em qualquer das formas (imagoica, idiomórfica e alomórfica) pode operar-se segundo dois tipos de funcionamento mental observados por Freud: ou utilizando a representação directa (identidade de forma) ou a representação simbólica (identidade de significado), isto é, por um processo extractivo (deslocamento arbitrário de... para ...) e de aposição ou abstractivo (separação mental do essencial) e introjectivo-assimilativo. Isto dará as personalidades mecânicas, robóticas (ser firme e estar rígido, por exemplo) que funcionam em superfície a duas dimensões; e as verdadeiras pessoas, com dimensão e profundidade, em

espaço-volume psíquico onde o afecto ressoa e o pensamento se reflecte – e ainda uma quarta dimensão, a do tempo, em que a transformação se processa: com memória (do passado), compreensão (no presente) e desejo (para o futuro)” (50. 31)

### A ANGÚSTIA FACE À MUDANÇA E AO LUTO PELO SELF

A angústia, sendo uma reacção do indivíduo perante o perigo, em que manifesta o desejo de sobreviver e, conforme o contexto, se prepara para a luta ou para a fuga, é um dos sentimentos pessoais extremamente desagradável e dos mais comuns da espécie humana. A angústia é vivida subjectivamente como sentimento difuso, vago, indefinido, de apreensão, como um estado de desamparo, de incerteza, de insegurança. São múltiplas as manifestações físicas do sentimento de angústia desde a aceleração respiratória e circulatória, transpiração, sensação de vazio no estômago, etc. Quando muito intensa a angústia pode transformar-se em pânico, situação em que o indivíduo se sente impelido a correr, a fugir e a, se a fuga não acontece, a desintegração da personalidade é ameaçada até à crise psicótica temporária.

Sendo a angústia vivida de um modo subjectivo, a sua exteriorização reveste-se de uma grande diversidade, por exemplo: estado de mau humor, de irritabilidade, etc..

A angústia relaciona-se fundamentalmente com o futuro e surge quando o Eu se sente na eminência de ser atacado. De modo diferente, na depressão, o Eu fica como que paralisado porque o indivíduo, sentindo-se impotente para enfrentar o perigo que o ameaça, substitui o desejo de viver pelo desejo de morrer, é o instinto de morte, em Freud. Na depressão o indivíduo vê o seu passado, o presente e o futuro “com óculos escuros”, daí que se manifeste apático, triste e sem esperança.

Inicialmente Freud considerou a angústia como uma consequência do recalçamento dos impulsos libidinais. Mais tarde, e não abandonando esta teoria, considerou a angústia como sinal de perigo, como sinal de alarme. Distinguiu também a angústia real, da angústia neurótica: a angústia real, porque surge devido a situações correntes de perigo; a angústia neurótica, quando provém do Eu por motivos internos dissociados da realidade externa e por isso, esta angústia tem uma qualidade que é destrutiva e que incapacita ou dificulta muito o indivíduo para reconhecer a realidade e agir, crescer e mudar.

Segundo Grinberg, Freud coloca a questão “ em que circunstância a separação do objecto (que implica uma mudança) produz angústia, produz tristeza ou, talvez dor? (...) A dor é a verdadeira reacção face à perda do objecto, enquanto que a angústia é a reacção ao perigo que essa perda traz consigo (...) A tristeza surge sobe a influência do exame da realidade que impõe a separação do objecto, já que ele deixa de existir” (39. 78). A angústia real, a angústia face ao perigo radica no medo de castração. E o medo de castração converte-se no medo da própria consciência e em medo social.

Qualquer mudança implica a tendência para o indivíduo se agarrar ao que conhece, ao que lhe é familiar. O conservadorismo, que para muitos é uma forma de reaccionarismo, não é mais do que ceder à compulsão repetitiva de evitar o que é novo. O povo português diz “mais vale um pássaro na mão do que dois a voar” e “para mal, já basta assim”. Contudo e apesar de tudo, o crescimento a evolução de qualquer indivíduo é feito de grandes e de pequenas mudanças, que ao longo da vida vai efectuando, na base de experiências emocionais, construindo a sua própria identidade. Sentimento este que muito naturalmente pode vacilar, ao ritmo das correlativas perdas, separações e mudanças. Mudar é fazer o luto pelo objecto perdido e pela perda dos vários aspectos do próprio Self, ou seja, é também o luto pelo Self. Acontece que, para evitar a desintegração do objecto total, há sempre elementos que mudam e outros que permanecem; ou seja, diz Grinberg, “em cada indivíduo haveria uma unidade do Self que permanece constante, ainda que os outros conteúdos do Self mudem rápida ou lentamente, de forma transitória ou duradoura. (...) Contudo, há momentos em que o sentimento de identidade fraqueja e surge a angústia face à mudança” (38. 80). Procura-se,

porém fazer com que nada mude: esta é a luta do indivíduo contra o seu medo da morte. No entanto, a não mudança leva à esterilidade emocional, ou seja, à morte psíquica. A resistência à mudança é a tentativa de destruir as fontes da angústia que a mudança ou separação implica.

Relacionado ainda com a depressão e o luto, a culpa que o indivíduo dolorosamente vive perante o objecto e o Self, vai resultar no luto patológico: é a culpa patológica. A culpa depressiva, essa cria a possibilidade de uma verdadeira separação do Self e do objecto.

A transformação da identidade, obedecendo ao mesmo processo da sua formação, tem momentos de maior ou menor radicalismo, devido a circunstâncias internas e externas e específicas, na vivência da paixão amorosa, na experiência mística, na militância política, na cura analítica, na experiência depressiva e na vivência de momentos psicóticos. Transforma-se sobretudo “na relação (real ou imaginária, consciente ou inconsciente, isto é infra-limiar e fantasmática) objectal ou narcísica (de mim comigo); sobretudo na relação profunda com um objecto continente bom entendedor e adequadamente responsivo, não intrusivo, abafante ou protector, sem desejo, nem memória ou compreensão saturados; numa relação de ideologia aberta, se assim pudermos dizer – em que, a busca da verdade do ser e a sua existência e o encontro de mutualidade criadora, sejam a razão e a emoção do diálogo constituinte e constitutivo. Só assim nos transcendemos numa identidade em movimento que perdura na obra que deixamos. Imortais pela herança cultural que transmitimos, mortais pela transformação contínua que sofremos.” (50. 32).

Em síntese, mantermos o sentimento de que somos nós mesmos, unos e únicos, ao longo do tempo e do meio sempre em mudança, vivenciando as transformações corporais, desvendando-nos e reflectindo, reflectindo-nos ante sonhos e expectativas, umas conseguidas, outras frustradas, não é tarefa fácil nem cómoda.

O agente policial que no exercício da sua profissão, depara frequentemente com situações de extrema agressividade social, agirá ou reagirá de modo a que a sua identidade não seja posta em causa?

Se na formação da identidade o colo dos cuidados maternos é essencial porque estruturante e organizador do psiquismo, a formação humana e humanizada dos indivíduos não pode deixar de estar presente, de forma activa na sua formação profissional.

### CAPÍTULO III

# FORMAÇÃO POLICIAL

## FORMAÇÃO POLICIAL

Constata-se que a Polícia de Segurança Pública, desde há longos anos, quiçá desde sempre, tem manifestado preocupação com a formação dos seus agentes. Admitimos, contudo, que o conceito de formação tenha tido na corporação, leituras diversas, em consonância com as épocas e respectivos contextos sócio-políticos em que é pensado. A adequação e eficácia da formação poderá ser ponderada pelos efeitos produzidos na prática do exercício de Segurança.

Uma formação é boa, menos boa ou má, conforme os resultados que produz e a perspectiva que dela se tem. Será que a formação na Polícia Segurança Pública tem evoluído a par da evolução e necessidades da nossa sociedade? Tal desiderato terá sido e será possível, sem perda de identidade e legitimidade dos seus homens e mulheres? A formação implica mudança, transformação.

Não é nosso propósito abordar toda a formação policial, nem a parte que se relaciona com a Escola Superior de Polícia, por não se enquadrar no âmbito do presente estudo.

A primeira referência a uma Escola de Polícia reporta-se ao ano de 1953, concretamente, ao Decreto Lei N.º 39479, de 31 de Dezembro daquele ano, onde se refere o funcionamento de uma Escola de Polícia destinada à preparação do pessoal dos restantes comandos, funcionando a mesma no Comando da Polícia de Lisboa.

Não tendo sido executado o referido Decreto Lei, foi o mesmo revogado, em Julho de 1962, pelo Decreto Lei N.º 44447 que cria a Escola Prática de Polícia e define os seus objectivos: Instruir os novos agentes policiais, organizar cursos, exames para promoção ou especialização e orientação da corporação. Contudo, só em 21 de Outubro de 1966, foi criado o Quadro Orgânico inicial da Escola Prática de Polícia, pelo Decreto Lei N.º 47267, iniciando a Escola a sua actividade, em 16 de Janeiro de 1967, no antigo Convento do Calvário, em Alcântara, Lisboa. Deste modo e, no mês de

Março daquele ano, começou a ser leccionado o primeiro Curso de Promoção a Subchefe.

Em Setembro de 1984, a Escola Prática de Polícia passou a funcionar em Torres Novas, nas actuais instalações que foram, sucessivamente, sede da Escola Prática de Cavalaria, do Grupo de Artilharia contra Aeronaves, do Regimento de Administração Militar, etc.

O dia 16 de Janeiro passou a ser comemorado por toda a Escola como data do seu aniversário.

Nem sempre, nem com igual periodicidade, foram ministrados cursos de formação de guardas aos candidatos a agentes\* policiais, cursos de promoção a guardas principais, cursos de promoção de subchefes, cursos de promoção a subchefes ajudantes, além de várias outras acções de formação e, tais factos, ficaram-se a dever às inoportunidades da realização dos mesmos, por decisão governamental. Contudo, quando os referidos cursos eram realizados, tinham uma duração diferenciada, num tempo médio estimado, entre três e nove meses, abrangendo uma população variável, a qual, nos últimos tempos, oscilará entre quinhentos e mil e quinhentos elementos, sensivelmente.

O corpo docente da Escola Prática de Polícia, tendo sido inicialmente composto, maioritariamente, por subchefes, como monitores e por chefes de esquadra, subcomissários e comissários, como instrutores, tem vindo a ser caldeado com licenciados não policiais, sendo de salientar que, no corrente ano lectivo, estes rondam os quarenta elementos.

Do organograma actual da estrutura da Direcção Nacional da Polícia de Segurança Pública, composta por Director Nacional e três Directores Nacionais Adjuntos, destacamos:

No topo da pirâmide, um Director Nacional, apoiado por um "staff" de sete Gabinetes, três órgãos de Conselho, uma Comissão e a Inspeção Geral.

As áreas de Logística e Finanças, de Recursos Humanos e de Operações, são geridas e organizadas em quatro departamentos cada uma e

---

\* A antiga designação de Guarda foi recentemente substituída pela de Agente.

são da responsabilidade, respectivamente, de cada um dos Directores Nacionais Adjuntos.

Desde sempre, as admissões na Polícia de Segurança Pública foram feitas através de concurso público. Inicialmente, e reportamo-nos aos primeiros anos após a criação da Escola Prática de Polícia, só eram recrutados indivíduos do sexo masculino que tivessem bom comportamento moral e cívico, tivessem cumprido, com o mínimo de um ano, o serviço militar e fossem detentores da escolaridade obrigatória (quarta classe e, mais tarde, o nono ano de escolaridade). A partir da década de setenta, começaram a ser admitidos indivíduos de ambos os sexos e com aquelas habilitações literárias.

Os candidatos admitidos eram submetidos a provas documentais e escritas as quais eram antecedidas da garantia, dada pela junta médica, que os considerava aptos e saudáveis. Oriundos do serviço militar, os candidatos não faziam provas físicas, nem faziam testes psicotécnicos. Os principais critérios de selecção e de chamada eram a classificação das provas escritas. Houve sempre recolha prévia de informações confidenciais, internas à corporação, via regiões, mesmo dos candidatos sem cadastro no Registo Criminal. Perfil moral do candidato?

Ao deixar de ser condição de ingresso na Polícia de Segurança Pública o facto de ter cumprido o serviço militar, os candidatos passaram a ser sujeitos a provas físicas, as quais tinham e têm carácter eliminatório. As admissões eram feitas por um júri composto por três oficiais superiores.

Os candidatos admitidos, no final da década de setenta, recebiam uma formação subdividida em cinco áreas: Educação física, técnica, instrução geral, instrução táctica e instrução literária. O tempo médio dos cursos de formação, rondava os três e quatro meses. A área técnica era a que tinha maior peso relativo. Salvo uma ou outra excepção, os candidatos fizeram testes periódicos das matérias leccionadas.

Findo o curso, havia um estágio de três a quatro semanas, feito nos comandos para onde, entretanto tinham sido colocados. Aí, era-lhes proporcionada prática da acção policial e aspectos teóricos com ela

relacionados. A avaliação do estágio era feita pelo respectivo chefe directo do estagiário.

Os então, guardas provisórios, só passavam e só passaram ao quadro dos efectivos, ao fim de dois anos e desde que tivessem sido aprovados. O acompanhamento e apoio ao guarda provisório era feito por um colega mais antigo e do quadro dos efectivos, quer nos patrulhamentos, quer na elucidação de dúvidas teóricas que tivessem.

A colocação dos guardas, numa ou noutra esquadra, obedecia ao critério da melhor classificação obtida "inter paris", da antiguidade profissional e número de vagas existentes.

Reportando-nos ao curso de formação de guardas de mil novecentos e setenta e oito, encontramos as referidas áreas de estudo compostas pelo currículo seguinte: Uma primeira área composta pelas disciplinas de Português, História, Geografia e Ciências; uma segunda área com as disciplinas de Trânsito, Transmissões e Socorrismo; a terceira área com as disciplinas de Direito e de Serviço Policial Urbano; quarta área com Ética Policial, Organização, Informações, Serviço Interno, Matemática e Topografia; finalmente, a quinta área, com as disciplinas de Ginástica Educativa, Luta de Defesa Pessoal, Desportos, Tiro teórico, Tiro prático, Ordem Unida, Manutenção da Ordem, aulas práticas, comentários de testes, trabalho de estrada e armamento.

Com o decorrer do tempo, tem vindo a ser optimizado o critério de selecção dos candidatos e o da sua formação. A exigência dos candidatos possuírem como habilitações literárias mínimas o 9º ano de escolaridade, não tem impedido que, na afluência aos concursos para agentes policiais, surjam candidatos que, na sua maior parte, apresentam habilitações literárias superiores. Seja pelo facto da afluência aos concursos ser maior, seja pelo facto dos candidatos se apresentarem com habilitações, além das mínimas exigidas, constata-se que grande parte destes têm sido seleccionados. Tal facto terá concorrido também para uma maior exigência nas matérias de formação, o que converge com os projectos da Escola e com a necessidade reclamada pela população.

As candidaturas continuam a ser de âmbito nacional, não existindo quotas regionais de recrutamento com vista à aproximação dos agentes do meio da sua naturalidade e que é o que melhor conhecem. Podem, contudo, os agentes pedir transferência do local onde se encontram colocados em serviço, bastando para tal formalizar o respectivo requerimento que será atendido por escala de transferências, a nível nacional.

A partir de 1994/95, os candidatos concorrentes começaram a fazer provas psicotécnicas das quais constam: teste de ortografia e teste de memória, da autoria do Departamento de Formação da Direcção Nacional da Polícia da Segurança Pública; teste de compreensão, Bateria PARC e teste de raciocínio verbal, Bateria PARC da autoria de Iolanda Ribeiro e de Leandro de Almeida, da Universidade do Minho; matrizes progressivas de Modem, adaptação feita pelo Centro de Psicologia Aplicada do Exército e, finalmente, respondem ao Inventário Multifásico de Personalidade de Minisota (MMPI).

Antes de nos referirmos à formação efectiva do corrente ano lectivo, registamos o currículo de formação dos guardas de há meia dúzia de anos a esta data. Esta formação tem sido distribuída por cinco áreas: A área cultural, com as disciplinas de Deontologia Policial, Informática, Relações Públicas, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Psicologia e Sociologia; a área jurídica, com as disciplinas de Direito Penal, Direito Processual Penal e Direito Constitucional; as áreas técnicas, com as disciplinas de Armamento e Equipamento, Tiro (teórico, em sala didáctica e prático), Socorrismo, Engenhos Explosivos, Informações, Ordem Unida, Ordem Pública (teórica e prática), Serviço Policial Urbano (teórico, prático e expediente); Transmissões, Investigação Policial, Regulamento Disciplinar, Continências e Honras e Organização; a área de educação física, com as disciplinas de Ginástica Educativa e Desporto e de Luta e Defesa Pessoal; finalmente, a área diversos, da qual consta: alistar a fardar, testes, temas, motorizadas, provas físicas, distribuição de fardamento, visitas de estudo e palestras, à disposição do comando, treinos e encerramento do curso.

Das directivas de instrução para o Curso de Formação de Guardas (08) do ano lectivo de 1999/2000, salientamos as alterações introduzidas na formação, quer a nível metodológico, quer a nível dos meios utilizados. O

referido curso passou a assumir-se como Formação Profissional, com objectivos pedagógicos, com uma estrutura modelar, com uma vertente prática simulada. Foi alterada a nomenclatura das áreas e ajustadas as disciplinas que caracterizam cada uma delas.

O défice sentido na formação, nomeadamente no campo das ciências sociais, foi determinante na criação da área de formação psicossocial, englobando novas disciplinas e reformulando outras. Assim, foi criada a disciplina Educação para a Cidadania, as disciplinas de Psicologia e Sociologia, antes leccionadas, foram substituídas pela de Psicossociologia; a Deontologia Profissional manteve-se e foi criada a disciplina de Comunicação Interpessoal e Atendimento.

Metodologicamente, a formação passou a ter um cariz de profissionalização, com recursos a materiais como vídeo, televisão, retroprojectores, acetatos, sebentas, filmagens do desempenho prático dos alunos, com posterior visionamento e comentários de auto e hetero-avaliação, das autoscopias feitas. Alguns dos materiais citados, caso do retroprojector, acetatos e sebentas, já eram utilizados em cursos anteriores. Outro aspecto desta alteração é o da carga horária da área psicossocial, que passou a ter, sensivelmente, a mesma carga horária da área jurídica, ou seja, cento e vinte e seis horas. Foi ainda fomentado a Formação Contínua e à Distância, com a formação inicial em diversos temas, de entre os quais o da toxicodependência e o das minorias étnicas. Foi feita formação pedagógica de formadores a todos os instrutores (subcomissários) e monitores (subchefes).

Dos objectivos pedagógicos que foram estabelecidos para o corrente ano lectivo de 1999/2000, por nos parecer de maior interesse para o nosso estudo, salientamos o das disciplinas de Psicossociologia, Comunicação Interpessoal e Atendimento, Educação para a Cidadania e Deontologia Profissional.

Assim, o objectivo geral da disciplina de Psicossociologia é o de "Compreender e descrever os comportamentos dos indivíduos nos grupos sociais" e, nos objectivos específicos da mesma, encontramos "Enquadrar a psicossociologia no âmbito da futura actividade profissional, caracterizar a vida

dos grupos restritos, compreender os comportamentos do indivíduo, quando em interacção com o grupo, conhecer o papel dos indivíduos, enquanto produtores e produto de cultura, compreender a dinâmica das organizações, particularmente, aquela onde estão inseridos, interiorizar as noções de estereótipo e preconceito”.

A disciplina de Comunicação Interpessoal e Atendimento tem como objectivo geral “Conhecer e aplicar estratégias para um melhor relacionamento interpessoal, no contexto da prestação de um serviço de qualidade ao cidadão” e, como objectivos específicos, os de “Compreender a comunicação como um processo; consciencializar-se dos obstáculos à comunicação eficaz, desenvolver as atitudes comunicacionais mais adequadas a cada situação, utilizar técnicas de atendimento presencial e telefónico, adaptado a situações específicas e efectuar acolhimento e encaminhamento adaptado a situações específicas”.

A disciplina de Educação para a Cidadania, tem como objectivo geral “Estimular o desenvolvimento pessoal e social no futuro elemento das forças de segurança, no sentido de o tornar mais informado, actuante e comprometido com o exercício da cidadania”. Como objectivos específicos desta disciplina, realça-se os de “Compreender o papel das forças policiais numa sociedade democrática” e o de “conhecer e respeitar os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos”.

Quanto à disciplina de Deontologia Profissional, o objectivo geral é o de “Interiorizar um código deontológico adequado à missão policial”. Esta disciplina tem os seguintes conteúdos programáticos: Moral e ética, poder e autoridade, importância dos aspectos morais da profissão de agente de autoridade, deontologia, a necessidade de um código deontológico nos profissionais da administração pública, valores e virtudes humanos e profissionais, conduta profissional e comportamento pessoal, a disciplina e os regulamentos, o agente de autoridade, enquanto prestador de um serviço público de qualidade” e ainda, “a ética da actuação policial numa sociedade multi-cultural”.

Não sendo possível estabelecer comparações rigorosas entre as áreas disciplinares ao longo dos diversos anos, não só devido à diferente arrumação dada às disciplinas, mas também devido aos seus diferentes conteúdos programáticos, estabelecemos, contudo, algumas observações que reputamos de relativa pertinência, porque fundamentadas na grelha das disciplinas e respectiva carga horária, da Escola de Formação de Guardas de 1978 e nas grelhas correspondentes aos anos de mil novecentos e noventa e seis até ao corrente.\*

Sem pretensão de abranger todas as disciplinas, propomo-nos salientar apenas aquelas que, de um modo geral, dizem respeito à área cultural e as que, na nossa perspectiva, contribuem de uma forma directa para a elevação do sentimento de segurança física pessoal.

A disciplina de Ética que, na década de setenta, tinha uma carga horária de 2.773% do tempo do curso, deixou de ser leccionada. Damos conta, contudo, que, na década de noventa, se leccionava a disciplina de Deontologia Profissional, representando o seu tempo lectivo anual entre 1.308% e 1.411% para, no corrente ano lectivo, ter a representação de 2.429%, verificando-se, assim, um substancial aumento de carga horária.

A disciplina de Informática, leccionada na década de noventa, teve uma carga horária crescente até ao ano transacto, onde atingiu 3.842% do tempo lectivo do curso, tendo, no corrente ano, uma redução de meio ponto percentual.

A disciplina Relações Públicas, leccionada na década noventa, deixou de ser leccionada no corrente ano lectivo.

A disciplina relacionada com Língua Portuguesa teve várias designações: Língua Portuguesa, Português e Técnicas de Interpretação e de Redacção. Na década de setenta, representava 6.380% do tempo lectivo e, na década de noventa, uma percentagem variável entre 2.181 e 3.842%. No corrente ano lectivo, teve ainda uma ligeira subida para 3.887%, o mesmo se

---

\* Por dificuldades de transposição de programa de computador onde foi feita a grelha de 1996 a 1999, esta consta do anexo.

verificando com a Língua Inglesa, com a excepção de que esta disciplina não era leccionada na década de setenta.

A disciplina de Psicologia e a de Sociologia, que foram leccionadas na, década de noventa, com uma percentagem de tempo lectivo crescente, tendo atingido no ano transacto 2.347%, foram substituídas, no corrente ano lectivo, pela disciplina de Psicossociologia com um percentual horário de 3.887%.

As disciplinas de Educação para a Cidadania e de Comunicação Interpessoal e Atendimento, são disciplinas que começaram a ser leccionadas no corrente ano, com uma percentagem de tempo de 2.915 cada uma.

A disciplina de Investigação Policial que, em meados dos anos noventa, tinha uma atribuição de tempo a rondar os 0.7% do tempo do curso, passou, no ano transacto, a representar 1.921% e, no corrente ano, 3.887%.

Assim, no corrente ano, foram contemplados com 3.887% do tempo do curso, cada uma das seguintes disciplinas: Técnicas de Investigação e Redacção, Inglês, Psicossociologia e Investigação Policial; com 3.304% a disciplina de Informática; Educação para a Cidadania e Comunicação Interpessoal e Atendimento com 2.915% cada e Deontologia com 2.429%.

Finalmente, as disciplinas nas quais se verificou uma maior atribuição de tempo lectivo foi a disciplina de Tiro que, na década de setenta, representava 3.327% do tempo do curso; na década de noventa, atingiu o mínimo de 1.706% do tempo e, no corrente ano, teve 5.150% de tempo do curso.

Em sentido oposto, constata-se que a disciplina de Ordem Unida que, na década de setenta, representava 6.380% do tempo do curso, tem vindo a decrescer na sua representação, atingindo, no corrente ano, 0.971% do tempo do curso.

A disciplina de Ginástica, de um modo geral, tem vindo a ter um aumento ligeiro do tempo atribuído, enquanto que a disciplina de Luta representou, inicialmente, 4.993% do tempo do curso; na década de noventa, rondou os 2.8% do tempo e, no ano transacto, foi-lhe atribuída a percentagem de 4.482%; no corrente ano, 4.761%, ou seja, as disciplinas de Ginástica e de Luta, no seu conjunto, representam 9.62% do tempo total do curso.

Perante o exposto, verificou-se que a Escola Prática de Polícia sempre se mostrou sensível à melhoria da Formação que ministra, revendo e alterando os tempos relativos da generalidade das disciplinas; que no corrente ano operou transformações muito substanciais com a inclusão de novas disciplinas: Psicossociologia, Educação para a Cidadania e Comunicação Interpessoal e Atendimento. A disciplina de Tiro foi a que maior percentagem de tempo teve no corrente ano, sendo que, a par da disciplina de Ginástica e Luta, atingiu o tempo recorde de 9.62%. Admite-se, contudo, como hipótese, que a Escola Prática de Polícia não possa otimizar mais o seu funcionamento em virtude do mesmo ser determinado por diplomas legais.

É de realçar que, quer a nível dos instrutores e monitores, quer a nível dos professores externos à Corporação, se fazem várias reuniões, por grupos de disciplina, para coordenação e controle das matérias e avaliação dos alunos. A Direcção dos cursos reúne semanalmente. Esta tem vindo a manifestar abertura, entusiasmo e sensibilidade à causa ensino-aprendizagem. Se assim continuar a ser, é lógico e razoável esperar melhores condições para o ensino-aprendizagem, nomeadamente, que o número de alunos por turma desça dos 32/33 para os 20/25, permitindo mais espaço livre nas salas de aulas, o qual permitiria uma disposição dos alunos na sala, de forma menos ortodoxa e uma melhor interacção formandos/formadores.

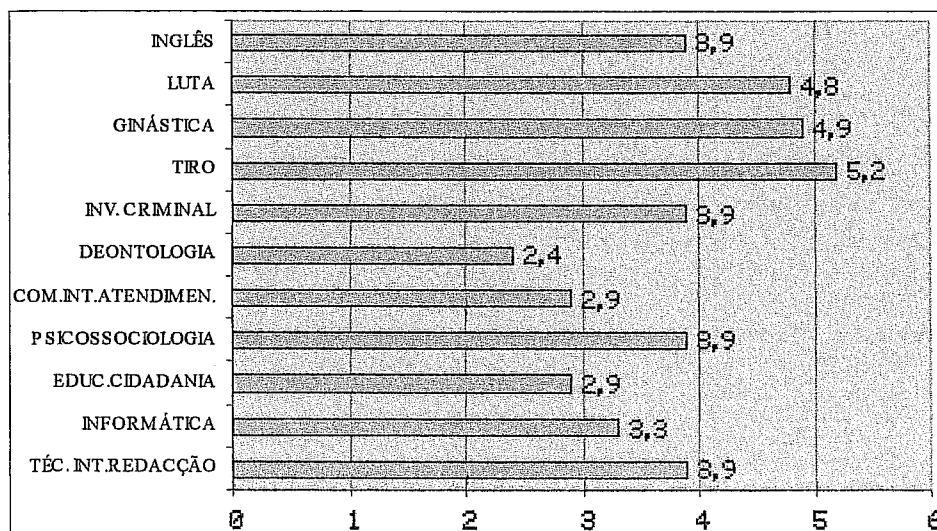


Gráfico 1 – percentagem de tempo por disciplina

mesma, sem deixar de identificar as exigências requeridas, pela sociedade, do exercício policial.

Quanto ao método ou caminho a prosseguir na formação é esperável que prossiga evoluindo sem deixar de ser pensada, a sua finalidade ou objectivos a atingir, a sequência didáctica dos conhecimentos, a adequação ao local, meio ambiente e humano e dos materiais, de forma a que seja possível, ao fim e ao cabo, aprender sempre mais e melhor com eventual menor esforço, gastos e tempo.

Partindo do pressuposto correcto de que formar significa, não só informar mas também educar, esta vertente formativa, que é de educar, será mais e mais viável, quanto mais a Polícia de Segurança, Pública que agora deixou a componenté militar onde reinava o preconceito “soldado raso não pensa”, fizer eco do étimo educar\*, colocando-o em prática e contribuindo assim para o desenvolvimento pessoal e cívico dos seus agentes. Para a guerra temos soldados, para a paz temos polícia, para apagar fogos temos bombeiros, os soldados (não polícias ) da paz.

Fazendo parte da formação policial, o estágio dos novos agentes, deverá ser acompanhado e avaliado pelos instrutores e monitores que lhes ministraram formação teórica na Escola Prática de Polícia porque, ao fim e ao cabo, lhes serviram de modelo. Os novos agentes sentir-se-ão mais apoiados e avaliados sem subjectividade acrescida, enquanto que as hierarquias profissionais serão reforçadas e não descredibilizadas. Das observações que os novos agentes fazem no “passa-palavra” de um ano lectivo para outro salientamos: “Isto aqui na Escola é muito bonito, mas depois, na prática, somos “lançados aos bichos”, querendo tal expressão significar que, quando entram na prática profissional os novos agentes são mal apoiados e os ensinamentos teóricos perdem sentido porque se sentem incapazes de os cumprir por múltiplas razões.

Também o tempo de formação é, de uma forma geral, reduzido para fazer formação profissional, que não tanto para a instrução.

---

\* Educar de “ex-ducere” com significado de “fazer sair”, “extrair”, “desabrochar”, “tirar de dentro”.  
Informar de “in + formar” com significado “de fora para dentro”.

GRELHA DAS DISCIPLINAS DA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE GUARDAS

1978

Quadro N.º 1

DISCIPLINAS	HORAS
Português	46
História	20
Geografia	10
Ciências	10
<b>SOMA</b>	<b>86</b>
Trânsito	60
Transmissões	12
Socorrismo	14
<b>SOMA</b>	<b>86</b>
Direito	46
Serviço Policial Urbano	42
<b>SOMA</b>	<b>88</b>
Ética Policial	20
Organização	8
Informações	14
Serviço Interno	25
Matemática	15
Topografia	8
<b>SOMA</b>	<b>90</b>
Ginástica Educativa	24
Luta de Defesa Pessoal	36
Desportos	46
Tiro Teórico	4
Tiro Prático	20
Ordem Unida	46
Manutenção da Ordem	14
Aulas Práticas	135
Comentários de Testes	20
Trabalhos de Estrada	6
Armamento	20
<b>SOMA</b>	<b>371</b>
<b>TOTAIS</b>	<b>721</b>

GRELHA DAS DISCIPLINAS DA ESCOLA PRÁTICA DE POLÍCIATORRES NOVAS1999/2000

Quadro N.º 2

<b>ÁREAS/DISCIPLINAS</b>	<b>HORAS</b>
<b>Área Psicossocial</b>	
Deontologia Profissional	25
Educação para a Cidadania	30
Psicossociologia	40
Comunicação Interpessoal e Atendimento	30
<b>SOMA</b>	<b>125</b>
<b>Área Geral</b>	
Técnicas de Interpretação e Redacção	40
Inglês	40
Informática	34
Transmissões	15
Socorrismo	15
<b>SOMA</b>	<b>144</b>
<b>Área Jurídica</b>	
Direito Penal	60
Noções Gerais de Direito	30
Direito Processual Penal	40
<b>SOMA</b>	<b>130</b>
<b>Área Técnica</b>	
Técnicas de Serviço Policial	138
Legislação e Segurança Rodoviária	90
Táctica Forças de Segurança	30
Investigação Criminal	40
Informações	15
Organização de Funcionamento da PSP	25
Módulos Interdisciplinares	40
<b>SOMA</b>	<b>378</b>
<b>Área Actividades Físicas e Profissionais</b>	
Ginástica Educativa	50
Luta e Defesa Pessoal	49
Armamento	15
Tiro	53
Ordem Unida	10
<b>SOMA</b>	<b>177</b>
<b>Diversos</b>	
Testes	19
Temas	6
Recepção e Instalações	30
Visitas de Estudo	6
Palestras	2
Treinos	8
Encerramento do Curso de Formação Geral	4
<b>SOMA</b>	<b>75</b>
<b>TOTAIS</b>	<b>1029</b>

## CAPÍTULO IV

# INVESTIGAÇÃO

## PLANO DE INVESTIGAÇÃO

Depois de termos descrito perspectivas teóricas dos conceitos de personalidade e identidade e abordarmos aspectos da formação dos agentes policiais, vamos agora formular a nossa hipótese:

**A personalidade dos agentes de Polícia de Segurança Pública enquadra-se nos parâmetros da população portuguesa.**

O que nos interessa detectar neste estudo e numa perspectiva psicodinâmica são as consequências que os agentes policiais sofrem, não só pela mudança de estilo de vida e profissão, mas também pelo confronto daí decorrente, pelo novo social do exercício profissional, regra geral, longe do grupo familiar e restante rede de apoio, numa profissão de risco e de elevada responsabilidade, sob o "controlo" da sociedade.

Partindo de uma população homogénea e normal, vamos constituir agrupamentos e testar diversas variáveis, na tentativa de encontrar eventuais diferenças significativas que possam, infirmar ou não, a nossa hipótese.

Na recolha bibliográfica que fizemos, consubstanciada em notas da comunicação social, acabamos por constatar que a ideia colhe alguma originalidade pela ausência de trabalhos de índole psicológica, sobre o tema, no nosso país. Assim, parece-nos ser este um primeiro estudo, deste género.

### PRETENDEMOS VERIFICAR

Se há diferenças nas dimensões da personalidade relativamente ao sexo, idade, tempo de exercício profissional ou experiência, influência do factor militar e habilitações literárias dos sujeitos da amostra.

## MÉTODO E MATERIAL UTILIZADO

Após a definição da área específica a investigar – A Personalidade dos Agentes da PSP – o nosso trabalho comportou, fundamentalmente, três fases que, em síntese, podemos resumir:

A primeira, circunscreveu-se à selecção do material a utilizar, à constituição da amostra a estudar e à autorização prévia para o estudo por parte da Escola Prática de Polícia, de Torres Novas.

A segunda, correspondeu à fase de recolha de dados e, a terceira, à do tratamento estatístico e discussão dos mesmos.

Analisemos, então, mais em detalhe o instrumento de que nos servimos e as etapas que percorremos.

## POPULAÇÃO

A população do estudo é constituída pelos sujeitos que, tendo optado pela profissão de Agente da Polícia de Segurança Pública, após candidatura e provas de admissão, foram seleccionados para a frequência do Curso de Formação de Guardas, N.º 07, 1998/1999 e pelos sujeitos, profissionais com seis a dezoito anos de serviço, como Guardas da Polícia de Segurança Pública, foram aprovados em concurso para a frequência do 34º Curso de Promoção a Subchefes, 1998/99, na Escola Prática de Polícia, sediada em Torres Novas.

A população do estudo caracteriza-se por sujeitos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os vinte e um e os trinta e oito anos de idade, num total de mil trezentos e sessenta e quatro sujeitos, com habilitações literárias que vão desde o 9º ano de escolaridade obrigatória até à licenciatura. A referida população é proveniente das mais diversas profissões, inclusive

ex-militares de carreira e é oriunda de todas as zonas geográficas do país e extractos sociais.

## AMOSTRA

Da população objecto do nosso estudo, constituímos, aleatoriamente, uma amostra de sujeitos, voluntários, num total de cento e trinta e cinco sujeitos participantes (cerca de 10% da população), homens e mulheres, com idades compreendidas entre os vinte e um e os trinta e oito anos de idade e com habilitações literárias compreendidas entre o 9º ano de escolaridade e a formação universitária. Das diversas profissões que os participantes da amostra exerciam antes de se candidatarem e de exercerem a profissão policial, quarenta e três elementos exerciam a profissão de militar de carreira, ou seja, 31,85% da amostra.

Os quadros que se seguem pretendem ser representativos das principais características da amostra, quanto aos dados pessoais, idade, habilitações literárias, sexo e profissão.

Quadro N.º 3 - Idade e sexo dos sujeitos da amostra

Idade	Masculino	Percentagem	Feminino	Percentagem	Totais	Percentagem
21/23	32	94,11	2	5,88	34	25,18
23/24	28	84,84	5	15,15	33	24,44
25/27	8	100	0	-	8	5,79
28/30	26	86,66	4	13,33	30	22,22
31/33	19	90,47	2	9,25	21	15,1
34/38	5	55,55	4	44,44	9	6,66
Totais	118	87,4	17	12,59	135	100

Quadro N.º 4 - Idade e sexo

## Subgrupo – Agentes

Idade	Masculino	Percentagem	Feminino	Percentagem	Totais	Percentagem
21/23	32	94,11	2	5,88	34	45,33
23/24	28	84,84	5	15,15	33	44
25/27	8	100	-	-	8	10,66
Totais	68	90,66	7	9,33	75	100

Quadro N.º 5 – Idade e sexo

## Subgrupo – Subchefes

Idade	Masculino	Percentagem	Feminino	Percentagem	Totais	Percentagem
28/30	26	86,66	4	13,13	30	50
31/33	19	90,47	2	9,52	21	35
34/38	5	55,55	4	44,44	9	15
Totais	50	83,33	10	16,66	60	100

Quadro N.º 6 - Sexo e profissão

	Militares	Percentagem	Não-militares	Percentagem	Totais	Percentagem
Feminino	3	17,64	14	82,35	17	12,59
Masculino	40	33,89	78	66,10	118	87,4
Totais	43	31,85	92	68,14	135	100

Quadro N.º 7 - Habilitações literárias

Habilitações	Feminino	Percentagem	Masculino	Percentagem	Totais	Percentagem
9º ano	2	5,12	37	94,87	39	28,88
10º ano	0	-	5	100	5	3,7
11º ano	5	20	20	80	25	18,51
12º ano	10	15,38	55	84,61	65	48,14
Univers.	0	-	1	100	1	0,74
Totais	17	12,59	118	87,4	135	100

Quadro N.º 8 - Profissão por sexo

	Militar	Não militar	Total
Masculino	40	78	118
Feminino	4	14	17
Total	43	92	135

Quadro N.º 9 - Profissão por grupos

	Militar	Não militar	Total
Subchefes	6	54	60
Agentes	37	38	75
Total	43	92	135

Quadro N.º 10 - Habilitações literárias

## Subgrupo – Agentes

Habilitações	Feminino	Percentagem	Masculino	Percentagem	Totais	Percentagem
9º ano	0	-	31	100	31	41,33
10º ano	0	-	3	100	3	4
11º ano	3	37,5	5	62,5	8	10,66
12º ano	4	12,12	29	87,87	33	44
Univers.	0	-	0	-	0	-
Totais	7	9,33	68	90,66	75	100

Quadro N.º 11 - Habilitações literárias

## Subgrupo – Subchefes

Habilitações	Feminino	Percentagem	Masculino	Percentagem	Totais	Percentagem
9º ano	2	25	6	75	8	13,33
10º ano	0	-	2	100	2	3,33
11º ano	2	11,76	15	88,23	17	28,33
12º ano	6	18,75	26	81,25	32	53,33
Univers.	0	-	1	100	1	1,66
Totais	10	16,66	50	83,33	60	100

Quadro N.º 12 – Habilitações literárias

## Subgrupo – Não-militares

Habilitações	Feminino	Percentagem	Masculino	Percentagem	Totais	Percentagem
9º ano	0	-	18	100	18	41,86
10º ano	0	-	3	100	3	6,97
11º ano	1	25	3	75	4	9,3
12º ano	1	5,55	17	94,44	18	41,86
Totais	2	4,65	41	95,34	43	100

Quadro N.º 13 – Habilitações literárias

## Subgrupo – Não-militares candidatas a Subchefes e a Agentes

Habilitações	Candidatos a Subchefes		Candidatos a Agentes		Percentagem
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	
9º ano	0	1	0	17	41,86
10º ano	0	0	0	3	6,97
11º ano	0	3	1	0	9,3
12º ano	0	2	1	15	41,86
Totais	0	6	2	35	100

## MATERIAL UTILIZADO

O instrumento utilizado foi o Inventário de Personalidade NEO-PI-R de Paul Costa e Robert McCrae, traduzido e aferido para a população portuguesa por Margarida Pedroso de Lima e António Simões, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra.

O referido instrumento é uma medida das cinco principais dimensões ou domínios da personalidade, assim como de traços que definem cada um dos domínios. No seu conjunto, o Inventário possui 240 itens em que a resposta é dada aos mesmos segundo uma escala tipo Likert, entre “DF – discordo fortemente”, “D – discordo”, “N – neutro”, “C – concordo” e “CF – concordo fortemente”. O Inventário é constituído por cinco escalas respeitantes aos domínios seguintes: N – Neuroticismo, E – Extroversão, O – Abertura à Experiência, A – Amabilidade e C – Conscienciosidade. As trinta escalas das facetas que se seguem permitem uma avaliação compreensiva da personalidade adulta. Assim, contribuem para a avaliação do domínio do Neuroticismo (N) as escalas: N1 – Ansiedade, N2 – Hostilidade, N3 – Depressão, N4 – Auto-conscienciosidade, N5 – Impulsividade e N6 – Vulnerabilidade; O domínio Extroversão (E) é avaliado pelas escalas : E1 – Calor, E2 – Gregaridade, E3 – Assertividade, E4 – Actividade, E5 - Procura de excitação e E6 – Emoções Positivas; As facetas do domínio Abertura (O) são-nos dadas pelas escalas: O1 – Fantasia, O2 – Estética, O3 - Sentimentos, O4 - Acções, O5 – Ideias e O6 - Valores; A Amabilidade (A) é avaliada pelas escalas: A1 – Confiança, A2 – Rectidão, A3 – Altruísmo, A4 – Complacência, A5 – Modéstia e A6 – Coração Mole. Finalmente, as facetas da Conscienciosidade (C) são-nos dadas pelas escalas: C1 – Competência, C2 – Ordem, C3 – Dever, C4 – Luta pela Aquisição, C5 – Auto-disciplina e C6 – Deliberação. São exemplos de itens: De N1 – Ansiedade, itens como “Não sou uma pessoa muito ocupada” e de E6 – Emoções Positivas, itens como “Para dizer a verdade nunca pulei de alegria”.

O Inventário NEO-PI-R é considerado apropriado para testar sujeitos com dezassete anos ou mais de idade e que não sofram de perturbações

(exemplo, psicoses, demência, etc.) susceptíveis de afectar a sua capacidade para, de forma fiel e válida, responder a itens de auto-avaliação. A nosso ver o NEO-PI-R é compatível com o modelo freudiano por que optamos, pois a ambos subjaz a personalidade como estrutura.

## APLICAÇÃO

Obtida a autorização do Exm.º Director Comandante da Escola Prática de Polícia, em Torres Novas, Superintendente Chefe, Cunha Lima, o Inventário foi ministrado em grupo, no local mais apropriado para o efeito, no anfiteatro da Escola, no mês de Junho de 1999, sendo a população da amostra desdobrada em dois grupos: Num dia, foi ministrado o Inventário aos candidatos a Agentes e, na semana seguinte, aos candidatos a Subchefes. Antes, porém, dos sujeitos iniciarem a tarefa, foram prestados esclarecimentos, nomeadamente, os constantes da folha de rosto do Inventário, a fim de evitar eventuais anulações de testes, devido à incorrecta colocação de respostas. Foi suscitada a boa vontade dos participantes.

No final da passagem dos testes e à medida em que os mesmos foram sendo entregues (não houve tempo pré-fixado para dar respostas), fomos verificando se todos os itens tinham sido respondidos, o que de facto aconteceu. Seguidamente e antes de contabilizar quaisquer dados, constatámos que nenhum teste apresentava 150 ou mais respostas, ou 50 ou menos respostas com "concordo" ou "concordo fortemente", pelo que, o fenómeno da aquiescência ou de discordância, não é relevante para a avaliação dos dados.

As primeiras questões do Inventário investigam a idade, o sexo, a escolaridade e a profissão que os sujeitos exerciam antes de se candidarem à PSP, nomeadamente se eram ou não eram, então, militares de carreira. Ao grupo da amostra candidatos a Subchefes, foi-lhe perguntado o tempo de serviço que, efectivamente, tinham na PSP.

## COTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A cotação dos resultados por facetas é feita pela adição das pontuações, em linha, na folha de respostas e, o total de cada domínio é feito através da adição dos totais das respectivas facetas.

Finda a cotação dos dados, constituímos grupos, segundo o tempo de experiência que os sujeitos da amostra tinham. Dado que os candidatos a agentes não têm qualquer experiência, designamos este grupo por Agentes. Dos sujeitos da amostra que tinham mais de seis anos de experiência, constituímos um grupo que designamos Subchefes, por serem candidatos àquele posto profissional. Este grupo é também o que tem mais idade, variável que, mais à frente, trabalharemos. Designamos por Militares o grupo que é constituído por sujeitos da amostra que, antes de ingressarem na Polícia de Segurança Pública, foram militares. Finalmente, designamos por Não-militares o grupo constituído pelos sujeitos da amostra que nunca foram militares.

Começamos por introduzir e tratar os dados das respostas ao Inventário NEO-PI-R, em computador, no programa estatístico S.P.S.S. (Statistical Package for the Social Sciences), os quais se encontram em anexo. Procuramos verificar se havia diferenças estatisticamente significativas (superiores a 0,05 no índice de significância) nomeadamente entre o grupo de Subchefes e o grupo de Agentes, nos domínios que o inventário contém: Neuroticismo, Extroversão, Abertura, Amabilidade e Conscienciosidade.

Quadro N.º 14 – Diferenças dos domínios nos grupos Subchefes/Agentes

DOMÍNIO	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes
NEUROTICISMO	89.22	69.05	20.11	14.50	6.762	6.527	0.000	0.000
EXTROVERSÃO	110.47	118.96	18.16	12.53	- 3.208	- 3.083	0.002	0.003
ABERTURA	114.40	115.20	16.13	16.41	- 0.284	- 0.284	0.777	0.777
AMABILIDADE	119.40	124.63	14.65	12.65	- 2.223	- 2.187	0.028	0.031
CONSCIENCIOSIDADE	120.68	134.92	23.54	14.31	- 4.334	- 4.116	0.000	0.000

Dos resultados obtidos e constantes do anexo fizemos o quadro n.º 1 supra, no qual se verifica que podemos afirmar, com 95% de probabilidade de não errar, que há diferenças significativas entre o grupo de Subchefes e o de Agentes, no domínio de Neuroticismo, uma vez que a significância é de 0,000 e o valor da média é de 89,22 para Subchefes e 69,05 para os Agentes. O grupo de Subchefes é, pois, mais neurótico que o grupo de Agentes e a diferença entre os grupos não se deve ao acaso.

O domínio Extroversão, com índices de significância de 0,002 e 0,003, respectivamente, nos Subchefes e no grupo de Agentes (valores inferiores ao limite de significância 0,05) apresenta média de 110,47 no grupo de Subchefes e 118,96 no grupo de Agentes, razão pela qual podemos dizer que há diferenças significativas entre os grupos, sendo os Subchefes menos extrovertidos.

Seguindo o quadro anterior, o domínio Abertura, embora apresente diferenças na média entre os grupos Subchefes e Agentes, uma vez que apresenta uma significância superior a 0,05, ou seja 0,777, não podemos afirmar que tal diferença é significativa.

Conforme o quadro evidencia, tanto no domínio Amabilidade como no domínio Conscienciosidade, há diferenças significativas entre os grupos Subchefes e Agentes. Assim é que, o grupo Subchefes apresenta médias de 119,40 e 120,68, respectivamente, nos domínios Amabilidade e Conscienciosidade, contra, respectivamente, 124,63 e 134,92 de médias naqueles mesmos domínios, no grupo de Agentes, razão pela qual afirmamos que o grupo Agentes tem mais Amabilidade e Conscienciosidade que o grupo de Subchefes.

Em síntese, há diferenças significativas entre os grupos Subchefes e Agentes nos domínios Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade. O grupo Subchefes é mais neurótico que o grupo Agentes e o grupo Agentes apresenta maior extroversão, maior amabilidade e mais conscienciosidade que o grupo Subchefes.

Quanto ao domínio Neuroticismo (vide quadro supra) verifica-se, numa análise mais fina dos resultados, que concorrem para o seu mais elevado

índice no grupo Subchefes, os índices obtidos nas facetas Ansiedade, Hostilidade, Depressão, Auto-conscienciosidade, Impulsividade e Vulnerabilidade, todos eles mais elevados no grupo de Subchefes que no grupo de Agentes. Assim, podemos afirmar que o grupo Subchefes é mais neurótico que o grupo Agentes, porque o grupo Subchefes é mais ansioso, mais hostil, mais depressivo, mais auto-consciencioso, mais impulsivo e mais vulnerável.

Quadro N.º 15 – Diferenças nas facetas do domínio Extroversão

FACETA	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes
CALOR	21.12	23.35	3.93	3.17	- 3.650	- 3.564	0.000	0.001
GREGARIDADE	16.37	20.76	5.15	4.57	- 5.242	- 5.173	0.000	0.000

Quanto à dimensão Extroversão, há diferenças significativas entre o grupo Subchefes e o grupo Agentes. Estes, apresentam valores mais elevados do que aqueles, devido às facetas Calor e Gregaridade, fundamentalmente. Na primeira faceta (Calor), o grupo Agentes apresenta uma média de 23,35 contra uma média de 21,12 do grupo Subchefes. Na faceta Gregaridade o grupo Agentes tem uma média de 20,76 e o grupo Subchefes de 16,37. Podemos então dizer que o grupo Agentes é mais extrovertido que o grupo Subchefes, porquanto apresenta média superior no referido domínio, mas para isso, concorrem sobretudo as facetas Calor e Gregaridade, as quais se evidenciaram entre Assertividade, a Procura de Excitação, Emoções Positivas e Criatividade, facetas estas onde, em rigor, não se pode dizer que haja diferenças significativas respeitantes aos grupos em estudo.

Quadro N.º 16 – Diferenças nas facetas do domínio Abertura

FACETA	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes
FANTASIA	20.07	18.05	4.15	4.75	2.587	2.626	0.011	0.010
ACÇÕES	16.88	18.52	3.52	3.54	- 2.674	- 2.676	0.008	0.008
VALORES	17.98	19.15	3.44	2.69	- 2.203	- 2.144	0.029	0.034

No respeitante à dimensão Abertura, não encontramos diferenças significativas entre os grupos, no seu todo ( $\text{sig} = 0,777$ ). No entanto, uma análise mais pormenorizada permite-nos afirmar que o grupo Subchefes apresenta uma diferença significativamente superior ao grupo Agentes na faceta Fantasia e, pelo contrário, o grupo Agentes apresenta diferença significativamente superior ao grupo Subchefes na faceta Acções e na de Valores.

As restantes facetas do domínio Abertura não apresentam diferenças significativas entre os grupos em estudo.

Quadro 17 – Diferenças nas facetas do domínio Amabilidade

FACETA	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes
CONFIANÇA	17.08	19.48	4.26	3.57	- 3.558	- 3.489	0.001	0.001
ALTRUISMO	22.45	23.88	3.12	3.46	- 2.493	- 2.522	0.014	0.013
CORAÇÃO MOLE	22.77	21.53	2.85	2.93	2.454	2.466	0.015	0.015

Para análise do quadro N.º 17 supra, constatada que foi a diferença significativa entre o grupo Subchefes e o grupo Agentes, no atinente ao domínio Amabilidade, o que nos permite afirmar que o grupo Agentes é mais amável que o grupo de Subchefes, podemos agora dizer que, para que tal acontecesse, concorreram as facetas Confiança e Altruísmo, respectivamente, com as médias 19,48 e 23,88 no grupo de Agentes, contra, respectivamente 17,08 e 22,45 do grupo de Subchefes. Na faceta Coração Mole verifica-se que a diferença entre os grupos é significativa, apresentando o grupo Agentes 21,53 de média e o grupo Subchefes 22,77. Assim, o grupo de Agentes é mais amável que o grupo de Subchefes, porque é mais confiante e altruísta.

Não têm significância estatística as facetas Rectidão, Complacência e Modéstia e o grupo Subchefes é mais Coração Mole.

Quadro N.º 18 – Diferenças nas facetas do domínio Conscienciosidade

FACETA	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes	Subchef.	Agentes
ORDEM	19.77	21.57	4.86	3.31	- 2.562	- 2.459	0.012	0.016
DEVER	22.95	24.23	3.88	2,92	- 2.182	- 2.115	0.031	0.037
LUTA AQUISIÇÃO	20.82	22.73	3.81	3.07	- 3.240	- 3.164	0.002	0.002
AUTO-DISCIPLINA	19.68	23.13	4.30	3.00	- 5.485	- 5.277	0.000	0.000
DELIBERAÇÃO	18.20	21.17	4.83	3.67	- 4.068	- 3.948	0.000	0.000

Finalmente, quanto ao grupo de Subchefes e de Agentes, relativamente à dimensão Conscienciosidade, verifica-se haver diferenças significativas entre os grupos, tendo o grupo Agentes mais elevado índice de conscienciosidade, fundamentalmente devido às médias mais elevadas que apresenta nas facetas Ordem, Dever, Luta pela Aquisição, Auto-disciplina e Deliberação. A faceta Competência não permite estabelecer diferença significativa.

Avaliados os dados face aos domínios e aos grupos de Subchefes e de Agentes, quisemos saber como se comportaria a variável Militar/Não Militar perante os resultados, ou seja, em relação aos sujeitos da amostra que foram militares antes de ingressarem na PSP e em relação aos sujeitos da amostra que não foram militares, nos cinco domínios.

Quadro N.º 19 – Diferenças dos domínios nos grupos Militar/Não-militar

DOMÍNIO	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.
NEUROTICISMO	70.51	81.52	16.10	20.58	- 3.092	- 3.377	0.002	0.001
EXTROVERSÃO	115.74	114.92	16,16	15.71	0.280	0.277	0.780	0.783
ABERTURA	113.67	115.39	18.26	15.27	- 0.571	- 0.535	0.569	0.594
AMABILIDADE	121.58	122.64	13.02	14.16	- 0.415	- 0.428	0.679	0.669
CONSCIENCIOSIDADE	134.93	125.63	15.04	21.63	2.544	2.891	0.012	0.005

Do tratamento estatístico dos resultados obtidos no Inventário NEO-PI-R, construímos o quadro supra, para uma mais clara leitura dos mesmos. Pela análise do mesmo, constatamos que há diferenças significativas entre os grupos Militar e Não-Militar, nos domínios Neuroticismo e Conscienciosidade.

Os domínios Extroversão, Abertura e Amabilidade não nos permitem estabelecer diferenças significativas entre os referidos grupos (sig. > 0,05). Assim, o grupo Militar apresenta uma média de 70,51 no domínio Neuroticismo contra uma média de 81,52 do grupo Não Militar no mesmo domínio, significando então que o grupo Militar é menos neurótico que o grupo Não Militar.

Quanto ao domínio Conscienciosidade há também diferenças significativas entre os grupos Militar e Não-Militar. O grupo Militar apresenta uma média de 134,93 e o Não-Militar uma média de 125,63, no domínio Conscienciosidade, o que permite dizer que o grupo Militar é mais consciencioso que o Não-Militar

Quadro N.º 20 – Diferenças nas facetas do domínio Neuroticismo

FACETA	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.
ANSIEDADE	15.12	17.41	4.20	4.34	- 2.894	- 2.927	0.004	0.004
HOSTILIDADE	9.88	11.66	3.69	4.30	- 2.339	- 2.474	0.021	0.015
DEPRESSÃO	10.30	13.05	3.52	4.70	- 3.414	- 3.785	0.001	0.000
VULNERABILIDADE	8.05	10.16	2.89	4.02	- 3.095	- 3.477	0.002	0.001

Quanto às facetas de Neuroticismo na variável Militar/Não Militar que determinam uma significância entre os grupos Militar/Não Militar, tal diferença ficou a dever-se às facetas Ansiedade, Hostilidade, Depressão e Vulnerabilidade, que assim concorrem com as médias, respectivamente, de 15,12; 9,88; 10,30 e 8,05, razão pela qual afirmamos que, os sujeitos da amostra, que foram militares antes de ingressarem na P.S.P., são significativamente menos neuróticos do que o grupo dos sujeitos que não foram militares.

Sobre as facetas do Neuroticismo, Auto-conscienciosidade e Impulsividade, o seu índice de significância não nos permite afirmar a existência de diferenças nos grupos.

Quadro N.º 21 – Diferenças nas facetas dos domínios Conscienciosidade

FACETA	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.	Militar	Não-Mil.
COMPETÊNCIA	22.40	21.28	2.41	3.65	1.820	2.102	0.071	0.038
ORDEM	21.79	20.29	3.71	4.28	1.971	2.078	0.051	0.040
LUTA AQUISIÇÃO	22.91	21.40	3.73	3.35	2.343	2.252	0.021	0.027
AUTO-DISCIPLINA	23.09	20.90	3.52	4.04	3.051	3.207	0.003	0.002

As facetas que concorrem para a diferença significativa do domínio Conscienciosidade nos grupos Militar e Não-Militar, foram as facetas Competência, Ordem, Luta pela Aquisição e Auto-disciplina, respectivamente com 22,40; 21,79; 22,91 e 23,09, médias respeitantes ao grupo Militar e, deste modo o grupo Militar se apresenta mais consciencioso. Nas facetas Dever e Deliberação os dados estatísticos não nos permitem afirmar que os grupos em questão tenham diferenças significativas.

Em síntese: O grupo Militar é significativamente menos neurótico e tem mais conscienciosidade que o grupo Não-Militar.

Depois de termos analisado os dados resultantes das respostas ao Inventário, para verificar as diferenças entre o Grupo de Subchefes e o grupo de Agentes, quanto aos domínios que o Inventário mede, fizemos a análise ao comportamento da variável "Militar/Não-Militar". Qual será o comportamento da variável sexo no Inventário? Que diferenças significativas haverá entre homens e mulheres nos cinco domínios que o Inventário mede?

Quadro N.º 22 – Diferenças nos domínios quanto ao sexo

DOMÍNIO	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Mascul.	Femin.	Mascul.	Femin.	Mascul.	Femin.	Mascul.	Femin.
NEUROTICISMO	77.59	80.94	19.40	23.39	- 0.648	- 0.563	0.518	0.580
EXTROVERSÃO	115.03	116.29	16.42	10.95	- 0.308	- 0.415	0.758	0.681
ABERTURA	114.25	119.00	15.92	18.22	- 1,130	- 1.021	0.260	0.320
AMABILIDADE	122.16	123.29	12.92	19.15	- 0.316	- 0.236	0.752	0.816
CONSCIENCIOSIDADE	128.63	128.35	20.22	20.54	0.052	0.052	0.958	0.959



Fizemos o tratamento de dados e elaboramos o quadro supra, através do qual podemos concluir que, no que diz respeito à variável sexo, não há diferenças significativas em qualquer dos domínios (significância > 0,05).

Quadro N.º 23 – Diferenças nas facetas

FACETA	MÉDIA		DESVIO PADRÃO		VALOR T		SIG.	
	Mascul.	Femin.	Mascul.	Femin.	Mascul.	Femin.	Mascul.	Femin.
AUTO-CONSCIENC.	13.35	15.82	4.34	4.16	- 2.210	- 2.283	0.029	0.033
ESTÉTICA	19.43	23.76	4.84	5.04	- 3.431	- 3.327	0.001	0.003
SENTIMENTOS	20.08	22.00	3.60	3.22	- 2.085	- 2.267	0.039	0.033

No entanto, a faceta Auto-conscienciosidade do domínio Neuroticismo e as facetas Estética e Sentimentos do domínio Abertura, apresentam diferenças significativamente maiores no sexo feminino que no sexo masculino, nas mesmas facetas.

Assim, no grupo "Feminino" há mais Auto-conscienciosidade, Estética e Sentimentos.

Quisemos ainda saber se haveria diferenças significativas quanto à variável "habilitações literárias", relativamente às dimensões do Inventário.

Construímos quatro grupos de sujeitos: Grupo com o 9º ano de escolaridade, grupo com o 10º ano de escolaridade, grupo com o 11º ano e um derradeiro grupo com o 12º ano de escolaridade e utilizamos o procedimento estatístico ONEWAY ANOVA, como técnica para comparar as diferenças entre os quatro grupos, visto que eliminámos o grupo de habilitações literárias universitárias por ter apenas um sujeito.

Constatamos que não há diferenças significativas nos grupos de habilitações literárias relativamente às dimensões ou domínios do inventário. (Ver anexo)

Propusemo-nos saber se havia diferenças significativas entre os grupos de idades (21/25 anos; 28/30 anos; 31/33 anos; 34/38 anos) nos cinco domínios do Inventário, comparando os respectivos grupos.

Quadro N.º 24 – Diferenças entre domínios e grupos de idade

	GRUPO DE IDADES	Sig.de Scheffe
NEUROTICISMO Signif.=0.000 do F (rácio da média dos quadrados)	21 a 25 anos (média 69.05) < 28 a 30 anos (média 88.50)	0.000
	21 a 25 anos (média 69.05) < 31 a 33 anos (média 85.48)	0.002
	21 a 25 anos (média 69.05 < 34 a 38 anos (média 100.33)	0.000
AMABILIDADE Signif.=0.003 do F (rácio da média dos quadrados)	21 a 25 anos (média 124.63) > 28 a 30 anos (média 115.40)	0.018
	28 a 30 anos (média 115.40) < 34 a 38 anos (média 130.67)	0.030
COSNCIENCIOSIDADE Signif.=0.000 do F (rácio da média dos quadrados)	21 a 25 anos (média 134.92) > 28 a 30 anos (média 117.43)	0.001

Pela análise do quadro supra, concluímos que há diferenças significativas nos grupos de idades, no domínio Neuroticismo: O grupo de idades 21/25 anos é o menos neurótico e o grupo de 34/38 anos é o mais neurótico. Por sua vez o grupo de 31/33 anos o menos neurótico que o grupo de 28/30 anos.

Quanto ao domínio Amabilidade, o grupo de 28/25 anos é mais amável que o grupo de 28/30 anos. Este grupo, por sua vez, é menos amável que o grupo dos 34/38 anos. O grupo dos 34/38 anos é dos três grupos considerados o mais amável.

Do domínio Conscienciosidade, pela análise do quadro supra, concluímos que o grupo 21/25 anos é mais consciencioso que o grupo de 28/30 anos.

Quanto ao domínio Extroversão que apresenta uma significância de 0,18 do F (rácio da média dos quadrados), os testes Post Hoc não diferenciam os grupos de idades. (Ver anexo)

Assim, constam-se diferenças significativas entre os grupos acima referenciados, nas dimensões Neuroticismo, Amabilidade e Conscienciosidade, à excepção da dimensão Abertura onde o rácio das médias dos quadrados não é significativo (0,876).

Finalmente, na análise estatística do presente estudo, quisemos saber qual era o comportamento das dimensões do Inventário de personalidade, ou seja, quais as diferenças entre os domínios do mesmo sujeito.

Assim, realizamos os dois quadros que se seguem, extraídos e adaptados dos dados estatísticos em anexo, realçando um, as médias dos domínios emparelhados e o outro, o teste da amostra emparelhada, onde são evidenciadas diferenças das médias dos pares dos domínios e níveis de significância em face dos quais as conclusões se fundamentam.

Quadro N.º 25 – Emparelhamento estatístico da amostra para avaliação entre as dimensões no mesmo sujeito (T para amostras emparelhadas)

	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
1º PAR		
NEUROTICISMO	78.01	19.88
EXTROVERSÃO	115.19	15.81
2º PAR		
NEUROTICISMO	78.01	19.88
ABERTURA	114.84	16.23
3º PAR		
NEUROTICISMO	78.01	19.88
AMABILIDADE	122.30	13.77
4º PAR		
NEUROTICISMO	78.01	19.88
CONSCIENCIOSIDADE	128.59	20.19
5º PAR		
EXTROVERSÃO	115.19	15.81
ABERTURA	114.84	16.23
6º PAR		
EXTROVERSÃO	115.19	15.81
AMABILIDADE	122.30	13.77
7º PAR		
EXTROVERSÃO	115.19	15.81
CONSCIENCIOSIDADE	128.59	20.19
8º PAR		
ABERTURA	114.84	16.23
AMABILIDADE	122.30	13.77
9º PAR		
ABERTURA	114.84	116.23
CONSCIENCIOSIDADE	128.59	20.19
10º PAR		
AMABILIDADE	122.30	13.77
CONSCIENCIOSIDADE	128.59	20.19

Quadro N.º 26 – Teste da amostra emparelhada

DOMÍNIOS	MÉDIA	DESV. PADRÃO	VALOR T	SIG
1º PAR				
NEUROT.-EXTROVERSÃO	- 33.17	29.09	- 14.845	0.000
NEUROT.-ABERTURA	- 36.83	27.46	- 15.584	0.000
NEUROT.-AMABILIDADE	- 44.29	27.34	- 18.824	0.000
NEUROT.-CONSCIENCIOSID.	- 50.58	35.84	- 16.398	0.000
5º PAR				
EXTROVER.-ABERTURA	0.34	15.18	0.261	0.795
EXTROV.-AMABILIDADE	- 7.12	19.74	- 4.190	0.000
EXTROV.-CONSCIENCIOSID.	- 13.41	22.16	- 6.997	0.000
8º PAR				
ABERT.-AMABILIDADE	- 7.46	21.15	- 4.099	0.000
ABERT.-CONSCIENCIOSID.	- 13.75	24.83	- 6.434	0.000
10º PAR				
AMABIL.-CONSCIENCIOSID.	- 6.29	20.15	- 3.629	0.000

Perante os resultados obtidos e referidos nos dois quadros anteriores, podemos afirmar que há diferenças significativas nas dimensões seguintes: a Extroversão, a Abertura, a Amabilidade e a Conscienciosidade, cada uma por si mesma, apresentam valores significativamente superiores que o Neuroticismo, uma vez que têm médias superiores; a Amabilidade e a Conscienciosidade, cada uma por si mesma, tem valores significativos superiores ao da Extroversão e também superiores, cada uma por si, aos da Abertura; a Conscienciosidade é significativamente superior à Amabilidade.

No par Extroversão-Abertura, o índice de significância permite-nos dizer que não há diferenças significativas entre aqueles domínios.

Pela média dos pares estabelecidos, da amostra estatística emparelhada constatamos que os domínios: Conscienciosidade (128.59) é superior ao Amabilidade (122.30) e este é superior ao Extroversão (115.19) que, por sua vez, é superior ao Abertura (114.84) e este superior ao Neuroticismo (78.01).

Utilizando a técnica estatística Oneway Anova para testar a igualdade entre três ou mais médias, que no presente caso foi o de testar as dos quatro grupos de escolaridade, 9º, 10º, 11º e 12º anos de escolaridade, eliminado que

foi o grupo com habilitação literária universitária, por consistir num só sujeito, nas dimensões Neuroticismo, Extroversão, Abertura, Amabilidade e Conscienciosidade, verifica-se que não existem diferenças significativas na variável habilitações literárias. (Ver anexo)

Quanto ao domínio Extroversão que apresenta uma significância de 0.18 do F, rácio da média dos quadrados, os testes, Post Hoc, não diferenciam os grupos de idades. Assim, constata-se diferenças significativas entre os grupos acima referenciados, nas dimensões Neuroticismo, Amabilidade e Conscienciosidade, à excepção da dimensão Abertura, onde o rácio das médias dos quadrados não é significativo (0.876).

## SÍNTESE DOS RESULTADOS

Síntese dos dados obtidos nas respostas ao Inventário de Personalidade NEO – PI – R.

O referido Inventário permite avaliar os seguintes domínios e respectivas facetas:

O Neuroticismo é avaliado segundo as facetas: Ansiedade, Hostilidade, Depressão, Auto-conscienciosidade, Impulsividade e Vulnerabilidade;

A Extroversão é ponderada segundo as facetas: Calor, Gregaridade; Assertividade, Actividade, Procura de Excitação e Emoções Positivas.

O domínio Abertura é avaliado segundo as facetas: Fantasia, Estética, Sentimentos, Acções, Ideias e Valores.

A dimensão Amabilidade é medida segundo as facetas: Confiança, Rectidão, Altruísmo, Complacência, Modéstia e Coração Mole.

Finalmente o domínio Conscienciosidade é avaliado pelo resultado obtido nas seguintes facetas: Competência, Ordem, Dever, Luta pela Aquisição, Auto-disciplina e Deliberação.

### DIFERENÇAS SIGNIFICATIVAS ENCONTRADAS ENTRE OS DOMÍNIOS

No Neuroticismo, os Subchefes evidenciam maior Neuroticismo que os Agentes. Com efeito, aqueles apresentam maior Ansiedade, Hostilidade, mais Depressão, maior Autoconscienciosidade, Impulsividade e maior Vulnerabilidade.

No respeitante à Extrovesão, os Agentes são mais extrovertidos que os Subchefes. Este facto fica-se a dever a um mais elevado índice de Gregaridade e Calor.

Quanto à Abertura não há diferenças significativas entre os grupos. Contudo, a faceta Fantasia é mais significativa no grupo Subchefes e as facetas Acções e Valores são significativamente mais elevadas no grupo Agentes.

Por seu lado, quanto à Amabilidade, os Agentes apresentam maior Amabilidade que os Subchefes.

Os Agentes evidenciam maior Confiança e maior índice de Altruísmo que os Subchefes. Contudo, apresentam um índice mais elevado na faceta Coração Mole.

No domínio Conscienciosidade os Agentes apresentam mais elevado índice de Conscienciosidade que os Subchefes, evidenciando valores significativamente mais elevados nas facetas: Ordem, Dever, Luta pela Aquisição, Auto-disciplina e Deliberação.

Quanto à variável Militar/Não-Militar (ou seja, comparando os sujeitos da amostra que foram militares antes de serem admitidos na Polícia com os que não foram militares antes de serem admitidos na PSP) os resultados são estatisticamente significativos nos domínios:

Na dimensão Neuroticismo, o grupo dos Não-Militares apresenta índices mais elevados de Neuroticismo que o de Militares.

A Ansiedade, Hostilidade, Depressão e Vulnerabilidade é menor no grupo Militares.

No domínio Conscienciosidade, o grupo Militares evidencia valores maiores de Conscienciosidade que o grupo Não-Militares. Tais valores encontram-se, nas facetas Competência, Ordem, Luta pela Aquisição e Auto-disciplina, onde se verifica que o grupo Militares apresenta resultados significativamente mais elevados que o grupo Não-Militares.

Quanto à variável Sexo, constatam-se as seguintes diferenças significativas: Os sujeitos do sexo feminino apresentam índices significativamente mais elevados nas facetas Auto-conscienciosidade, Sentido Estético e Sentimentos, do que os sujeitos masculinos.

Quanto à variável Idade (fizemos quatro grupos : 21/25; 28/30; 31/33 e 34/38 anos) apresenta diferenças significativas na dimensão Neuroticismo: Os sujeitos do grupo 21/25 anos apresentam valores menores de Neuroticismo do que o grupo 31/33 (69,5 < 85,48) e este menores que o grupo 28/30 (85,48 < 88,5) e este outro, valores menores que o grupo 34/38 anos (88,5 < 100,33).

De um modo geral, os grupos de menor idade são menos neuróticos que os de mais idade, excepto o grupo de 31/33 anos, que é menos neurótico que o de 28/30 anos.

O grupo de 28/30 anos, apresenta, no contexto, menos Amabilidade e Conscienciosidade que o grupo 21/25 anos. Os sujeitos do grupo 34/38 anos são os que apresentam maior Amabilidade.

Não existem diferenças significativas nos domínios respeitantes à variável Escolaridade/Habilitações Literárias.

Emparelhadas as amostras, as diferenças entre as dimensões no mesmo sujeito evidenciam que a Extroversão, a Abertura, a Amabilidade e a Conscienciosidade são, cada uma por si, maiores que o Neuroticismo.

Tanto a Amabilidade como a Conscienciosidade são maiores que a Extroversão. A Amabilidade é maior que a Abertura, a Conscienciosidade, maior, também, que a Abertura e, além disso, também maior que a Amabilidade.

## DISCUSSÃO

Pelo tratamento estatístico dos dados extraídos das respostas que os sujeitos da amostra deram ao Inventário de Personalidade NEO-PI-R e, reportando-nos apenas aos domínios que o mesmo mede, concluímos:

- Que não há diferenças significativas entre os sujeitos da amostra no que diz respeito à variável habilitações literárias ou grau de escolaridade dos mesmos, em qualquer dos cinco domínios que o Inventário mede. Tal facto significa que, no contexto da amostra, as oscilações comportamentais, em termos de personalidade dos sujeitos, se num ou noutro caso as houver, tal ficar-se-á a dever ao acaso. Assim sendo, não é o facto de possuir mais ou menos escolaridade que faz com que em sujeito, militar ou não, novo ou velho, se sinta mais preocupado ou menos, se enerve ou se sinta mais amedrontado ou menos ansioso; as habilitações literárias não são factor de hostilidade nem de depressão. Não é por ter mais ou menos escolaridade, que um indivíduo, homem ou mulher, cede ou resiste aos seus impulsos e desejos, se torna mais ou menos vulnerável, simpático ou isolado socialmente, optimista, triste ou alegre;
- Que, igualmente, não há diferenças significativas na variável Sexo nos sujeitos da amostra, em qualquer dos domínios do Inventário;
- Que no domínio Abertura não há diferenças significativas em nenhuma das cinco variáveis tratadas: Subchefes/Agentes, Militar/Não-Militar, Sexo, Escolaridade e Idade. O aqui constatado significa que, o facto de um indivíduo ser agente policial, com largos anos de experiência ou sem experiência alguma, tenha ele sido ou não, militar, seja homem ou mulher, novo ou velho, com mais ou com menos escolaridade, isso nada tem a ver com a sua imaginação e capacidade de fantasiar, nada tem a ver com o seu sentido estético, quantidade e volume das suas emoções, valores, confiança, altruísmo, competência, etc.

No domínio Neuroticismo há diferenças significativas nas variáveis: Experiência Profissional, estudada sob a forma de grupos Subchefes/Agentes, Idade (grupo de idades) e, ter sido ou não ter sido militar, antes do ingresso na Polícia, o que designamos por "Militar/Não-Militar".

No domínio Extroversão há diferenças significativas na variável Subchefes/Agentes.

No domínio Amabilidade há diferenças significativas entre os grupos Subchefes/Agentes e nos grupos de Idade 21/25, 28/30 e 34/38 anos.

No respeitante ao domínio Conscienciosidade, as diferenças significativas que existem localizam-se nos agrupamentos: Subchefes/Agentes, Militar/Não-Militar e nos de idade 25/25 e 28/30 anos.

As diferenças significativas, dos domínios Neuroticismo e Conscienciosidade, verificam-se entre os mesmos agrupamentos: Subchefes/Agentes, Militares/Não-Militares e grupo de Idade, mas não de forma igual.

Ora perante tais resultados, a questão que se coloca é a de nos interrogarmos: O que pode explicar o facto do grupo Subchefes apresentar, de um modo significativo, maior neuroticismo do que o grupo Agentes?

O grupo Subchefes é constituído por sujeitos que têm uma experiência profissional de seis a dezoito anos e cuja idade se situa entre os 28 e os 38 anos.

A experiência tem a ver com aquilo que se faz, em que contexto é feito, com o significado que lhe é atribuído e as expectativas criadas. Ser profissional tem a ver com o ganhar a vida numa profissão e fazer aquilo que outro faria, sendo que o profissional o faz de modo mais perfeito ou apurado (desenvolveu capacidades para tal) e em mais curto espaço de tempo e com maior economia de meios.

A experiência profissional da Polícia é a de viver permanentemente em palco no teatro da sociedade, onde o Agente da Polícia tem, efectivamente, papéis antagónicos, por isso conflitivos, a desempenhar: Ajudar o cidadão,

garantir a segurança de pessoas e bens e, simultaneamente, actuar humana, civilizada e adequadamente perante o criminoso ou o delinquente.

Inquirimos ad hoc, quinze profissionais da polícia, todos com mais de sete anos de profissão, pedindo-lhes que referissem problemas com que tiveram de se deparar profissionalmente. Quantificar tais problemas sairia fora do âmbito do presente estudo e, por isso, referimos alguns somente: Falta de tempo para estar com a família, incompreensão familiar perante a profissão, separação familiar e distância entre o local de trabalho e a residência familiar. Outro problema referido prende-se com o conhecimento inicial do local onde vão trabalhar (desconhecimento da cidade, ambiente desconhecido dentro e fora das esquadras), com a imprevisibilidade dos horários de trabalho, com o trabalho por turnos de forma irregular, com a arrogância dos colegas mais antigos, a incompreensão e falta de apoio de colegas e superiores, desconfiança entre colegas e falta de camaradagem, situações de solidão, situações revoltantes e frustrantes em circunstâncias de risco, algumas detenções e baixa remuneração. Cerca de metade dos inquiridos já pensou, repetidamente, abandonar a profissão.

Ao colocar a questão da experiência profissional, surge, por contiguidade de pensamento, a questão da formação dos agentes. Será esta a mais adequada?

Quando em formação na Escola Prática de Polícia, os sujeitos estão em regime de internato, longe da família, visitando-a, por regra, semanalmente, excepto os naturais da Madeira e dos Açores. O apoio dos seus superiores não constitui motivo de queixa e, a camaradagem, para observador exterior, parece existir, pois formam-se pequenos grupos de interajuda em alturas críticas da avaliação da formação. Nota-se, contudo, uma grande competição pelo relativo e melhor resultado escolar entre pares, sobretudo no grupo de Subchefes.

O que pode explicar o maior índice de Neuroticismo no grupo dos Subchefes?

O problema pode ganhar alguma compreensibilidade através da avaliação subjectiva de alguns problemas que o profissional de polícia experiencia. Muitos desses problemas exigem uma decisão pública, pronta e

acertada, sem tempo moratória que lhe permita a harmonização do sentimento de autêntica identidade.

Desconhece-se os efeitos da experiência em profissionais de profissões similares como o são os elementos da Guarda Nacional Republicana e Polícia Judiciária.

Certo é que o grupo de Subchefes apresenta mais ansiedade, hostilidade e impulsividade.

As causas são várias. Umas, encontram-se, a nosso ver, no estilo de vida e contactos profissionais que têm com a sociedade e no que para eles isso representa porque os confronta. Impulsivos, são também mais vulneráveis e, por isso, também mais depressivos e auto-conscientes. O receio de serem mal sucedidos envergonha-os e atrapalha-os na sua insegurança porque, no fundo têm elevada auto-conscienciosidade, onde espreitam sentimentos de inferioridade. Interessante seria conhecer os mitos que carregam. Parece que cada polícia tem efectivamente um outro polícia na cabeça, polícia bem rigoroso e sádico, dizemos nós, que é o Superego. Não sendo psicóticos, neurotizam e deprimem-se.

A comunicação social é pródiga em relatos de casos de polícia onde esta se sente humilhada. Por exemplo, quando prende um infractor, este é levado a tribunal e, o juiz, depois de ouvir as explicações do preso, manda-o em liberdade. Por vezes, factos tais, ou similares, acontecem com tanta rapidez que, o então infractor, já está em liberdade e o agente policial ainda não teve tempo de registar o texto da ocorrência. O juiz e Inspector Geral da Administração Interna, Rodrigues Maximiliano, considera tais factos desmobilizadores\* .

A ideia de testar a variável Militar/Não-militar teve origem na reflexão de diversas questões: Na leitura de que Nicolae Ceausescu recrutava a sua guarda entre os mal amados; no facto de nós mesmos termos cumprido o serviço militar obrigatório entre 1959 e Setembro de 1964, o que nos permitiu ter um relativo conhecimento da vivência militar em situações de paz e de guerra, com todos os seus mitos e rituais e, tudo isso foi lembrado em nós, ao

---

\* In Jornal de Notícias, página 3, 20 de Maio de 2000.

vermos candidatos a polícia, nas formaturas, os rituais da continência, posição de sentido e os Compromissos de Honra, cerimónia de algum modo semelhante ao Juramento de Bandeira.

Analisando a oscilação dos dados da variável Militar/Não-militar, constata-se que o grupo de sujeitos da amostra que foram militares são significativamente menos neuróticos do que o grupo que não foi militar. Curioso é constatar que, das seis facetas que produzem o maior neuroticismo nos Subchefes, quatro são facetas que produzem o menor neuroticismo no grupo militar. Referimo-nos às facetas Ansiedade, Hostilidade, Depressão e Vulnerabilidade, ou seja: A formação militar parece colher resultados mais saudáveis. Qual a diferença entre a formação militar, e a policial? Não temos dados que fundamentem a questão. Seria, porventura, interessante estudar a questão junto da Guarda Nacional Republicana que, sendo uma força militar, tem funções de segurança idênticas às da Polícia de Segurança Pública. Entretanto, vamos tentar distinguir algumas questões relacionadas com a formação do espírito militar e com a formação do espírito policial.

Um militar é basicamente preparado, formado para a guerra. Um jovem adulto, tímido que fosse, era submetido, na recruta militar, a treinos físicos muito duros e, se os considerarmos, de algum modo, desumanos ou humilhantes, tais exercícios, pela sua repetição em ordem à criação de automatismos, sempre que culminados com êxito, produziam um sentimento de "heroicidade", de controlo físico e agilidade, de capacidade de tolerância a certas frustrações e favoreciam a aquisição de um melhor auto-conhecimento e mais elevada auto-estima. O refrão português, hoje em desuso, "a tropa ensina-te a ser homem", o atesta. Revelando o mito militar, é frequente ouvir-se ainda dizer que "a tropa é só para os homens". Força, abnegação, determinação, valentia, ousadia, coragem, honra, lealdade, morrer pela Pátria, obediência cega, soldado não é para pensar, cumpre, são alguns dos valores atribuídos ao sujeito militar. Se um soldado transgredir a lei, se comete um crime, responderá por ele, será responsabilizado, mas, regra geral, não é atribuída culpabilidade à sua formação nem à instituição a que pertence. Não são conhecidos, contudo, muitos casos desses, talvez pela menos

transparência social, talvez porque não tenham lugar. A função do militar, sendo também de segurança, é distinta da do agente policial.

O agente de Polícia de Segurança Pública, é preparado não para a guerra mas para a paz, não para atacar, mas para prevenir danos e crimes, para defender os cidadãos. O seu teatro de actuação é a rua e o bairro. Na Escola Prática de Polícia a disciplina que lhe é proposta e exigida é uma disciplina que tem a ver com o elevado número de pessoas, com a organização do tempo e espaço da própria escola. É nossa convicção que a formação policial decorre a bom ritmo, no sentido de formar cidadãos aptos tecnicamente, capazes de relações interpessoais satisfatórias e civicamente correctas.

Contudo, pressente-se que o pendor militar da organização policial, deixado pela PSP, há cerca de quinze anos, ainda está presente na mente de muitos dos seus activos. Efectivamente, muda-se mais rapidamente uma estrutura jurídica do que a mentalidade das pessoas. Tal facto, não explicando toda a intranquilidade dos seus agentes, não deixa de ter importância na sensibilidade manifestada ou incoberta, nas situações em que a imagem da polícia é denegrada. A mudança e a modernização da Polícia de Segurança Pública está em curso como duas nuvens em movimento, nuvens de contornos mal definidos que ora se cruzam, ora se fundem.

Ao fomentar a proactividade dos seus agentes, por vezes e paradoxalmente, a PSP parece não aproveitar milhões e milhões de neurónios, por razões míticas e do mito da indisciplina e da desautorização. Na formação de todos os seus quadros impõe-se trabalhar a confiança, a solidariedade e o mútuo apoio dos seus agentes.

A preparação física, psicológica e cívica deve, a nosso ver, ser intensificada a par das disciplinas de defesa pessoal e tiro para defesa pessoal. Talvez uma mais adequada organização permita ao polícia de giro fazer o chamado policiamento de proximidade, ajudando cidadãos e chamar à intervenção mais afoita em casos graves, outros colegas. Não é saudável, para um agente policial, exigir-se dele uma intervenção agressiva e, no momento seguinte, exigir-se que ajude a pessoa cega ou idosa a atravessar a rua.

Lembrando a lenda de Medusa, quem tem medo, mete medo. É imperioso, porque saudável para o próprio, indispensável para a sociedade e desejável para o todo policial, reduzir os sentimentos de inferioridade que geram a agressividade destemperada, por vezes, do agente policial. Em Portugal, nas cidades portuguesas, há problemas de insegurança, mas a esmagadora maioria dos cidadãos não é criminosa.

O problema da agressividade, tem factores que, por si só, são desencadeantes: Entre outros, referimos o grau de proximidade/intimidade entre as pessoas, a predisposição do indivíduo, o grau de conhecimento interpessoal, a densidade populacional e o grau de satisfação de vida e bem estar económico, que o sujeito percepção. Dito de outra forma, a agressividade depende também da forma como o sujeito lida com os seus objectos internos e do tempo necessário para encontrar o equilíbrio psíquico. O que é estranho amedronta-nos mais. Amedrontados, agredimos ou sublimamos a agressão, fugindo. Muitos dos problemas, ditos racionais, com emigrantes negros, orientais ou ciganos, consubstanciam a angústia do estranho. A solução de tais problemas implica o concurso das diversas perspectivas económicas, sociais, culturais e do conhecimento efectivo dessas pessoas para que o mito seja desfeito.

Ao ritmo do pêndulo do relógio, o agente policial é criticado, ora pela sua actuação, ora pela sua omissão, sobretudo no caso dos chamados "pequenos delitos", assaltos de rua, vandalismo, etc.. Já em 1997<sup>\*</sup>, se dizia que a justiça era morosa e não os punia e que tais delitos eram aqueles que mais tinham aumentado e a que os cidadãos maior sensibilidade mostravam.

No ano em curso, segundo relatos da comunicação social, o aumento de tais delitos aumentou ainda mais. Como não há-de neurotizar um agente da

---

\* Estudo publicado por Ana Benavente et col.

Polícia de Segurança Pública que, fazendo o seu melhor na profissão, é frequentemente criticado pela sociedade; que trabalha, por vezes, em meio hostil e tem de cumprir a lei sem a transgredir e sem qualquer rede de apoio, ao longo dos anos?

Se prende um infractor e este, devido à sua idade, for inimputável e, por isso, logo posto em liberdade, o polícia não pode sentir-se bem. Se não actua sente-se mal.

Os dados do Inventário mostram-nos ainda que, quem mais neurotiza são os sujeitos do grupo de mais idade, o que corrobora a ideia de que a experiência profissional de polícia é neurotizante. Assim se explica também o facto do grupo Agentes apresentar, de modo estatisticamente significativo, maior índice de extroversão nas facetas Calor e Gregaridade, ou seja, os agentes, à medida em que vão tendo experiência profissional, vão perdendo o espírito gregário e caloroso, o que confirma a nossa afirmação e também a queixa dos agentes inquiridos, de que um dos problemas é o da solidão. O gosto de conversar com as pessoas e estabelecer laços de amizade que no início de profissão tinham, vai sendo perdido com a experiência.

Quanto à variável Abertura, onde não há diferenças significativas entre qualquer dos grupos, há duas notas, contudo, que não será dispiciendo focar, até porque parecem concorrer para a leitura que fazemos dos resultados: Trata-se de, com a experiência, os agentes policiais, recorrerem de modo significativo à fantasia, dando largas à imaginação e corpo ao refrão " a necessidade aguça o engenho", não se sabendo até que ponto não deliram pela insuportabilidade advinda da experiência. O facto de, cerca de metade dos agentes com mais de sete anos de serviço, dizer no inquérito que lhe fizemos, que já pensou deixar a profissão, indicia o desagrado do ambiente de trabalho e vai ao encontro de diversos estudos feitos em psicologia organizacional, onde a primeira opção da generalidade das pessoas, na escolha de trabalho, vai para o ambiente trabalho e, em segundo lugar, surge a remuneração e outros factores. Problemas de relações humanas?

Enquanto que o grupo Subchefes apresenta elevada fantasia, em relação ao grupo Agentes, estes têm valores significativamente mais altos na

faceta Acções e na faceta Valores. O grupo Feminino da amostra, apresenta mais elevados índices na faceta Estética e na faceta Sentimentos do que os restantes agrupamentos. Isto significa que o sexo feminino dá mais importância às coisas da arte e da beleza, às emoções, à empatia, que os homens da amostra.

Corroborando o que vem sendo dito, constata-se que na dimensão Amabilidade, o grupo Agentes, quando na formação profissional, se apresenta com elevados índices de confiança e de altruísmo. A diferença, em relação ao grupo Subchefes, é significativa mas, com o decorrer da vida profissional, com a experiência, perdem o altruísmo e a confiança para se tornarem menos Coração Mole, ou seja, mais duros. Curioso notar é que os valores da dimensão Amabilidade vão decrescendo com a experiência policial e à medida que a idade aumenta, verificando-se porém que, ao chegar ao grupo 34/38 anos, tais valores invertem-se. A tal facto não será estranho o índice elevado da fantasia, o que poderá gerar a “amabilidade do sorriso amarelo”, o cinismo.

Na dimensão Conscienciosidade, o grupo Agentes, que são também o agrupamento com menos idade e se está a preparar para exercer a profissão policial, apresenta índices estatisticamente significativos mais elevados que o grupo Subchefes, nas facetas Ordem, Dever, Luta pela Aquisição, Auto-disciplina e Deliberação. Logo, a experiência conduzi-los-á a perder tais características da sua personalidade. Pode-se dizer que a experiência em vez de os tornar mais organizados e interessados na excelência profissional, pelo contrário, os torna menos organizados (menos ordem e deveres, mas mais fantasia).

A dimensão Conscienciosidade apresenta no agrupamento Militar diferenças significativas: Os sujeitos que foram militares antes de ingressar na PSP são mais competentes, mais interessados (Luta pela Aquisição), mais ordeiros e mais auto-disciplinados.

Em síntese, a experiência policial neurotiza os seus agentes porque os torna mais ansiosos, mais hostis, mais impulsivos, com mais sentimentos de insegurança, de inferioridade e vergonha, mais depressivos e mais vulneráveis. A experiência policial torna-se assim penosa. Longe de provocar um melhor

estar, um sentimento de satisfação, pelo contrário, gera perdas de capacidade de calor humano e de gregaridade, perdas de confiança em si e nos outros, a perda de altruísmo, de valores e da sua expressão em acções. A experiência policial desfavorece a organização e o interesse e luta pela aquisição. Com menor neurotização, ou com melhores soluções para os problemas de ansiedade, hostilidade, depressão e vulnerabilidade, sobressai o grupo de sujeitos da amostra que foram militares, antes de ingressarem na polícia. Para além disso, este grupo evidencia-se pela competência, ordem, luta pela aquisição e porque é mais auto-disciplinado.

Esta situação da profissão policial é realçada pelas principais dimensões da personalidade dos polícias, comparativamente com a população portuguesa. A neurotização dos profissionais, sendo dolorosa, de modo algum fará do agente policial uma vítima, um herói ou um psicótico.

Por que é que o grupo Agentes, que é criteriosamente seleccionado e bem formado, pois os candidatos a agentes são mais conscienciosos, têm mais amabilidade, são mais calorosos e gregários, são mais auto-disciplinados, interessados na ordem e no dever, perdem estas qualidades à medida em que vão tendo mais experiência profissional?

Por que é que os jovens agentes passam a comportar-se como os agentes mais antigos perdendo capacidades notáveis de relações interpessoais e de boa saúde mental?

O mito de que a antiguidade é um posto, de que os mais antigos são mais capazes, sabem mais, fazem melhor que os mais novos, ainda está entranhado no corpo policial como uma vacina que impregna os novos agentes, logo a partir do estágio onde estes se "vêm perdidos e abandonados" restando-lhes o slogan "onde fores ter, faz como vires fazer". E assim, o esforço colocado na formação de novos agentes se torna inútil e prejudicial. Até pelo esforço económico dos cerca de mil e novecentos contos que são gastos na formação de cada agente, esta situação merece solução.

Quem tem capacidade efectiva para fazer uma boa selecção de pessoal, quem tem capacidade efectiva para cuidar dos pormenores de uma boa formação, será capaz de planear e executar cursos regulares de

reciclagem, com provas de avaliação, para os agentes mais antigos, sem esquecer os quadros intermédios na instituição e assim, levar à prática acções de desintoxicação do ambiente policial.

Não é correcto dizer-se que um elemento só por ser mais antigo é melhor, sabe mais, está mais interessado, é mais responsável e credível que um elemento mais novo, tal como não é correcto dizer isso, dos elementos mais novos, só porque são mais novos na profissão.

À polícia interessa aproveitar o melhor das ideias e capacidades, venha ele de elementos mais novos ou mais velhos. É do senso comum que nem todo o passado é mau, como nem todo o presente é bom.

Finalizando: O estudo feito, faz realçar a necessidade de dar mais atenção à comunicação interpessoal no todo policial, por ser aí que a falha se verifica.

Faz todo o sentido não permitir que o esforço da formação seja perdido a partir do estágio dos novos agentes.

Faz todo o sentido que a polícia seja uma força de segurança das pessoas e dos seus bens, cumpridora da lei, zelando pelo seu cumprimento, sem atitudes paranoídes de força, de valentia e ameaça, que seja internamente solidária, confiante e segura de si.

Faz todo o sentido que a profissão policial seja uma profissão digna, prestigiada, nobre e onde os seus profissionais se sintam realizados e a sociedade se reveja e sinta segura, pela confiança que nela deposita.

Este estudo fica aberto a posteriores contributos que o validarão ou não e que por certo serão peças importantes para uma melhor compreensão geral do tema.

## BIBLIOGRAFIA

1. Ajuriaguerra & Marcelli, Manual de Psicopatologia Infantil, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1991.
2. Balint, Michael, A Falha Básica – Aspectos Terapêuticos da Regressão, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.
3. Benavente, Ana et col. Direitos dos cidadãos em Portugal, Sociologia – Problemas e Práticas, N.º 24, 1997
4. Bergeret, Jean, A Personalidade Normal e Patológica, Climepsi Editores, Lisboa 1997.
5. Bleichmar, et col., A Psicanálise Depois de Freud, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1992
6. Bergeret, Jean, Psicologia Patológica – Teórica e Clínica, Climepsi Editores, Lisboa 1998.
7. Dewald, Paul, Psicoterapia – Uma Abordagem Dinâmica, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
8. Dias, Carlos Amaral, (A) Re-Pensar – Colectânea Psicanalítica, Edições Afrontamento, Porto, 1995.
9. Dias, Carlos Amaral, A Bondade e o Perdão, Editora Escher, S.ª, Coimbra, 1988.
10. Dias, Carlos Amaral, A problemática do Aborrecimento no Adolescente, Revista Psiquiatria Clínica, N.º 2, pp.153-156, 1981.
11. Dias, Carlos Amaral, A Psicanálise e a Coisa Sexual – De Baco a Platão, Revista Portuguesa de Psicanálise, N.º 12, Março de 1993, Edições Afrontamento, Porto.
12. Dias, Carlos Amaral, A relação com o Adolescente: Prolegómenos e Preliminares, Revista Psiquiatria Clínica, N.º 1, Supl., pp.93-101, 1980.
13. Dias, Carlos Amaral, Ali Babá – Droga: Uma Neurose Diabólica do Século Vinte, Escher, Fim de Século Edições, L.ª, Lisboa, 1991.
14. Dias, Carlos Amaral, Alves Fernando, Avenida de Ceuta, N.º 1, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 1995.
15. Dias, Carlos Amaral, Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Ur, Fenda Edições, L.ª. Lisboa, 1992.
16. Dias, Carlos Amaral, Espaço e Relação Terapêutica, Coimbra Editora, Limitada, Coimbra, 1983.
17. Dias, Carlos Amaral, Falas Públicas do Inconsciente, Quarteto Editora, Coimbra, 2000.
18. Dias, Carlos Amaral, Fleming, Manuela, A Psicanálise em Tempo de Mudança – Contribuições Teóricas a Partir de Bion, Edições Afrontamento, Porto, 1998.

19. Dias, Carlos Amaral, Monteiro, João Sousa, Eu Agora Já Posso Imaginar Que Faço, Editora Assírio & Alvim, Lisboa, 1989.
20. Dias, Carlos Amaral, O Dizer e o Falar, Revista Psicologia Clínica, N.º 1, Março de 1989, Escher Publicações, Lisboa.
21. Dias, Carlos Amaral, O Negativo – Ou o Retorno a Freud, Editora Fim de Século, Lisboa, 1999.
22. Dias, Carlos Amaral, O Que se Mexe a Parar: Estudos Sobre a Droga, Edições Afrontamento, Porto, 1979.
23. Dias, Carlos Amaral, Paixão, Rui, Regressão, Imagem do Corpo e Identificação Projectiva como Elementos Diferenciadores entre o Processo Evolutivo Adolescente e o Processo Psicótico. Texto fotocopiado, F.P.C.E. – U. C., s/d.
24. Dias, Carlos Amaral, Palcos do Imaginário – Textos Psicodramáticos, Fenda Edições, L.ª, Lisboa, 1993.
25. Dias, Carlos Amaral, Para uma Psicanálise da Relação, Edições Afrontamento, Porto, 1988.
26. Dias, Carlos Amaral, Só Deus em Mim se Opõe a Deus, Fenda Edições, L.ª, Lisboa, 1993.
27. Dias, Carlos Amaral, Sobre o Saber e a Ignorância, Revista Psicologia Clínica, N.º ¾, Novembro de 1990, Escher Publicações, Lisboa.
28. Dias, Carlos Amaral, Tabela para uma Nebulosa – Desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion, Editora Fim de Século, Lisboa, 1997.
29. Eiguer, Alberto, Pequeno Tratado das Perversões Morais, Climepsi Editores, Lisboa 1999.
30. Erikson, Erik H., Identidade, Juventude e Crise, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976.
31. Erikson, Erik H., Infância e Sociedade, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976.
32. Freud, Sig., CD, Obra Completa, Imago Editora Lt.ª, Rio de Janeiro.
33. Freud, Sigmund, Cinco Lições de Psicanálise – Contribuições à Psicologia do Amor, Imago Editora, L.ª, Rio de Janeiro, 1997.
34. Fromm, Erich, Psicanálise da Sociedade Contemporânea, Editora Guanabara Koogan S.A., Rio da Janeiro, 1983.
35. Gibello, Bernard, O Pensamento Incontido, Climepsi Editores, Lisboa 1999.
36. Gonçalves, Maria José, Fornelos, Margarida, Da Imitação à Identificação. Génese das Perturbações do Desenvolvimento do Eu, Revista Portuguesa de Psicanálise, N.º 7, Março de 1989, Edições Afrontamento, Porto.
37. Gonçalves, Maria José, Será Menino ou Menina? Ou a Génese da Identidade Sexual, Revista Portuguesa de Psicanálise, N.º 12, Março de 1993, Edições Afrontamento, Porto.

38. Grinberg, León, Culpa e Depressão, Climepsi Editores, Lisboa 2000.
39. Grinberg, León, Grinberg, Rebeca, Identidade e Mudança, Climepsi Editores, Lisboa 1998.
40. Hall, Calvin S., Lindzey, Gardner, Teorias da Personalidade, Vol. I, Editora Pedagógica e Universitária, L.<sup>a</sup>, São Paulo, 1978.
41. Jones, Ernest, Que é a Psicanálise?, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1977.
42. Kohut, Heinz, Psicologia do Self e a Cultura Humana – Reflexões Sobre uma Nova Abordagem Psicanalítica, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1988.
43. Lagache, Daniel, A Psicanálise, Editora Bertrand Brasil, Rio da Janeiro, 1991.
44. Laing, R.D., O Eu Dividido – Estudo Existencial da Sanidade e da Loucura, Editora Vozes, Petrópolis, 1991.
45. Laplanche, J., Pontalis, J.-B., Vocabulário da Psicanálise, Moraes Editores, Lisboa, 1970.
46. Lima, Margarida Pedrosa, NEO-PI-R, Contextos Teóricos e Psicométricos (“Ocean” or Iceberg), tese de doutoramento, Universidade de Coimbra, 1997
47. Mahler, Margaret, As Psicoses Infantis e Outros Estudos, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
48. Malpique, Celete, A Ausência do Pai, Edições Afrontamento, Porto, 1984.
49. Marcelli & Braconnier, Manual de Psicopatologia do Adolescente, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
50. Matos, António Coimbra de, Narcisismo e Depressão, Revista Portuguesa de Psicanálise, N.º 16, Edições Afrontamento, Porto, Setembro de 1997.
51. Matos, António Coimbra de, Percursos da Identidade: Processos Transformadores, Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria, N.º 11, 1996.
52. Milheiro, Jaime, Identificação – Projecção – Identificação Projectiva, Revista Portuguesa de Psicanálise, N.º 1, Fevereiro de 1985, Edições Afrontamento, Porto.
53. Paixão, Rui, Identificação, Identificação Projectiva e Identidade, Texto fotocopiado, F.P.C.E. – U.C., s/d.
54. Pérez-Sánchez, Manuel, Chbani, Hafsa, O Quotidiano e o Inconsciente – O que se Observa Torna-se Mente, Climepsi Editores, Lisboa 1998.
55. Pérez-Sánchez, Manuel, Segundo Ano de Vida – Uma Compreensão Psicanalítica, Casa do Psicólogo Livraria e Editora, L.<sup>a</sup>, São Paulo, 1998.
56. Rezende, António Muniz de, A Questão da Verdade na Investigação Psicanalítica, Papirus Editora, São Paulo, 1999.
57. Roudinesco, Elisabeth, Plow, Michel, Dicionário de Psicanálise, Editorial Inquérito, Mem Martins, 2000.

58. Santos, João dos, A Neurose de Angústia, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1984.
59. Santos, João dos, Eu Agora Quero-me Ir Embora – Conversas com João Sousa Monteiro, Editora Assírio & Alvim, Lisboa, 1990.
60. Santos, João dos, Monteiro, João de Sousa, "Ah, Mas é Muito Simples. Olha, tu Arranjas um Pincel, e Depois é só Ter Tinta...", Revista Psicologia Clínica, N.º 2, Dezembro de 1989, Escher Publicações, Lisboa.
61. Santos, João dos, Se Não Sabe Porque é Que Pergunta? – Conversas com João Sousa Monteiro, Editora Assírio & Alvim, Lisboa, 1988.
62. Scharfetter, Ch., Introdução à Psicopatologia Geral, Climepsi Editores, Lisboa 1997.
63. Spitz, René A., O Não e o Sim – A Gênese da Comunicação Humana, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1998.
64. Spitz, René, O Primeiro Ano de Vida, Livraria Martins Fontes Editora, L.<sup>a</sup>, São Paulo, 1996.
65. Stern, Daniel, Bebé Mãe: Primeira Relação Humana, Edições Salamandra, Lisboa, 1992.
66. Symington, Neville e Joan, O Pensamento Clínico de Wilfred Bion, Climepsi Editores, Lisboa 1999.
67. Symington, Neville, A Experiência Analítica, Climepsi Editores, Lisboa 1999.
68. Vaz, Maria da Piedade Simões Santana Pessoa, Aspectos Psicopedagógicos na Obra de E. Erikson, Revista Psychologica, N.º 4, F.P.C.E., U. C., 1990.